

1947 - 29/30

3.000

27

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1947 – ANO: XV - Nº 29-30

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANO XV

1947

TOMO XXIX



ESCOLA INDUSTRIAL DE CUIABÁ — 1947

Revista da Academia Matogrossense de Letras

Ano XV

1947

Tomos XXIX—XXX

SUMÁRIO

Sessão solêne de posse do Acadêmico Raimundo Maranhão (cadeira 23)

- I --- Palavras de abertura --- *pelo Presidente Mesquita*
- II --- Discurso de posse --- *pelo recipiendário*
- III --- Discurso de recepção --- *pelo academico Ulisses Cuiabano*

Trechos do "Poemas para você" --- *José de Mesquita*

Sonetos Clássicos --- *Rubens de Mendonça*

Tres Poemas --- *Oscarino Ramos*

O Jubileu arquiépiscopal do Arcebispo D. Aquino

- I --- Discurso do governador *Arnaldo de Figueiredo*
- II --- Resposta do homenageado
- III --- Discurso do desor. --- *Mesquita*
- IV --- Oração do academico *F. Ferreira Mendes*
- V --- Saudação do academico *Luis Philippe Pereira Leite X*

Sessão solêne de posse do acadsmico Arquimedes Lima (cadeira 13)

- I --- Palavras de bertura --- *pelo Presidente Mesquita*
- II --- Discurso de posse --- *pelo recipiendário*
- III --- Discurso de recepção --- *pelo academico Gervásio Leite*

Eça de Queiroz e a Imprensa --- *Faime de Vasconcelos*

Dois temperamentos e um confronto --- *Corsindio Monteiro (correspondente)*

Sessão solene de posse da academica Ana Luiza Prado Bastos (cadeira 27)

- I --- Discurso de posse --- *pela recipiendária*
- II --- Discurso de recepção --- *pela Presidente Mesquita*

A herva --- mate já foi ingrediente de feitiçaria --- *Francisco Leite (correspondente)*

Sessão Solêne de posse do academico Francisco Bianco Filho (cadeira 24)

- I --- Discurso de posse --- *pelo recipiendário*
- II --- Discurso de recepção --- *pelo academico Philogonio Correa*

PAGINAS DOS NOVOS;

Na inaguração do retrato do Patrono Mariano Ramos --- *Rosa Pensilvânia Ramos*

Se ... --- Soneto --- *Euricles Mota*

Olhos de mulher chorando --- *Newton Alfredo*

Coração que balança --- conto --- *João Benedito de Almeida*

REGIMENTO INTERNO

Atas

Sessão Solêne de Posse

— DO —

Acad. RAYMUNDO MARANHÃO AYRES

NA CADEIRA N. 23

Patrono -- Antonio Gonçalves de Carvalho

26 DE JANEIRO DE 1946



PALAVRAS DE ABERTURA

pelo Presidente da A. M. L. desor.
José de Mesquita

MEUS SENHORES:

A Academia não poderia melhor começar este ano auspicioso do seu jubileu de prata, que integrando o seu quadro social, pelo provimento das cadeiras criadas na reforma dos Estatutos, que elevou a 40 o número dos seus membros. Tivemos, ha pouco, as belas recepções de Jaime de Vasconcelos, Rubens de Mendonça e Gervásio Leite, cuja magnífica impressão ainda perdura em nossa memoria e cujos formosos discursos se arquivam nas paginas da Revista que acaba de sair, constituindo valiosa contribuição à nossa história literária. Empossa-se, hoje, Raimundo Maranhão Aires, eleito para a poltrona n. 23 do paraninfo Antonio Gonçalves de Carvalho — o Poeta de Flor de Neve. A lamentavel circunstância de um prolongado incomodo de saude, priva-nos de ter a nosso lado, dando-nos o prazer da sua amavel presença, o jovem e já illustre recepiendario, cujo substanciosa oração de posse vamos ouvir, através da leitura do nosso brilhante confrade Rubens de Mendonça. Em nome do sodalicio vai falar recebendo o novo academico, o consagrado poeta Ulisses Cuiabano. Para notadas, senhores, as curiosas coincidências que desejo pôr de manifesto: Raimundo, é bem um autên-

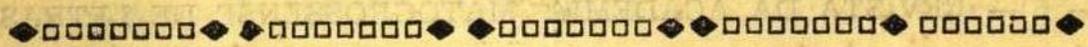
tico Maranhão, filho da gloriosa terra que mereceu o nome de Atenas brasiliense, e Ulisses, que o recebe, é bem um lídimo Cuiabano, nascido nesta mui leal e heroica cidade do Bom Jesus de Cuiabá — berço da Cultura matogrossense e que bem soube conservar, a par do primado politico, a hegemonia cultural. O Patrono, por sua vez, é um carioca, vale dizer natural da cidade que centralizando a vida administrativa e intelectual do país, representa o cérebro que, na sua prioridade psico-fisiologica, dirige e comanda o organismo.

Vêde bem, Snrs., quão expressivo este encontro — elemento, que nos traz à ideia admirável unidade da Patria, através de varias porções do seu todo indivizível — um nativo do longinquo Norte, radicado em nosso maravilhoso Leste, é acolhido por um cuiabano na Cadeira que tem como paraninfo um Carioca ligado pela inteligência e pelo afeto, a estas plagas interlandesas.

Como se caracteriza no sentido nacionalista esta festividade, a grandeza homogênea destes Brasis, que são um só Brasil — na lingua, na religião, na cultura e nos costumes — seja em Carolina, às margens plácidas do Tocantins seja em Guiratinga ou Cuiabá nos altos sertões oestinos ou seja na incomparável cidade — mulher de Alvaro Moreira, que vive à sombra secular do gigante de pedra reclinada sobre o alvo e macio coxim das praias guanabarinhas!

Esta festa Senhores, è bem um sarau típico da Cultura brasileira, realizando á justa, essa unidade da Patria de que falava nos seus arroubos de artista e brasileiro, o incomparável Afonso Arinos. E, ao abri-la, na minha função regimental de presidente da Academia, o faço com imensa efusão d'alma — a satisfação incontida de quem vê e sente no conjunto harmonioso desta noitada, nas musicas, nos versos e nos discursos que vamos aplaudir, dentro em pouco, a propria alma grande, bela e eterna da nossa Cultura a mais viva e perfumosa flor da Cultura latina em terras livres da America — a Cultura do nosso querido Brasil.

Está aberta a Sessão



DISCURSO DE POSSE pelo Recipiendário

Bem maior e mais significativa, é esta segunda vês que se me apresenta para vos talar desta tribuna, para este augusto recinto.

Conservo ainda vivamente, em minha memória, a homenagem que me prestastes, em Dezembro de 1940, quando aqui fui recebido como membro correspondente, desta Academia!

Por nímia gentileza vossa, aqui me tendes novamente, para uma investidura bem maior e mais expressiva!

Quiz a generosidade dos ilustres confrades deste silogeu que a minha colaboração fôsse mais estreita, mais direta, mais intensa. Não me quizeram deixar no recanto quieto das plagas garimpeiras, na classe dos correspondentes.

Sugeriram e apresentaram proposta para a transferência do meu nome à classe dos efetivos. E, por este motivo, hoje me encontro nesta tribuna como o sorteado ou escolhido para ocupar a cadeira n. 23, patrocinada por Antonio Gonçalves de Carvalho.

A honra que me proporcionais de formar ao vosso lado, promovendo-me ao posto de poder ombrear me convosco nesta vida acadêmica, é fruto exclusivo da lhaneza dos vossos espíritos e fidalguia dos vossos corações. É naturalmente um grande prêmio, em recompensa ao pouco que venho desenvolvendo no terreno literário e jornalístico deste Estado. É o tributo de gratidão pelo que tenho rabiscado e ás vezes escrito, como estímulo maior para a realização dos muitos sonhos e projetos guardados à espera dos dias melhores que hão de vir.

Estou certo de que, mais por influência do Destino, que pelo mérito, haja sido este modesto autor de «RONALD DE CARVALHO»—o eleito para ocupar a poltrona que tem como patrono, o nome de um poeta memorável, romancista festejado, novelista de escòl, jurista acatado, parlamentar eloquente, con-

tista aprimorado, abolicionista exaltado, jornalista talentoso, polígrafo de grande projeção que foi cenário das letras regionais! ..

Talvêz que, a própria ironia da sorte houvesse contribuído para que patrono e ocupante da poltrona n. 23. tenham nascido noutras plagas, noutras terras distantes.

Apesar disto, quero crer que, assim como o poeta da meiga e encantadora «Flor de Neve» amou com ardor este grande Estado e matarense da nação do Tocantins, que ora vos fala, haja também patenteado por vezes várias a sua admiração e estima por Mato Grosso, terra heróica de tantas tradições formosas!!!..

Como o cantor de belos versos harmoniosos e envolto de simplicidade e beleza, tenho procurado em meus trabalhos, realçar as grandezas e possibilidades, as florações mentais e focalizar os maiores luminares de nossa inteligência, num gesto espontâneo de reconhecimento em suas personalidades culturais e de admiração aos que lutam e trabalham pela grandeza da terra onde todos mourejam com o ideal único: vê-la próspera e maravilhosa!

XXXX

Ha dez anos em Mato Grosso, escrevendo em alguns jornais e revistas do Brasil, nestes dois lustros, aproveitando os pequenos momentos de descanso, esbocei alguns livros, que aguardam revisão e oportunidade para publicação.

Cuidando doutros encargos que me fornecem o pão cotidiano, a literatura para mim, tem sido mero diletantismo, distração, passa tempo.

Só escrevo nas horas de lazer e quasi sempre, apressado, sem tempo para pesquisas, para rebuscar, polir, burilar...

E por esta razão é que minha obra, na sua maioria esparsa pelos jornais, é simples, falha, pobre..

Ensaíos, crônicas, comentários, estudos, biografias, são os gêneros praticados com mais frequêcia, em minha faina de intelectual militante

Aqui foram forjados. Aqui receberam luz que lh'os favoreceu para serem ajustados. Aqui tudo sorria para que pouco a pouco fossem elaborados. Encontrei melhores caminhos. Observei roteiros mais promissores para a sua expansão e propagação do meu ideal e anseios. Por esta razão, matogrossenses são, as minhas produções. Sob o calor dos dias cálidos e a garôa dos momentos frios, foram rabiscadas, escritas.

Um motivo sobejo, para que autor e obra sejam matogrossenses, pela paisagem que é bela, pelo coração que mais me aproxima de vós, pela afinidade espiritual e benevolência de vossas

almas que muito concorreram para mais alto colocar o vosso nome e mais no fundo, reter a minha amizade e admiração, por esta grande terra de tesouros inexgotáveis mártires e heróis inesquecíveis!!!...

xxx

Intelectuais estranhos ao meio

As letras matogrossenses arrolam entre as expressões de cultura polimórfica que tanto enobreceram e exaltaram as suas tradições literárias, muitos nomes de grande ressonância e fina erudição, que vieram de outros climas, de outras regiões afastadas...

E, entre essas personalidades brilhantes e insígnies, figuram:— poetas, historiadores, juristas, jornalistas, literatos de moldes variados, temperamentos diversos, porém todos laboriosos, fecundos, férteis e inteligentes que muito fizeram por esta grande terra!...

José Zeferino Monteiro de Mendonça, português de nascimento, foi inegavelmente o primeiro poeta de Mato Grosso; Eufrásio Cunha, pernambucano, pesquisador e historiador paciente que, ha pouco falecido, deixou nesta cidade, o melhor Museu do Estado e um dos mais curiosos e ricos do país; Rosário Congro, paulistano culto que aqui tem professado o jornalismo e a poesia, com raro brilho e fulgor; Otávio da Cunha Cavalcanti, pernambucano de Goiana, advogado e poeta por excelência, autor de formosos versos, que o têm colocado em posição destacada no panorama das letras boróras; João Briene de Camargo — outro bandeirante de Faxina, orador eloquente, jornalista de pulso, poeta mavioso, erudito e admiravel em suas produções cheias de inspiração e de beleza; além de muitos outros mais novos, como Úrsula dos Santos Costa, a Mascote de versos líricos ou a Marília de estrofes sutilíssimas, essa talentosa poetisa jóvem, que tem publicado poemas agradáveis, em ritmos que a classificam uma das apuradas revelações artísticas da geração moça.

E nesta longa lista de espiritos adventícios, de figuras intellectuais de largo destaque que aqui aportaram e estacionaram, acha-se também incluso o saudoso cantor Antonio Gonçalves de Carvalho, grande e robusto talento, intelligência aprimorada, lírico poeta regionalista que muito cooperou em favor de Mato Grosso, muito escreveu e deixou a sua obra palpitante e imperecível, como testemunho exaltado de sua produtividade, o que bem confirma a sua projeção e lhe deu garantias de um lugar solene que lhe é apontado nesta hora em que os mortos revivem para nosso orgulho e depuração dos seus sadios ideais.

O nosso patrono, apesar de quasi olvidado, volta á tona, pa-

ra ser estudado, analisado, comentado e realçado o seu valor cultural, porque a sua obra que é substanciosa e concisa, marca a sua passagem neste rincão, neste solo sagrado, onde moureio e produziu, onde lutou e venceu, graças á sua cultura, á sua inteligência.

José de Mesquita, em 1931, quando publicou em «A Cruz», um longo trabalho sobre o vate adotivo desta gieba, entre outras cousas, lamentou ao fato do seu nome haver passado ao esquecimento e nem raramente sua vida e obra serem citadas, lembradas ou frisadas..

Apesar de ser fato incontestavel, não podemos nada adiantar, sobre essa amarga ocorrência, dêz que, a humanidade é inconstante, mesmo em vida, quanto mais “post-mortem”. Ha, todavia um consolo para os que ficam e vêm depois.. Os admiradores sinceros, embora que bem poucos, estes nunca esquecem os seus ídolos, nunca os abandonam. Os de sua época que o leram e nele viram, cultura e primor de estilo, trabalharão para que os porvindouros os conheçam melhor e mais profundamente, prestando lhe homenagens, das quais são merecedores e formando ao lado dos que brilharam com rara intensidade, dos que souberam viver, ofertando páginas evocadoras do mundo, reflexos da vida, vida que não passa, enfrenta o tempo e este escôa-se nos dias que ficam na poeira das estradas percorridas..

Nem sempre um valor á margem, desconhecido dos coevos é inteiramente olvidado. Aqueles que souberam se impor e galgaram as montanhas e no ápice delas, deixaram inscritos os seus nomes,, como santos, deuses, poetas, espiritos imortais e notáveis, estes serão em certas épocas, por veses abandonados pela força do tempo que corre, mas nunca esquecidos, porque eles deixaram a obra que perdura como o mármore empedernido que não corrôe, não se gasta não se estraga jamais..

E quando os nomes entram na penumbra do abandono, voltam á superficie as suas obras, que os tornam vivos, redivivos como outrora. Tornam-se contemporâneos, porque as suas páginas possuem vivacidade e brilho, e esses elementos que entram nessa composição são como que essências finas que não perdem o aroma, ficando mais forte e mais apreciadas, cada vês que se abre o vidro. Assim os livros.

Relegados a segundo plano, somente tomam nova forma e côr, quando exgotados, surgem em novas tiragens, a encherem e enfeitarem as prateleiras das livrarias. E logo surge-lhes nova fase de triunfos, novos loiros lhe cobrem os nomes.

Vencem as lendas do esquecimento. São registadas alavras de veneração, estima e admiração aos seus autores..

E exemp'os frisantes temos tido repetidamente. Nunca Ma-

chado de Assis, foi tão lido, discutido e investigado, depois de morto, quanto ha pouco, nas comemorações do seu centenário de nascimento! E como ele, tantos outros, dignos de terem os seus nomes perduráveis e as suas obras lidas pelas gerações que chegam...

Infelizmente, por vezes, desaparecem quando a humanidade volúvel como sempre, já os esqueceu em vida, cite-se para illustração, o caso de Coelho Neto, cuja morte não consignou muita repercussão, conquanto que, a sua obra haja sido e ainda representa, a maior bagagem literária deixada por um escritor nacional.

Ha espiritos nesse ritmo que ao deixarem este "vale de lágrimas", a humanidade já os considera fóra de sua época, recuados enfim. Inconstância. Volubilidade dos que ficam, contrariando preconceitos e sentenças, a tradição e o próprio sentimento humano que deveriam estar presentes em todos os corações.

E, Fernando Magalhães, tinha muita razão quando afirmava "Os que guardam o culto dos desaparecidos sentem-nos ao seu lado palpitantes e revividos. Todos que viveram também foram peregrinos da perfeição". — (1)

Se a maioria não os relembra com carinho e amor, ha por certo, alguns que jamais os esqueceram, porque neles reconhecem os expoentes de uma fase, um período cultural, cuja história não se apaga, cujo calor não reduz, cuja intensidade não diminue e o vigor espiritual fica latente nas obras que deixaram.

Antonio Gonçalves de Carvalho, alma grandiosa e ornada de grandes sentimentos cívicos e dotado de fúlgida inteligência, não ficará inscrito no rol dos olvidados, dos que perderam a voz, dos que não foram compreendidos pela humanidade!

Soou a sua hora. É chegado o momento de voltar á baila o seu nome, que não perecerá no redemoinho das aguas em reboição e a sua obra por certo também flutuará para prova insofismável de sua verve beletrística!

O patrono

Justa e merecedora foi a escolha do nome do inolvidável rapsodo Antonio Gonçalves de Carvalho, para patrocinar uma cadeira nesta Academia. Gesto feliz. Lembrança oportuna e de larga visão e testemunho marcante de reconhecimento áquele que, apesar de extranho ao meio, tudo fêz e a ele se vinculou de tal forma, sendo justo citar-se aqui expressões de excelso valor, escritas por José de Mesquita, em que afirma:—"bem pode ser tido para todos os efeitos por matogrossense, como bem poucos o teriam sabido ser"— (2)

Não havia oportunidade melhor para perpetuar o nome das

quele que tanto trabalhou e enalteceu este opulento e dadivoso Estado, embora seu nome houvesse figurado numa placa denominando uma das praças desta capital, no segundo distrito.

Cantor terno e magnífico do bucolismo regional, das paisagens vivas da terra, dos fulgores de sua imaginação criadora, o aêdo carioca deixou bem impresso em suas páginas, laivos vivos de sua lírica poesia, em estilo tão sóbrio que, a posteridade louva-lo-á sempre com enternecimento e orgulho!

Apesar de que, Carlyle haja escrito que a "maioria dos poetas é esquecida dentro de pouco tempo", creio que o mágico artista da "Flôr de Neve", terá sempre a sua memória cultuada com carinho e a sua produção vasada em linguagem apurada, lida e relida com entusiasmo por todos que o admiram e veneram!

"Embora de sentido universal, um dos realces predominantes da obra estética é a força de expressão individual, que se não perde no tempo e firma-se irrevogavelmente como parte integrante da personalidade," esclarece o sr. Carneiro Giffoni. — (3)

E essa nota predominante, está fluando na obra do patrono da cadeira n. 23. São características acentuadas e perceptíveis porque a sua obra foi produto das suas peregrinações. São obras vivas, cheias de sentido humano e retratando aspectos da natureza, páginas evocadoras de cenas e paisagens, onde entram a história, a ficção e o buril do artista que os inspirou e poliu, burilou e deu-lhes brilho inapagável, como nota significativa nas obras fadadas á perpetuidade!

Os livros que foram escritos seguindo essas fórmulas, moldados nestes cadinhos, resistirão ao tempo. Comquanto que, outros afastados desse ritmo, não trazendo o sinete primordial de durabilidade das legítimas obras, que é o estilo, não afrontarão jamais intempéries!

E Alvaro Lins, já pontifica que "facil será verificar como desapareceram todos os homens que não foram, instintivamente, criadores de estilo." — (4)

Embora simples, mas claro, ágil, límpido e agradável, o estilo de Gonçalves de Carvalho, traz o timbre da sua época romântica, daquela fase lírica, que vem de 1870 a 1880, quando predominou a transmutação do simbolismo ao parnasianismo.

Viveu aquela época de ceticismo, sendo um grande sonhador! Cantou com todo o sentimentalismo de sua alma impregnada poesia! Compôs estrofes repletas de fulgor e encantamento. E nesse abismo do passado, quantas vezes se altearam? E quantas outras, melodiosas, deixaram de ter retumbância nos seus cânticos, cânticos de fé, de esplendor artístico? E no meio dessa clarinada de vozes, umas ficaram sem eco, outras abafadas, outras como que perdidas pelos desfiladeiros ou pelas chapadas. . . Vozes harmoniosas que

tanto repercutiram pelos flancos das serranias e rodopiaram pelas soalheiras agrestes, estiveram, desintegradas do Todo, fazendo leves-rumores, hoje retornam, cheias de sonoridade, para encantar a alma dos novos, dos coevos. . .

Vozes perdidas mas nunca esquecidas, que agora encontram forças novas para se altearem novamente e serem reproduzidas para satisfação e ufania dos que apreciam os belos trovares das eras passadas. . .

“Na vida do homem, como na substância das épocas, o problema é ter fé em alguma coisa”, afirma Ovidio Cunha-(5).

E Gonçalves de Carvalho - deslocando-se das plagas de Piratininga, buscou encontrar nas terras pantanosas do sul ou nas chapadas no norte, alguma coisa que lhe proporcionasse alegria de viver... Trazia consigo um ideal. Confiava em si próprio, nas suas virtudes, no seu carater sem jaça, na sua inteligência rutilante, na sua cultura profunda. Tinha fé em Deus. Acreditava no poder divino. E por isso não vagou em vão. Veio, viu e venceu todas as jornadas!

“Se o poeta da “Flôr de Neve”, faz jús á consagração da posteridade pelo seu talento e amor ás letras, não menores são os seus serviços á gleba em que por algum tempo se radicára e a quem dedicou acendrado carinho de que deu provas muitas e eloquentes” — (6)

Polígrafo eminente, primoroso homem de letras, não conquistou ele, a escolha do seu nome, para patrono de uma cadeira nesta Casa Barão de Melgaço, por simples deferência ou indicação de um pequeno grupo de admiradores...

Predominaram na determinação do seu nome, essas muitas qualidades que ornaram o seu espírito privilegiado, tendo como garantia do seu triunfo, as obras reunidas, em volumes ou ainda as esparsas do domínio público, que são o literato, o poeta, jornalista, novelista, parlamentar, figura apolínea e heráldica de uma pleiade de extranhos que muito colaborou para o desenvolvimento de Mato Grosso, quiçá do Brasil, para a grandesa e prosperidade nacionais!

— Traços biográficos —

Segundo rezam os documentos encontrados pelo pesquisador José de Mesquita, no arquivo eclesiástico, desta capital, nasceu Antonio Gonçalves de Carvalho, na “Côrte do Império”, aos 31 de Agosto de 1844, sendo seus pais, o Coronel Francisco José de Carvalho e D. Francisca Rosa de Carvalho.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1863, aos 19 anos portanto, ten-

do dali, seguido como auditor de guerra, junto ás forças que rumaram para a campanha do Paraguay.

Ultimado o conflito, veio para este Estado, como Juiz de Direito, desta capital.

O documento comprobatório de sua pósse, é um officio em que leva ao conhecimento do Bispo D. José, haver assumido em 2 de Outubro de 1871, o cargo para o qual fôra nomeado por decreto de 15 de abril do mesmo ano.

Deixando a Côrte pela paulicéia e esta pelos campos de Mato Grosso, Gonçalves de Carvalho, viera á província, com o intuito de trabalhar, com o destino definido de colaborar para o surgimento do oeste, porque confiado estava de que aqui iria surgir a nova Chanaan, o novo El-dorado, terra das bandeiras heróicas de Pascoal Moreira Cabral, fadadas a contribuir com as suas riquezas para um Brasil maior e mais forte, mais pujante e poderoso!

Era o prelúdio da civilização que ecoava, começava a penetrar camadas mais profundas. Era o início de uma nova alvorada cheia de esplendor em prol do progresso, no crepúsculo da monarquia, entre as lutas das guerras que cessavam e os debates contra a escravidão que se aceleravam.

Para Ovidio Cunha — “conceito de civilização é conceito de vida; vida é finalidade; finalidade é acreditar num destino”. — (7)

E o destino reservado a Mato Grosso, ora em boa parte concretizado, eram ainda sonhos que se não esvairam, mas se juntaram num *tout de force*, para admirarmos hoje, os esforços dos nossos antepassados, as energias que dispenderam para a satisfação comum!

— O Magistrado —

Deixando as planícies bandeirantes, após um curso brilhante de Direito, o nosso biografado, desempenhou inicialmente a função de auditor de guerra, junto ás forças que combateram o Paraguay.

Muitos foram os brasileiros audazes, patriotas valentes, que abandonaram o conforto e bem estar das grandes cidades, para embrenharem-se por terras invias, desconhecidas, para o teatro da guerra, em terras extranhas.

E Antonio Tolentino de Almeida, ja predicava em seu poema “A Retirada da Laguna”:-

“Vêm de S. Paulo, de Goiás e Minas
 Por densas matas, chapadões, colinas,
 Inclitos moços de sorrir taful;
 Os rios erguem a caudal bramante,
 De pronto a cortam, prosseguindo avante,
 Vão para a guerra, que ensanguenta o Sul”.

Para defender a nação, para colaborar com a força que viria lutar nos campos do conflito, Gonçalves de Carvalho, viera, predestinado talvez a ficar por estas plagas do oeste. Tanto assim que, após a luta, cessados os combates, restabelecida a ordem e instaurada a Paz, do sul, procurou Mato Grosso como Juiz de Direito de Cuiabá.

Aqui nesta formosa “Cidade Verde”, outrora talvez singela mais cheia de encantos e meiga, aportou em 1871. Em Outubro desseano, toma posse do seu cargo e inicia a sua atividade de magistrado em Mato-Grosso.

Réto nas suas sentenças. Probo em todos os atos de sua decisão. Comedido em seus despachos, sobressaindo deles a Justiça, foi sempre um desses juizes que jamais se deixaram dominar por paixões, para apôr nos papeis que por si deveriam ser julgados, decisões falhas ou injustas.

Conforme escreve José de Mesquita:—”Gonçalves de Carvalho foi o prototipo desses velhos judicadores, retos e serenos, cultos e ponderados, que honram os nossos anais e constituem uma honrosa galeria para edificação dos pósteros”.—

Após o seu juizado em Cuiabá, foi ele também Juiz de Jaguarão no Rio Grande do Sul, onde exerceu esse cargo durante cinco anos, conservando a mesma linha de conduta, a mesma e serena retidão de procedimento, já conhecidos quando no desempenho de idênticas funções nesta capital.

Portanto em sua carreira de magistrado, Gonçalves de Carvalho provou ser um erudito conhecedor de leis e da Justiça.

Espírito apolíneo e dotado de um largo poder de interpretação e cultura jurídica, o patrono da cadeira n. 23, possuía acima de tudo o senso de equidade, o vínculo seguro de distribuição exata do direito aos que lh'o reclamavam. Por esse motivo, foi bem estimado e acatado. Foi louvado e cercado da amizade de todos que nele reconheciam o homem justo e ponderado, o Juiz que encarnava o próprio espírito da balança e da espada,

Sua vida, foi de completa ascensão, tendo falecido, como Membro do Supremo Tribunal Federal, onde sua atuação não destoou das normas do inicio de sua brilhante carreira.

Sendo o jornalismo uma tendência, quasi natural em determinados seres humanos, Gonçalves de Carvalho, trouxe consigo, essa vocação. Interpretar os sentimentos coletivos e transmiti-los ás massas, em linguagem compreensível, com o vigor do seu estilo acrisolado e palpitante. Descrever tudo na forma mais curiosa e interessante.

Abraçou, como todos os artistas, portadores de inspirações divinas, capazes de reproduzir em palavras fulgurantes, as sensações da vida, as sutilezas do mundo: - essa nobilitante atividade.

Apesar de cansativa, estafante, a profissão dos homens de imprensa, nunca constituiu para si, nenhuma emancipação econômica.

E tem razão Jean Pierre Maxence, quando afirma que "un beau métier, âpre, pénible, qui fait plus de pauvres que de riches, mais qui comporte bien ses joies, qui grandit quiconque y cherche une leçon de granduer" - (8)

Mesmo assim, o jornalismo não é «metier» que se aprenda. É arte. E, como tal, uma função específica de seres privilegiados.

Possuía senso vivo para apreciar as cousas, estudar os mais complexos assuntos, decifrar os problemas mais emaranhados e focalizar temas de larga repercussão e valor.

E ainda seguindo a opinião do Des. José de Mesquita - «seja como o «A. Bueno», estudioso cultor dos assuntos vitais que se ligam de perto ao desenvolvimento de Mato Grosso ou seja como «Americano», a desferir as maviosas e singelas endeixas dos seus românticos trovares, Antonio Gonçalves de Carvalho ou o dr. Carvalhinho, como se fês mais conhecido em nosso meio, è uma figura de escól..."

Não se póde negar que, o jornalismo seja um fator preponderante na vida do intelectual e participe ativamente na sua transformação para legitimo homem de letras.

É sabido que antes de atingir aos escarpados ramos ou gêneros literários do conto ou romance, novela ou poesia, todos os escritores via de regra, passaram pelo jornalismo. É como escola de aperfeiçoamento para aqueles que são fadados a vencer, a subir, a conquistar triunfos, na sua caminhada pelas letras..

Sua colaboração mais ativa foi no período que vem de 1873 até 1875, quando ininterruptamente, nas colunas dos jornais de "O Liberal" e "A China", divulgava trabalhos de larga resonância, com o mesmo esplendor de linguagem e a mesma vibração de estilo vigoroso.

No primeiro desses órgãos de imprensa, deixou inserida grande série de folhetins curiosos, interessantes, abordando ora moti-

vos locais, ora aspectos da guerra do Paraguai, teses de direito internacional, magistralmente focalizados, a ferro-via para este Estado, além de vários outros palpitantes que, fizeram época e lhe deram maior projeção nessa missão altruística e patriótica.

Fez de sua pena, um sacerdócio em prol dos assuntos de âmbito coletivo, logrando êxitos e louvores...

— O prosador —

Em sua faina multiforme de intelectual, verdadeiro polígrafo, o nosso patrono, foi além de grande e fino poeta, excelente prosador.

Cultor brilhante das letras, escrevendo com apurado senso estético, artístico, maestria, aticismo e bom gosto.

Para Alvaro Lins :- “O heroísmo do homem de letras é o de realizar o seu destino literário, indiferente ao poder, ao dinheiro, ao sucesso”. (9)

Em suas páginas retrata assuntos panteístas, rememora fatos históricos ou faz análises e comentários sobre motivos variados e neles flutuando sempre, vivo sentimento de quem possui o “savoir dire”.

Praticou muitos gêneros literários, com habilidade e conhecimentos. Novelas. Romances. História. Teses. Tudo fêz com elevado sentido humano.

Dotado de larga visão e grande poder de interpenetração psicológica, tudo esmiuçava, tudo estudava com um só sentido, um só propósito: fornecer aos seus leitores páginas vivas e realistas do que via e observava, do que perquiria e anotava sobre aspectos multiformes...

E Roquette Pinto tem razão quando assevera que: “é a inquietação suprema que faz a glória humilde dos que vivem interrogando a natureza; é a doce tortura daqueles a cuja voz indagadora e apaixonada ela responde, para entregar, pouco a pouco, o segredo das suas verdades”. - (10)

Por certo que, caso análogo verificamos com esse ficcionista de “Os caminheiros do rancho”, novela que bem reflete sua vocação de criador de tipos e a sua rica imaginação.

Essa novela editada depois de sua morte, isto é em 1918, no Rio de Janeiro, pelas oficinas gráficas d’ “A União,” embora que raramente conhecida pelos intelectuais contemporâneos, foi sem dúvida, uma das suas obras mais humanas e mais fortes.

Genuinamente matogrossense, mostrando tipos e paisagens de nossa terra, do sertão, foi infelizmente pouco difundida, merecendo todavia seja novamente editada para conhecimento de todos e maior projeção da nossa literatura de ficção.

No romance brasileiro, sobressairam duas classes maiores, entre as mais destacadas figuras que o professaram:— os fixadores de tipos e os criadores de figuras. Naquela— formam os Manuel Antonio de Almeida, Bernardo Guimarães, José de Alencar e Visconde de Taunay, além de alguns outros. Na outra chefiada por Machado de Assis, está Graça Aranha e mais alguns que souberam criar figuras que marcam a ficção desses romancistas geniais.

Nosso biografado é dos que se alinham entre os fixadores de tipos, simples, rústicos, como surgiram em sua imaginação, sem o menor cuidado de mudar-lhes as roupagens, fazer-lhes “maquillage”, modificar-lhes a linguagem... Foram levados e integrados nos romances e novelas, naturalmente como foram encontrados. E nisto, certamente, está a sua maior glória, o seu triunfo marcante, seguindo ás pérgadas de Taunay, sem lhe ser igual. Análogo por certo, mas criador e maravilhoso, com as suas forças próprias.

A. Gonçalves de Carvalho teve por certo, o destino de Franklin Távora, sem ter sido um precursor, como afirma José Osório de Oliveira, — (II) — serem —“mal apreciados na sua época e não serem lembrados pelos que a eles devem, somente, a indicação do caminho”.

O que se verificou com o nosso patrono é caso semelhante ao de Bernardo Guimarães. Romancista, somente mais tarde, quando já lhe amadurecia o espírito.

Obras por veses descritivas, algumas catalogadas como grandes narrativas, reflexos vivos de sua época. Sombras espessas da fase em que vagou e peregrinou, em busca de temas originais na própria natureza, no sertão agreste e abandonado.

E Klaus Mann, escrevendo sobre André Gide, teve expressões, como esta:— “ Assim como todos os homens levam a marca de sua descendência divina—por mais manchada ou contraída que seja—os personagens concebidos por um romancista são todos relacionados entre sí, tal como se relacionam com o seu poeta. Toda obra de arte é um auto-retrato “.—(12).

Não direi todavia que, entre os personagens do seu livro em apreço, haja muito de si. Entretanto, todos que escrevem, mormente ficção, não deixam jamais de incluir uma pequena dosagem pelo menos dos seus sentimentos, das suas verdades.

Apesar de que, não haja esse traço ineisivo em suas páginas românticas, especialmente naquelas em que descreve cenas genuinamente brasileiras, tipos reais e autenticos de “Inocência”, criado por Taunay, “Sinházinha” por Afrânio Peixoto ou “Lindóia” de Basilio da Gama, em seu poema “Uruguay”, narrando a luta entre os portuguezes e os indios do Paraguai, ofertou-nos todavia, no seu tipo de “Maria”, uma figura original e interessante, atra-

vés de suas típicas descrições do sertão, onde se acham impressos requintes de graça, forma, linguagem amena em narrativas e estereotipações.

Ele foi, o que bem podemos chamar, romancista “campesino”, como Franklin Távora.

Conforme escreveu Ronald de Carvalho—(13)—sobre Afonso Arinos—“ele viveu a sua inteligência com todo o instinto de um verdadeiro senhor. Foi, em sua obra, intensamente, um espectador da nossa realidade. Os tipos que modelou vieram da terra, andaram com ele, meninos e adultos, nas voltas alongadas e bravias do seu mundo sertanejo.”

E para com esse saudoso evocador das paisagens mato-grossenses, para esse portentoso autor de—“Os caminheiros do rancho”, quasi que, idênticas formas se verificaram.

Sirvo-me para ilustrar esta página, da opinião do abalizado crítico José de Mesquita, uma das lídimas expressões da cultura deste Estado.

Como pesquisador beneditino e paciente, assíduo leitor das coisas de antanho, dar-nos-á em seguida, sua visão geral sobre essa obra interessante e já incluída como uma das mais complexas e marcantes, das letras regionais.

Diz ele—“Desenvolve-se o enredo durante a marcha das tropas desde Coxim até Miranda, de Março a Setembro de 1886, atravessando a zona do Rio Negro, Tabôco e Aquidauana. “Os caminheiros do rancho”—são quatro oficiais da expedição ligados pela mais estreita e leal camaradagem—o Freitas, o Costa, o Neves e o Leite. As cenas da marcha penosa, quasi heróica, através dos pantanais sulinos, são descritas numa linguagem elegante e sem grandes atavios, que impressiona, porém, pelo cunho de fidelidade de que se reveste. Ha passos tocantes, como a morte do Leite, vitimado pela infecção paládica, que inumeras vidas ceifou entre os expedicionários; outros chistosos, de irresistível bom humor, como o da *ronda* do mesmo Leite—por sinal um dos tipos mais bem focados do romance; outros, emfim, de uma doçura de idílio pastoril, como os que relatam o amor de Freitas pela encantadora Maria.”—(14)

“Esta “Maria do Lima”, é um belo tipo feminino delicadamente esboçado no seu painel nativo, uma criação literária digna de figurar ao lado das grandes heroínas que o sentimento immortalizou nas obras de arte”.—(14)

Sendo adventício, nem por isso deixou de ser um dos admiradores das paisagens da terra, realizando com esse livro, embora com uma repercussão e conhecimento reduzidos dos nossos, um dos pilares de maior valia, para a verdadeira história do romance matogrossense.

Literatura nativa, profundamente infiltrada dos sentimentos

da terra, tendo como fundo a própria natureza que forneceu os tipos debuxados, por quem conhece a Arte e os seus moldes usados em novelas e romances.

“O largo panorama rural que havia unguido de tanta coisa a nossa sociedade passou a constituir em torno desse panorama, de suas sobrevivências, de seus quadros característicos”. Escreve nesse tom, o sr. Nelson Werneck Sodré (15). —

É assim como o novelista, foi Gonçalves de Carvalho, na prosa, um esrudioso, admirador e inegável batalhador pelo progresso deste rincão, estando á prova, a sua outra obra: — “A Estrada de ferro para Mato-Grosso”, cartas para Sir William A. assinadas por A. Bueno, impressa na Tipografia Quirino — Rio — 1875.

Pelo assunto ventilado, alcançou grande êxito. E ainda haver demonstrado, nessa obra, a necessidade da transformação em realidade, desse sonho, por tantos anos alimentado e que deverá ser convertido em plano concreto e objetivo —

E entre as muitas finalidades que uma via férrea, como a planejada traria a Mato-Grosso, teria sobremodo a grandiosa utilidade de poder «contribuir para se estreitarem as nossas relações com os nossos vizinhos do vale do Paraguai e do vale do Prata, e levar á população a prosperidade á uma região do nosso interior que não deve ser esquecida, pois lá está o futuro do Império”. — (16)

Conquistou com a sua pena aparada, com a sua inteligência vivaz e penetrante, estima e reconhecimento por parte dos brasileiros destas plagas que sempre o cercaram e nele viram um amigo delicado, um fino estilista, um prosador polimorfo, que bem sabia traduzir os seus sentimentos e também os das massas, escrevendo páginas que marcaram época e estão contribuindo como subsídios, indispensáveis para a história literária deste grande e rico Estado

Monografista, pois muitos toram as «plaquetas» que deixou inéditas muitas, as teses muitos os trabalhos em suma, onde estavam ventilados assuntos magnos que são do conhecimento de alguns confrades desta Academia.

Ha produções que mesmo pouco difundidas ou conhecidas teem o seu valor intrínseco, o seu destino de ficar resistindo ao tempo, imperecíveis, memoráveis:

E por esta razão Alfred Musset, é justo quando afirma: — “Eu creio que uma obra de arte, seja qual fôr vive sob duas condições: — primeira, agradar á multidão segunda, agradar aos entendidos.

Em toda a produção que atinge uma destas duas finalidades, há um talento, incontestavel, em minha opiniã; mas o verdadeiro talento, único durável deve alcança-las a ambas ao mesmo tempo”. — (17)

O grande escritor carioca, caldeado nestes climas matogrossense

e sofrendo as mutações do meio ambiente, poude entremettes realizar uma obra perduravel. Uma obra que agradou aosque leram, porque está ligada á terra, ao meio, ao ambiente em que foi elaborada.

Obra para quem sabe apreciar belos motivos descritos com simplicidade e sentimentalismo, como esta, emquadra-se perfeitamente no conceito e na opinião das palavras proferidas pelo grande vate francês, o lírico e romântico aêdo da terra da Poesia!

Foi ainda orador eloquente e desse fácie de sua vida laboriosa e fecunda, algo diremos quando focalizarmos — O Parlamentar — anotando entremettes ainda o seu valor como abolicionista de nomeada de sua época, nesta terra.

Esboçado aqui o seu valor de prosador, vejamos agora, uma das arestas mais brilhantes de sua vida de homem de letras, uma das suas facetas em que mais se destacou, com rara desenvoltura, e vivacidade:

- O Poeta -

Contrariando a opinião de Ernil Ludwig -(18)- em que "só, um poeta pode descrever os poetas" - é que me encontro nesta tribuna, com o intuito de reconstituir a vida e obra de uma grande personalidade literária, que além de emérito prosador, fôra por instinto e vocação, poeta sentimental, lírico e glorioso!

Não fôra um visionário, um vaticinador envolto exclusivamente de sonhos. E sim, um sonhador romântico, que transformara a sua pena, num buril que lapidou obras perduráveis.

Uma grande alma que trouxe o destino de rimar versos magistraes, ora sobre a sua encantadora "Flôr de Neve", ora sobre o movimento abolicionista e muitas vezes exaltando a policromia da própria natureza agreste do sertão.

Rebento daquela geração dos maiores românticos de nossa poesia, onde se enfileiraram Fagundes Varela, Castro Alves, e muitos outros aêdos de eterna rememoração, Gonçalves de Carvalho, na quietude de sua vivenda, no silêncio de suas jornadas heróicas, também soube reconstituir com a força viva de sua inteligência, muitas páginas de formoso encantamento espiritual!

E, mesmo sem vaidade ou cabotinismo, consciente até, poderia ter proclamado bem alto, com Otôniel Beleza:— (19) —

"Meu verso é flama veníflua, inquieta,
Que eflui da pena, cheia de mim!"

Em toda a obra de artista, ha vínculos seguros e traços predominantes de sua vida, passagens de si mesmo. Em qualquer dos gêneros literários, especialmente poéticos que cultive, qualquer

das formas professadas, mesmo de relance, depararemos com algo curioso, interessante mesmo, revivido em tonalidades diferentes, mas tendo sobretudo o sentido humano por vezes subjetivo de alhures atravessado em sua existência.. São os pontos de intercessão, são os traços de união, os acordes que mais falam do coração e porque não da própria vida do homem boêmio ou não, predestinado a fixar no papel, êxtases, instantes, de extranha sensibilidade..

A arte já dizia Bacon — “Ars est homo additus naturae”— (20)— Sendo pois o homem acrescentado á natureza, é tudo o que artista sonha e realiza, porque a natureza e o verdadeiro artista se fundem em pensamentos que se encadeiam, unem-se, vinculam-se para o sucesso e perdurabilidade da própria obra, que resistirá ás borrascas, aos sinais do tempo. . .

E na sua poesia multiforme de panoramas e imagens, ha versos ornados de rara beleza e esplendor que alcançaram uma retumbância tão grande que passam aos nossos dias, perfeitos, impecáveis, ajustados, trazendo em sua forma original e maravilhosa, mensagens de espiritualidade admiravel, como esta quadra a seguir:—

“Lembra-me ainda... nesta tarde amena
Eu vi-te Helena, com sem par beleza,
Tinhas nas faces o rubor das rosas
no meigo olhar — pureza. . .” — (21)

Segundo mesmo a apreciação do crítico José de Mesquita, “não é possível imaginar, no estilo da época, tão delicada pintura, tão leve “sfumato” da tarde sertaneja.” — (22)

Poeta nativo, possuindo uma visão profunda das coisas e um poder de observação em tudo que seus olhos viam e seu íntimo sentia, Gonçalves de Carvalho, tendo recebido dos mestres francezes e alguns inglezes, influxos de renovação daquela fase de transformação, de mutação do simbolismo ao parnasianismo.

Cantou em belos versos, essa “Flôr do Sertão”, deixando-a imortalizada em quadras formosas que muito dizem do seu temperamento artístico. Embora essa não ficasse eternamente abrigada em seu coração, como a outra “Flôr de Neve”, poude entrementes, passar á posteridade, rediviva nas estrofes singulares de rara magnificência!

Atravessando e demorando pelo sertão, debuxou muitos tipos meigos, admiraveis, legitimas mulheres simples, mas possuidoras de beleza que seduzia, coração fidalgo que prendia, alma generosa que encantava. . .

Como Augusto dos Anjos, “vivia poetando com arte e, den-

tro dessa primavera incompleta de sua existência, dedilhava a lira de poeta, que as Musas lhe ofertaram, quando nasceu” --(23)

Muitos versos escreveu. Muita coisa extraordinária deve ter saído de sua pena de ouro. Quantas produções por certo monumentais, estarão perdidas, dispersas, inéditas até? Quanta coisa divina, sublime, melodiosa, seu engenho de artista seduzido pela natureza, embriagado com os aromas silvestres, fantasiou, rebuscou e poliu, mas que infelizmente o tempo correu célere e os arquivos não guardaram?

Quanta coisa maravilhosa, não veio até nós. . .Quanta? . . .

Lamentando essa ocorrência, o que poderei adiantar aqui, são florilégios, palavras de afirmação sobre a obra de Safo, aquela poetisa grega de Mitilene, que existiu alguns séculos antes de Cristo e da qual nos fala José Pérez:—“Pena, que somente em pedaço nos chegassem retalhos de eternas canções”. (24)

Admirou e amou aquela Helena, tipo belo e afável de mulher que conhecera, na campanha da guerra contra o Paraguai. Para ela fizera um longo poema, talvez uma das suas joias, um dos primores de sua poética lírica e regionalista. Versos que estão próximos de Varela, apresentando traços e semelhanças. Descreve cenas-sertanejas com grande brilho e espontaneidade:—

É ele quem diz, para sua mimosa e meiga Helena:

“Quando a Juriti piando
Solta esse queixumê brando
Que nos faz enternecer,
De tua alma inocentinha
Não parece que advinha
O doce e novo sofrer?” -- (25)

Quem tem alma romântica, afeita aos diálogos líricos, aos encontros constantes, às permutas de olhares, aos colóquios, aos idílios amorosos, escreverá sempre assim, nesse tom de meiguice e de ternura, evocando passagens que somente o coração pode reter, somente o íntimo pode guardar . . .

É Oscar Wilde quem afirma que “Art is a symbol, because man is a symbol”. Nada mais real e definitivo que esse conceito do grande artista, em relação àquele que soube interpretar a Arte e dele ser escravo, sonhador de tantas coisas divinais: Gonçalves de Carvalho.

Carlyle escreveu que, “algo de poesia existe no coração de todos os homens, mas nenhum é feito inteiramente de poesia”. Creio na realidade desse conceito. Inegavelmente todos nós, quando nascemos, trazemos algo de poesia, na vida, do que fazemos e escrevemos. Em tudo, a Poesia está latente, viva, flutuante. Ha

espíritos dotados de maior inteligência e poder visual ou sensibilidade artística e a sentem e demonstram-na em formas próprias, originais. Mais elevada e mais bela. Mais humana e tangível... Esses que assim o fazem, além da poesia, trazem e possuem o sentido puramente artístico de observar mais fundo, mais interiormente as causas subjetivas, dando-lhes outras formas de concepção.

E por isso, tem razão o sr. Alcantara Machado quando profere sentenças como esta:— "Poesia é função de certas almas, e não atributo de certas paisagens".— (26)

Não é a paisagem bonita, não é o quadro ou a tela perfeitos que se nos apresentam admiráveis! É sobretudo o poder de quem as criou, a força imaginativa, porque além do senso artístico, possuía aquilo a que chamamos — Arte.

Emaranhado difícil, favorável ás captações de certos espíritos aos que sabem criar, aos que sabem dizer, áqueles que sabem enfeitar e recompor... sem repetir, decalcar ou copiar. Artistas verdadeiros!

Emfim é ainda como diz o grande e saudoso bandeirante de "Vida e Morte do Bandeirante" — "O poeta sabe realizar a união hipostática do pensamento com o ritmo". (id.)

São menestréis, rapsodos, bardos, cantores suaves e ternos, que possuem esse vigor, esse poder de polarizar idéias, harmonizar melodias, que as ajustam e as tornam uníssonas e impecáveis...

A poesia não tem receitas, não pode se restringir a escolas e disciplinas. É fruto da imaginação, obra de vocação e gerada da própria inspiração de quem a idealiza e compõe. É obra divina. E' mensagem de Deus. E' comunicação sobrenatural com as forças invisíveis. E' destino, tendência, espontaneidade.

No "Recherche du temps perdu", Proust já nos dizia:— "O que se pode dizer é que tudo se passa na terra como se nós chegássemos á vida já com o onus de obrigações contraídas numa vida anterior".

Vem de comprovar que, aquilo que realizamos sobre a terra, em nossa existência não é mais e nem menos que, um compromisso assumido nas regiões do além e por isso, ao virmos ao mundo temos de solvê-lo.

E segundo J. G. de Araujo Jorge:—

"Os poetas
são sobrehumanos troféus,
as lembranças que os deuses deixaram
na terra, depois que um dia voltaram
para os céus" (27)

E Gonçalves de Carvalho, ainda naquele poema magistral

sobre a “Flor do Sertão”, relembrando o crepúsculo das tardes, o cair do sol, as sombras da Ave-Maria, tem palavras tão delicadas e tão sutis que, não poderemos deixar de transcrever aqui:—

“Chego a tardinha: primores
Ostenta mais do que as flôres
o lindo céu do Cochim:
Assim os olhos baixando,
Trêmula mão me apertando,
Mostras um amor sem fim”. — (28)

Esses versos do nosso patrono, apresentam por veses reflexos, daqueles de Paulo Setubal, em sua lírica “Alma Cabôcla”. São versos típicos, caraterísticos do sertão, de muito valor regionalista, porque exprimem a verdadeira concepção do artista nativo.

Para Augusto Frederico Schimidt, grande poeta modernista:—

“Poesia é o silêncio
das coisas finais,
É a lágrima última,
“É a última imagem
Que os olhos guardaram”.

E ainda:

“Poesia é o passado,
O presente e o futuro
Unidos, guardados,
Libertos da Morte”. — (29)

Poesia é sentimento! Poesia é a vida em madrigais, em baladas românticas, não nos cantos frívolos, mas nas páginas que ficam imortalizadas, como eloquente prova da arte indestrutível. É tudo que vence o temor dos homens e tudo o que resta intacto, perfeito, completo!

Mas a sua produção que ficou marcando em letras luminosas— a sua vida de grande bardo, é aquela em que fixou as suas saudades, a beleza daquela companheira de tão poucos anos, tão curtos dias, proporcionando-lhe prazeres e alegria de viver.

É no seu encantador poema “Flôr de Neve”, a sua revelação mais exaltada, a sua poesia mais tocante e sublime, o seu canto mais homogêneo. Aí está todo o sentimentalismo do poeta. Toda a vibração do artista. Todo o esplendor de quem soube sentir e dizer...

Gonçalves de Carvalho, segundo as crônicas e registros de sua época, chegara á Cuiabá, em 1871, e em 1873, unira-se a uma lin-

da poconzana, mulher de tipo esbelto e em quem resplandecia beleza sem par, como poderemos observar através dos jornais e crônicas neles estampadas naquele tempo.

Da Catharina Virginia Nunes Bueno do Prado, que a ele se ligára pelos laços do matrimônio, aos quinze anos de idade, fôra uma das mulheres mais lindas e um dos mais completos tipos de beleza e encanto de sua época.

Infelizmente o poeta tivera-a, muito pouco tempo ao seu lado. Quatro anos depois do enlace, desaparecia a sua mimosa e formosa companheira, deixando o seu coração dilacerado, a sofrer, a recordar amarguradamente uma vida breve, tão efêmera em que juntos viveram alegres, sorridentes, felizes. . .

E daí a razão do seu belo poema, de sua monumental produção em que a deixou imortalizada aos pósteros, como ficou "Carolina" de Machado de Assis, Julia Lopes, de Filinto de Almeida, além de muitas outras, verdadeiras heroínas, entes amados e queridos. . .

A vida no doce lar constituído com carinho e amor, desfizera-se. A meiga e dedicada amiga, antes dos 20 anos, partiu aos rumos etéreos, deixando-o torturado, sentindo profundamente o samargores de sua existência acabrunhada. Foi-se e apenas ficaram as saudades, os traços caraterísticos de sua formosura, do seu perfil divinial. . .

E na sua vivenda, por veses quantas, o Poeta não a fitava demoradamente como se fôra ela, uma Venus, uma deusa, criatura de infinita beleza, como se houvesse sido, completada por mão de artista, de algum escultor. . .

E como Rubén Dario, poderia ter se equivocado e um dia exclamado assim:—

"En mi jardín se vió uma estatua bella;
se juzgó mármol y era carne viva". —(30)

Desolado, pensativo, a relembrar os dias felizes que se foram o cantor carioca, radicado nestas terras sertanejas, sentia daqueles momentos inesqueciveis, as suas profundas reminiscências.

Trabalhava e escrevia, mais nada lhe poderia oferecer aquela alegria anterior, a satisfação que a vida lhe proporcionara, o prazer que aquela deusa lhe dera, numa existencia tão curta e passageira!

E errante talvez pelo mundo, quasi voejando pelas alturas, por certo deveria ter exclamado, como Ronald de Carvalho:—

«E caminho... e o caminho é sem termo .. que importa,
vou por ele comigo, até que venha o Outono
e eu fique, por aí, como uma folha morta.»—(31)

Mas as lembranças não se apagavam. Cada dia mais renovadas. Esquecer, impossível seria. Abandonar, mesmo depois de morta, aquela a quem mais dedicava amor e amizade, justo não seria. E sosinho, prosseguiu a sua jornada, como que sonhando em vida com a sua "Flor de Neve", com a sua heroína, com a sua sincera amiga,

E como Machado de Assis, pela sua Carolina, nunca deixara enquanto vivera próximo de seu túmulo, de lhe dar o conforto de suas visitas ao Cemitério, proclamando versos como estes:—

Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos,
E ora mortos nos deixa e separados",—(32)

Suspirando ou gemendo, mesmo sem falar, poderia como Goulart de Andrade, o mágico poeta das «Névoas e Flamas», ter composto um terceto como este:—

"Dorme! Nos campos adormece a flor,
E a ave no ramo, que o favônio agita
Como tu, adormece, meu amor. " (33)

A sua faina artística como poeta do sertão ou como evocador dos seus sentimentos pessoais, foi aureolada de triunfos e vitórias que marcaram na esteira percorrida, atos de fé, confiança em si mesmo e em sua Lira, sempre harpejada com ternura e melodia.

Seu principal fado, sua revelação poética de maior vigor e perfeição, é o poema:

«FLÔR DE NEVE»

"Se a neve fôsse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr gerada
Da fria viração ao tênue sôpro
À luz da lua aos beijos d'uma fada.

Se a neve fôsse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr, mais bela
Que brilhando na etérea imensidade—
Fanal de amor, — adamantina estrela.

Se a neve fôsse planta e flôr tivesse,
Tu serias da neve a flôr tão pura!
Ah teriam em ti achado os homens
O simb'lo da mais cândida ventura!

Se a neve fôsse planta e flôr tivesse,
 Tu serias da neve a flôr bemdita...
 Causarias ciúme aos próprios lírios
 Que dos jardins do céu a brisa agita.

“Se a neve fôsse planta e flôr tivesse,
 Tu serias da neve a flôr querida,
 No meio dos invernos — primavera.
 Sôbre o gelado chão — ardor da vida!

Melhor que a flôr da neve, és tu formosa,
 Alvo anjinho do céu baixado ao mundo
 Para servir de tipo de beleza
 E os peitos receber de amor profundo!

E noutros versos seus, muito simples e muito graciosos, aqui estão descritas as paisagens sertanejas: —

“E o sol já se escondia
 Mais brando no horizonte,
 A aragem vinha fria
 Calmava-se o calor.

“Dava, buscando o galho,
 O extremo canto a ave:
 Muda esperava o orvalho
 Meia dormente a flôr”. — (35) —

Poemas assim como este, muitos ele compôs com rara elegância no dizer, rara finura de linguagem, apurada forma na disposição e no ritmo. Tudo perfeito. Tudo admiravel. Tudo maravilhoso e imutavel!

Viveu pouco e se isto não fôsse bastante, mais poderia ter deixado num testemunho expressivo de sua vocação, numa prova mais eloquente de sua alma invulgar e adornada de sentimentos nobres.

E como Goethe um dia, naturalmente exclamou: — “Ó meus olhos bem aventurados, tudo o que pudestes ver era verdadeiramente divino”. — (36).

Antonio Gonçalves de Carvalho — alcançou com a sua poesia magistral, lampejos de infinita perfeição. Reproduziu em painéis vivos, os cenários mais pitorescos e as cenas mais originais do nosso panteísmo com as suas flores silvestres, com as suas matarias, os seus córregos, a sua fauna rica e pródiga, os seus encantos e múltiplos fulgôres.

E por isso, através de sua obra, continua vivo em todos os corações da gente matogrossense. Mesmo morto, sua obra nunca será esquecida, jamais deixará de ser lida, comentada e lembrada porque assinala momentos decisivos de uma época de raro esplendor literário.

E Augusto dos Anjos, já dizia: —

“Quem vê o herói, inda com o braço altivo,
Diz que ele não morreu, diz que ele é vivo,
E persuadido fica do que diz...” —(37)

Aêdo sob todas as arestas da poesia. Grandioso sob todas as modalidades, inspirado sempre, genial em todas as concepções.

E ajuntando-se á sua vida de artista do verso, a faceta de tradutor, faremos aqui, menção do seu apurado gosto e preferência pelos cantores inglezes. Foi um dos admiradores da Poesia da terra de Milton e Shakespeare, apreciava a lingua ingleza e lia no original as produções dos maiores valores de sua fase.

Entre as versões feitas para nosso idioma, destaque-se aquela que deixou de “O Paraíso e a Peri”, tradução livre desse poemeto de Thomaz Moore, assinada por Mericano e divulgada já em Vassouras na então província do Rio de Janeiro, em 1885.

Nessa mesma cidade fluminense foram seus versos, ou parte de sua produção reunida num livro que saiu á lume sob o título de POESIAS, daquele mesmo ano. E é Trancredo de Barros Paiva, que nos dá essa notícia através do seu trabalho “Achêgas a um Dicionário de pseudonimos”, informando que fôra impresso na tipografia “Vassourense”.

E agora passemos a ver outro fâcie de sua palpitante vida de homem de letras.

O Parlamentar

Gonçalves de Carvalho ou como mais comumente ficou conhecido nesta capital, o dr. Carvalhinho, aqui esteve em duas épocas. Na segunda vês que aqui aportou, para rever a terra e amigos teve o seu nome apoiado para candidato á Câmara dos Deputados, em a 18a. legislatura do 1º distrito. Verificada a apuração, fora “eleito e tomou assento na Câmara no triênio de 1884, juntamente com o dr. Augusto Cesar de Pádua Fleuri, ambos filiados que eram ao partido liberal, então no poder”.-(38)

Como parlamentar desenvolveu grande atividade e paten-

teou à todos o seu amor á terra, os seus conhecimentos das necessidades do meio ambiente e ainda debateu em orações concisas e eloquentes, os assuntos mais palpitantes.

Proferiu uma série valiosa de discursos que, reunidos em volume e impressos em 1884, pela Tipografia Nacional, do Rio estão aí para provar o que fôra a sua carreira de politico, o seu roteiro de legitimo representante do povo, que tantos projetos apresentou e foram discutidos com elevado senso de patriotismo.

Possuidor de intrínsecos dons oratórios, inteligência aguda e penetrante e perfeito equilíbrio para analisar os temas, focalizar os problemas escolhidos que visavam beneficiar a coletividade, o bacharel Gonçalves de Carvalho, desempenhou no legislativo estadual, um papel de grande importância.

E Otto Maria Carpeaux, já acentuava com firmeza que — “um tribuno não é um demagogo barulhento. Um tribuno é o defensor intrépido de homens ameaçados e valores ameaçados que lhe são sagrados, como a vida de cada homem, a vida humana e a humanidade lhe são valores sagrados,” —(39)

Observando sempre esses princípios de ética e coerência, ao desempenhar o cargo que o povo lhe confiara e para o qual o elegera, o ilustre parlamentar nunca se descuidou de sua sagrada missão. Trabalhou pela e para a coletividade, defendendo os seus interesses e apresentando e discutindo os problemas mais sérios e os casos mais complexos que visavam o bem comum, e o progresso regional.

No decurso em que, na Câmara, foi um dos representantes desta capital, como um dos seus Deputados de maior cultura e visão, não deixou sequer, qualquer motivo ou assunto que interessasse ao Estado, sem os debates do plenário e não fossem examinadas as possibilidades de sua transformação na realidade, para concorrer a evolução local.

Tanto assim que, nesse volume dos seus discursos, muitos são os trabalhos sobre os mais variados motivos, ali enfeixados e que por ele foram levados á Assembleia Legislativa, naquele período imperial.

Investigando-o, encontramos as suas orações assim distribuídas:- “em 12 de maio de 1882, acerca da situação da província sob o ponto de vista militar (discussão do orçamento de guerra); de 13 de junho desse ano, a respeito da linha férrea ligando Cuiabá ao litoral e apresentando nesse sentido um projeto; de 19 de setembro e 16 de outubro desse ano, sobre o recrutamento do serviço militar; de 30 de maio de 1883, ainda sobre assuntos militares, de 20 de julho do mesmo ano, pedindo mesas de exames preparatórios para Mato-Grosso; de 14 de Agosto, sobre a situação dos índios na província; e de 1 de Junho de 1884, sobre exportação e

comércio de Mato-Grosso, e, finalmente de 27 desse mesmo mês e ano, ainda atinente a causas militares ao todo oito orações, todas vasadas no mais sincero civismo e na mais nítida compenetração dos seus deveres de delegado da grande e abandonada província central".-(40)

E sempre possuído de alto sentido nacionalista e sagrado ideal pela prosperidade destas regiões, Gonçalves de Carvalho, estudou outros assuntos, como os regimes fiscaes, abordou com clareza a abandono da instrução, além de outros que sempre empolgaram a sua figura culta e brilhante e lhe deram um lugar destacado na história política de Mato Grosso.

Com essa larga folha de serviços prestados, a este Estado surge nos agora, a sua personalidade de advogado espontâneo dos escravos em:

O Abolicionista

Homem conceituado e com um vasto círculo de amizades e admiradores, pela sua cultura poliédrica, pelo vigor de sua pujança mental, Gonçalves de Carvalho, soubera desde o principio ser sincero e de caráter inquebrantavel, foi um dos pródomos da campanha abolicionista neste Estado. Aqui neste recanto sagrado nestas ínvias terras, colaborou com entusiasmo e brilho pelo movimento que lá fóra encontrava valores marcantes á sua frente como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Luiz da Gama, Castro Alves e muitos outros, que muito contribuíram para o seu êxito

E ao transcorrer o segundo aniversário da lei do Visconde do Rio Branco, baixada em 28 de setembro de 1871, Gonçalves de Carvalho alguns versos fizera em comemoração a esse ato de Justiça e piedade humana, para com os escravos, afastando-os do cativoiro a que sujeitos viviam: —

"Concepção monstruosa! atroz estado
Ante o qual a Razão geme abatida!
Se é pena, passa até ao diligente,
Vai alcançar o mísero inocente,
Mal sáe das mãos de Deus e surge á vida!

.....

Mas partem-se as algemas nos seus pulsos
E nela de Deus cumpre-se a vontade!
Brilha em seu rosto a maxima ventura...
Ah! quem os benefícios com mão pura
Espalha assim? Quem sois? A Caridade." — (41)

Entre os simpatizantes desse movimento e que logo se decidiram apoiá-lo, patrocinando essa grande causa e defendendo a miséria dos pretos, ele foi um dos primeiros, dos mais ardorosos, mais leais, dos que mais fizeram!...

E bem se poderá aplicar á esse defensor da patriótica causa, redimindo os escravos, dos grilhões em que se encontravam, aquelas palavras do discurso de Gregório Fonseca, quando tomou posse na Academia Brasileira, substituindo a Dantas Barreto. — “Triunfador em política, a guirlanda da vitória conquistou-a na campanha abolicionista, combatendo pela fraternidade humana, a mais alta expressão da liberdade.” (42) —

Mesmo houvesse sido menor qualquer uma de suas outras obras, esta em que se tornou um batalhador incansável pela abolição da escravatura, seria por certo colocada num plano de relevo, porque ela diz muito do seu sentimento de humanidade, do seu temperamento bastante chegado á piedade dos que sofrem, daqueles que viviam sob o martírio e tiveram por fim a complacência do povo e apoio dos poderes constituídos.

“Condottieri” e torto batalhador abolicionista, Gonçalves de Carvalho, teve assim uma vida repleta de atos humanos, inspirada dos mais nobres sentimentos e iluminada por tantas realizações que registraram o seu nome em letras doiro, prêmio justo aos bons e aos que sabem se elevar com os ideais sagrados que os norteiam na estrada de surpresas que o mundo exhibe áqueles que a veem de percorrer...

Retrospectos

Já predicava Ronald de Carvalho — “É preciso não esquecer que cada homem traz consigo a sua fórmula, cada homem é um momento da harmonia universal”. — (43)

Modelo primaz, verdadeiro paradigma das grandes almas românticas, geradas da própria época em que os versos de Verlaine e Musset, enchiam as rodas literárias, Varella, Castro Alves, Alvares de Azevedo dominavam as palestras de todos os bons cultores da arte, esse “Mericano”, jamais ficará indelevel.

Poeta melodioso da meiga “Flôr do Sertão”, aquela Helena, á forma das Capitis e Sinházinhas; da “Flôr de Neve”, — a sua bela Venus que ficou imortalizada em lindos versos; aquela “Maria do Lima”, inspirada em sua lírica novela, páginas de sabor tão agradável em que ela surge, como uma nova “Inocência” de Taunay, tão formosa, tão simples e tão brasileira, como as heronias sertanejas dos nossos melhores romances naturalistas.

É todavia lamentável que as suas novelas não tenham obtido larga repercussão, não sendo por isso, muito difundido o seu valor de romancista, á altura do poeta

Autor vitorioso de "Questões de Limites ou conquistas por meio da guerra", "Os companheiros do rancho", "Poesias", "Essa Maria do Lima", afora muitos outros trabalhos, teses, estudos, enfeixados em volumes, além dos seus "Discursos" parlamentares, o nosso biografado merece por todos os títulos, a homenagem que a nossa Academia lhe presta, inscrevendo o seu nome como patrono da cadeira n.º 23, deste cenáculo de letras.

Tanto em Jaguarão, quando lá voltou em visita á terra e aos amigos deixados, recebeu provas insofismáveis de estima, como se pode testemunhar com as palavras de um jorral daquela cidade, que se publica na época. Diz "A Pátria" -- "A cidade de Jaguarão, que ainda tem a mais viva lembrança do honesto e reto magistrado que durante cinco anos presidiu aos destinos da justiça desta Comarca com aplausos e admiração de gregos e troianos recebeu ontem o Exmo. Sr. Dr. Gonçalves de Carvalho de braços abertos, como ao mais extremo filho"---(44)

E assim onde quer que estivesse ou se radicasse, com o seu coração magnânimo, o seu temperamento afeito a todos os climas e amigo de todos, o mágico poeta só encontrava alegria e satisfação. Demonstrações sobejas de reconhecimento e gratidão, pelo que fazia em prol da prosperidade e manutenção da Justiça acima de todos os princípios, mesmo de caráter particular.

E sua atividade constante e fecunda não ficou somente nos artigos que escrevia para a imprensa, nos discursos que proferia, nos versos que compunha, nas novelas que condensou, nos romances que produzia; ia muito mais longe, pois desdobrava o tempo, multiplicava as horas que lhe sobravam dos encargos e cuidava doutros misteres. Estimulava os jÓvens fundando, orientando e colaborando com associações culturais, sociedades de fundo educativo que visavam sobremodo o alevantamento do nível cultural da gente moça e tazia reviver nos espÍritos já amadurecidos o gosto, auxiliando-o nessa tarefa que seria de utilidade primordial aos que se iniciavam, áqueles que desejavam seguir as letras...

Fôra sempre um lutador incansável, haja visto o desenvolvimento que o Gabinete de Leitura, obteve e cuja fundação data de 1874 e no qual ele estava na testada do movimento e na direção e orientação dos trabalhos.

Apesar de que, haja sido criado por iniciativa do então Presidente do Estado, sr. José de Miranda da Silva Reis, foi ele inegavelmente a alma da sociedade, o seu destacado animador e dos que por ela mais trabalharam, em prol de sua manutenção e realização do seu programa de grandes e beneméritas finalidades á juventude.

E em retribuição a essa sua dedicação, ao seu afeto extremo á terra e aos homens, foi ele eleito Presidente da comissão que haveria de dirigir os trabalhos dessa instituição literária.

E nesse cargo muitas foram as providências tomadas em seu favor, destacando-se os constantes pedidos de livros para formação de sua biblioteca particular.

Outro fato curioso e digno de registro, foi o baile organizado pela classe forense, nesta capital, antes de sua partida, que tudo redundou numa homenagem de alto apreço e amizade, áquele que tudo fizera pela grandeza de Cuiabá e de Mato-Grosso!

Os diamantinenses também lhe prestaram significativa prova de amizade. Realizaram uma grande festa que muito bem refletiu e muito disse da admiração que lhe devotavam, pelas suas qualidades inamoldáveis de caráter e justiça.

Peroração

Meus ilustres confiades:

Meus senhores:

Através destas palavras simples, mas sinceras de admiração e devotamento, ficou esboçado o perfil do patrono da cadeira para a qual me convidastes a tomar assento.

Em face dos poucos elementos encontrados e do reduzido material ilustrativo de que dispunha, é o que pude concatenar para vos mostrar, para reconstituir a vida e obra daquele que em vida se chamou — Antonio Gonçalves de Carvalho.

Possuidor de um coração grande e uma alma bondosa, ornada de sentimentos nobilitantes, sua passagem pela terra, rápida e por isso sua obra incompleta.

Quando lhe amadureciam as ideias, quando já experimentado e com a retina cheia de paisagens campestres e o cérebro, desenvolvido, capaz de produzir páginas mais belas e admiráveis, desprendeuse desta vida materialista.

Deixou as lutas terrenas e fôra no Alto, juntar-se à sua esposa amada, que muito menos que ele, viveu, muito menos que ele sentiu a vida e as suas surpresas!....

Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo, condecorado com a medalha da Guerra do Paraguai fôra sobretudo um espírito ático e apolíneo, dotado de grande sensibilidade artística e cultura aprimorada. Um talento e uma inteligência das mais formosas, equilibradas e das mais ferteis,

Ao terminar, meus senhores, espero seja sempre lembrado o seu nome. Lida e meditada a sua obra. Compreendida melhor a sua faina de intelectual militante. Cultuada com maior carinho

a sua memória, como de um legítimo matogrossense embora que adotivos, mais amigo fiel e sensato em todas as oportunidades..

A arte não tem pátria e atravessa fronteiras. Por isso, filhos que somos da mesma raça, dessa raça caldeada de tres sangues diferentes indio, africano e português, devemos juntos e em comum, visando um só ideal, um só principio, um só propòsito:—exaltar condignamente os que tombaram, velando com ardor a vida dos que desapareceram e relembrando sempre com enternecimento a obra daqueles que mais contribuíram para a nossa grandeza, para o patrimônio cultural da nacionalidade.

Paz—aos que viveram como nós, lutando e trabalhando pela grandesa da pátria!

Quietude ás almas que tanto cantaram e não foram esquecidas, porque elas deixaram os frutos de sua própria sensibilidade, os seus livros magistraes, obra fulgurante que realizaram.

Éra isto que vos poderia dizer, que voç poderia informar sobre o poeta que deu nome á poltrona que venho de ocupar, desfrutando da vossa amavel companhia, do vosso contacto amigo, nesta casa illustre, em que se acham congregados e reunidos os expoentes máximos da cultura matogrossense.

Convidastes me e insististes no chamado. E aqui estou prometendo trabalhar, ajudar-vos em tudo que me for possivel desempenhar, em tudo que estiver á altura da minha desincumbência !

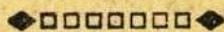
E terminando, falarão por mim, mais duas outras vozes, como a daquele que rememoramos, foram poetas e de bom quilate, foram artistas e com que perfeição! . . .

“Somente a Beleza, que é uma invenção generosa de Ariel, justifica o minuto de sofrimento que vivemos sobre a terra” escreve Ronald de Carvalho. — (45)

E fechando, tem a palavra o mago do verso — Hoelderlin

“As linhas do destino são imensas
Como trilhas na mata — a humana sorte
Póde um deus completar depois da morte
Com harmonias, paz e recompensas”.—(46)—

Disse.

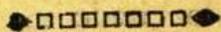


Bibliografia

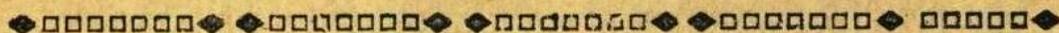
— Obras consultadas para este discurso —

- 1—Cartilha da probidade -- *Fernando Magalhães*
- 2 - "A Cruz"- Abril de 1931 - "Gentes e Cousas de antanho"
-Des. *José de Mesquita*,
- 3—Estética e Cultura - *O. Carneiro Giffoni*
- 4 - "Revista do Brasil", - Janeiro - 1939—*Alvaro Lins* — no estudo—"Reflexões sobre o estilo"
- 5—A América e o Mundo—*Ovidio Cunha*
- 6 - O Poeta da Flor de Neve—estudo—*José de Mesquita*—in-
"A Cruz"—cit.
- 7 - *Ovidio Cunha* - cit.
- 8—Jornal de Crítica—*Alvaro Lins*—1a. série
- 9—Idem, Idem
- 10—Discurso de posse de Roquette Pinto, na Academia Brasileira de Letras—Discursos Acadêmicos—vol-VII
- 11—História Breve da Literatura Brasileira — *José de Osório de Oliveira*
- 12—*André Gide*—*Klauss Mann*
- 13—Estudos Brasileiros—2a. série - *Ronald de Carvalho*
- 14—*José Mesquita* —estudo citado
- 15 - Orientações do Pensamento Brasileiro--*Nelson Werneck Sodré*
- 16—*José Mesquita*—estudo citado
- 17—Obras Póstumas—*Alfred Musset*
- 18—Genio e Carater—*Emil Ludwig*
- 19---Aljofares--*Otciel Beleza*
- 20---O Espelho de Ariel--*Ronald de Carvalho*
- 21---*José de Mesquita*--est. cit.
- 22—idem idem
- 23--*Augusto dos Anjos*--*De Castro e Silva*
- 24—*Šafo*-- Lírica--tradução *José Pérez*
- 25---*José de Mesquita*-- est. cit,
- 26---Alocações Academicas -*Alcantara Machado*
- 27 --Amo--*J. G. de Araujo Jorge*
- 28---*José de Mesquita*--est. cit.
- 39--*Revista Atlantico*--n.5--*Augusto Frederico Schimidt* no seu poema--"Suma".
- 30---A Obra Poética de Rubén Darío--*Arturo Marasso*
- 31---Luz Gloriosa--*Ronald de Carvalho*

- 32---Poesia--*Machado de Assis*
33---Névoas e Flamas *Goulart de Andrade*
34--Antologia dos Poetas Boróros--*Rubens de Mendonça*
35--*José de Mesquita*—est. cit..
36—Espiritos do nosso tempo—*Gilberto Amado*
37---*Augusto dos Anjos*—*Castro e Silva*
38 - *José de Mesquita*—est. cit
39---Origens e fins--*Otto Maria Carpeaux*
40----*José de Mesquita*--est. cit.
41--Idem, Idem
42--Discursos Acadêmicos-Vol. VII
43---O Espelho de Ariel--*Ronald de Carvalho*
44---*José de Mesquita*--est. cit.
45 - O Espelho de Ariel—*Ronald de Carvalho*
46—Historia da Literatura—*Klabund*



Discurso de Recepção
pelo academico Ulisses Cuiabano



Meus senhores:

Quando êste cenáculo, em uma das suas reuniões periódicas, indicou-me, por força de uma gentil proposta do seu ilustrado Presidente, para, em nome desta Academia, receber neste recinto o novel acadêmico RAIMUNDO MARANHÃO AYRES, não me foi possível eximir-me dessa honrosa quão difícil tarefa.

Aceitei, senhores, sem titubar a alta incumbência, se bem que superior ás minhas forças, porém assaz agradável para a minha ação literaria.

Agradavel, na amplitude da intelligência do vocábulo, porquanto admito que, dando as boas vindas a Raimundo Maranhão Ayres ao se reunir aos agremiados desta Casa, não mais faço do que render um cordeal preto á amizade que dedico ao esclarecido escritor, externando concomitantemente, com palavras hauridas na sinceridade, a minha admiração ao belo talento do recipiendário, um dos mais ardentes e esforçados pioneiros das belas letras na arena magestosa dêste vasto rincão matogrossense.

Aliás, em 1940, quando êste silogeu abriu os seus salões para tributar significativa homenagem de cordialidade a dois espíritos fulgurantes que ora nos visitavam, os nossos confrades Miguel Costa Junior e Raimundo Maranhão Ayres, fui eu, senhores, o orador designado pela suprema direção desta Casa para dar as boas vindas a aqueles illustres homens de letras.

Nessa ocasião deixei patente os laços de genuina amizade que me prendiam aos talentosos jornalistas, e hoje, passa-

do um lustro, êsses fios de ouro da amizade que então nos uniam, como que mais se robusteceram, tecendo uma invejavel trama de simpatia e de confraternidade.

Não permitiram os fados que Raimundo Maranhão estivesse presente a esta festa de exaltação cultural. O seu estado de saude impediu-o de pessoalmente proferir o seu notavel e substancioso discurso acadêmico, sendo nesse ato substituido pelo nosso presadissimo confrade Rubens de Mendonça, robusta afirmação das possibilidades literárias da moderna geração intelectual de nossa terra.

Maranhão - Berço das Letras

Raimundo Maranhão Ayres não é matogrossense de nascimento, mas tão somente de coração.

O berço natal do brilhante escritor é aquela linda terra de Gonçalves Dias, de Humberto de Campos e de todos êsses proeminentes e ínclitos escritores e poetas, cujo rol seria bastante longo, levando-se em conta o consideravel e sempre aumentavel contingente de homens de letras com que aquele próspero Estado nortista tem, com apreciavel liberalidade, brindado o Brasil, para a maior glória das literaturas dos países onde se fala o suave idioma camoeneano.

Raimundo Maranhão fez os seus estudos secundários na cuna natalícia, e apòs ter conquistado o seu diploma de Perito-Contador no Colégio Progresso Paraense, da capital Guajari-na, veio para Mato-Grosso, integrando essas preciosas legiões de filhos laboriosos do Maranhão, que, em densas correntes migratórias, vêm de contínuo colaborar conosco na obra ingente do progresso e do engrandecimento dêste opulento Estado oestino, plantado precisamente em pleno coração da América Meridional.

De acòrdo com as nossas observações pessoais feitas *in loco*, as numerosas coortes de bravos maranhenses que aportam a Mato-Grosso, subindo a poética corrente caudal do Araguaia, praticam, num esforço magno, não medindo sacrifícios nem dissabores, a preconizada marcha para o Oes-

te brasílico, trazendo o concurso de sua reconhecida capacidade de trabalho e vontade férrea de contribuir para o estabelecimento da civilização no âmago quasi incógnito da nossa interlândia.

Nas peregrinas levas dêsses destemerosos brasileiros que bastamente têm contribuído para a implantação dêsses pitorescos e risonhos burgos do leste matogrossense, não vêm somente o artífice, o homem da lavoura e da indústria extractiva das gemas preciosas e caras, mas igualmente comerciantes e construtores, advogados e médicos, contabilistas, comerciarios e homens afeitos às pugnas das letras e da oratória.

Lídimos valores culturais têm chegado à terra de Pascoal Moreira Cabral conduzidos pelos «motores», audaciosas naves que singram impavidamente o potente rio, que Couto de Magalhães, num dos seus magníficos livros de viagem poz em evidência, e logo sentindo pelos novos pagos uma singular afeição, aqui se lançam, fervorosos e confiantes, ao labor honesto, contribuindo dêste modo para a prosperidade do nosso Estado, o que vale afirmar, para a grandeza do Brasil.

Ao progressista Estado do Maranhão, berço de intellectuais e ninho de cultura espiritual, as homenagens de admiração e aplausos da Academia Matogrossense de Letras, enviadas por intermédio de sua co-irmã de São Luiz.

A Obra de Raimundo Maranhão

As atividades literárias de Raimundo Maranhão se dilatam por múltiplos setores do pensamento cultivado, numa fertilidade admirável, abordando os mais variados aspetos.

Ensaista, crítico literário, cronista por excelência e fino cultor do jornalismo, dotado de acurado senso de observação e portador de profundos conhecimentos psicológicos e analíticos, Raimundo Maranhão possui os mais precisos requisitos para bem manejar sua portentosa pena ao serviço dos seus alevantados ideais.

Sua obra de estréia «RONALD DE CARVALHO», onde o perfil mental do grande poeta, ensaísta e historiador é traçado com segurança e acêrto, foi recebida pela crítica literária, não só do Brasil como de muitos países sul-americanos, com louvada manifestação de apreço.

Inúmeras são as apreciações sôbre o notavel trabalho, vasado em «estilo agíl e depurado em que é expresso» segundo o dizer de Gastón de Figueira, —o inspirado poeta uruguaio.

A edição originária de «RONALD DE CARVALHO» está virtualmente esgotada, demonstração clara e insofismavel de que êsse estudo biográfico-intelectual possui relevantes métricas, como aliás afirmara D. Francisco Pablo Labombarda distinto escritor argentino.

Raimundo Maranhão ainda conserva inêditos seus numerosos trabalhos, aguardando propícia oportunidade para publicá-los.

Seus amigos, todavia, têm podido apreciar suas belas produções no original, e todos êles são acordes em afirmar a excelência e a utilidade de tais escritos.

Maranhão não dedilha a lira e nem percorre o Parnaso em busca de sublimidades poéticas; mas sabe interpretar com justeza, maestria e elegância as estrofes sentimentais e humanas dos aedos que lhe são familiares.

Estudando Ronald de Carvalho sob o domínio das Musas, as observações do recipiendário deixam transparecer seu bom gosto e esmerada sensibilidade pela sublime arte; fazendo elogio do rapsodo da "Flor de Neve", notamos o espírito de analyse de compenetração do autor de "RONALD DE CARVALHO", no concernente ás manifestações líricas de Antonio Gonçalves de Carvalho.

Sem ser poeta, não deixa, contudo Maranhão de possuir êsse precioso sentimento de penetrabilidade que se requer, para bem se poder compreender a alma dos que se entendem com as filhas de Mneumôsina, em linguagem simbólica hierática.

A poesia, como sentenciou um vate gaulês, é uma flor extremamente delicada e sensiente. cuja fragrância, tão su-

til e tão mística, escapa ao faro grosseiro dos espíritos prosaicos.

Com Raimundo Maranhão a percebemos através, de sua interpretação dos lindos versos de seu patrono, essa faculdade rara e peregrina de sentir e de assimilar a música divinal de harmoniosas estrofes.

No periodismo encontrou o novel acadêmico um vastíssimo campo de ação.

Jornalismo

Desde muito jovem começou Raimundo Maranhão Ayres a manejar o calámo, em incipientes periódicos do interior, revelando, então, um acentuado pendor para o jornalismo.

Essa faceta de suas atividades literárias foi-se afirmando nitidamente, até chegar a um ponto claríssimo de seu espírito de escol, sempre ávido em evoluir para a perfeição, a suprema aspiração de cultor das belas letras.

“NOVO MUNDO”, jornal de feição moderna e original, — órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas —, veio à luz da publicidade em Guiratinga, em Dezembro de 1945

A finalidade dêsse novo paladino da imprensa indígena é digna de encômios não resgatados, pois a nova folha se propõe a promover a aproximação dos povos das Américas, num intenso mutualismo de idéias entre os que pensam e escrevem.

Os primeiros exemplares por nós conhecidos trazem magnífica e variada colaboração de intelectuais de vários países hispano-americanos, numa esplendorosa revelação de genuínos valores culturais.

Poetas e poetizas de raro brilho e alto descortínio têm sido desvendados aos nossos olhos numa surpreendente filmagem; jornalista e prosadores de destacado prestígio no momento nos são apresentados nas preciosas páginas de “NOVO MUNDO”, num ineditismo digno de francos elogios.

A gigantesca iniciativa de Raimundo Maranhão, de concatenar essa pluralidade de elos dispersos pela vastidão do Hemisfério Austral em harmoniosa cadeia de união espiritual, por si somente constitue uma valiosa e meritória contribuição para a triunfante politica de Boa Visinhança, que teve por animador extremado o vulto que jamais será olvidado por todos os filhos das Américas, o inesquecível Franklin Delano Roosevelt, e por idealizador e maior dos cultores da Liberdade no Novo Mundo, a figura inconfundível de Simon Bolivar, paladino cavalheiresco da independência pan-americana, justamente considerado cidadão de todas as nações livres dêste Continente.

Em Carolina, sua cidade natal, idealizou Raimundo Maranhão a fundação de um grêmio literário, projeto êsse que, tomando vulto, veio a se tornar uma esplendida realidade. E hoje là existe a “Casa Humberto de Campos”, ostentando no pòrtico o nome sobejamente conhecido, acatado e venerado do opulento escritor, uma das maiores glórias das letras pátrias.

O objetivo de Raimundo Maranhão foi colimado e a “Casa Humberto de Campos”, sociedade literária ao talhe das academias estaduais e possuindo vinte cátedras, está orientando o movimento intelectual de Carolina, adiantada e culta cidade do oeste maranhense.

Guiratinga

Certamente aonde algumas pessoas indagarão: - Onde ficará a cidade de Guiratinga, sôbre a qual foi hasteada uma das bandeiras do Posto de Comando do Pan-americanismo?

De toponímia inteiramente nova, êsse modesto burgo, sentinela avançada da Civilização na misteriosa jangle matogrossense, anteriormente se denominava Lageado.

Dessa cidade, onde a hospitalidade ergueu sua tenda com carater de permanência, Raimundo Maranhão, na Mensagem dirigida a todas os povos das América, assim se expressou: — “Mourejando numa terra de garimpos onde campeiam ilusões de encontro de

diamantes grandes, pedras faiscantes que prendem a atenção dos batedores aventureiros, é que vos endereço estas palavras, convencido que elas sejam ouvidas em todos os paralelos e meridianos”.

Quando visitamos o maravilhoso Leste matogrossense, apreciando paisagens fantásticas daqueles rincões sertanejos, na contemplação da portentosa subida do Portão do Inferno, no descortinar dos caudalosos componentes da hidrografia local, ainda desconhecidos e cheios de misteriosas lendas, no atravessar a vastidão infinita de maravilhosos campos esmeraldinos, ao chegarmos a Lageado tivemos a suave impressão deixada pela assombrosa fantasia oriental, depois da leitura de um dos geniais contos das MIL E UMAS NOITES.

Nessa deliciosa ocasião, ainda empolgados pela grandiosidade da natureza tropical da decantada região do Planalto Central do Brasil e surpresos pela nímia gentileza e franca hospitalidade de seus habitantes, tentamos, em pálido e inexpressivo soneto, gravar as nossas impressões sobre a Princesa dos Garimpos.

Peço-vos, senhores, vénia para ler aqueles versos.

— LAGEADO —

*Tal como pulcra rosa inda em botão,
encantadora e linda, Lageado
aos olhos surge do viajero ousado,
risonho e cheio de fascinação.*

*Bonita flor morena do sertão,
de coxilhas amenas rodeado,
por límpidos arroios osculado,
êle conquista o nosso coração.*

*Dos garimpeiros filha predileta,
a cidade gentil, rica e pacata,
é como um sonho excelso de poeta:*

*— Oculta em suas veias radiantes,
mas pronta a dá-las para quem as cata,
— as gotas do seu sangue — os diamantes.*

É nessa acolhedora e agarrativa Guiratinga que está localizada a tenda de trabalho de Raimundo Maranhão.

Dalí, daquelas paragens diamantíferas, partem as irradiações fulgurantes dessa adamantina e esclarecida inteligência do fundador e editor do "Correio do Oeste" órgão ao serviço dos interesses da zona garimpeira.

E êsses raios luminosos transpuzeram os marcos fronteiriços de Mato-Grosso, passaram muito além das raias brasílicas, e foram se refletir em terras forasteiras das repúblicas hispanoamericanas, em largo preconício de sua brasilidade.

Daí a razão de ser dêsse "Novo-Mundo", jornal-revista de feição completamente revolucionária, e que nos traz, a cada passo, revelações preciosas e surpreendentes sobre o evoluir das letras entre os povos das Américas.

É na placidez bucólica de Guiratinga, antigamente um buliçoso arraial mineiro, talhado à feição dos povoados febricitantes do Far West americano e hoje um centro de trabalho dirigido, de comércio honesto e de sítios amenos e produtivos, que Raimundo Maranhão, com sua pena burilada e escorreita, traça êsses admiráveis livros de crônicas, de ensaios e de crítica sadia com que enriquecerá as letras regionais de Mato-Grosso, e, concomitantemente, a literatura nacional.

Alí, em Guiratinga, está a oficina lapidária, onde estão sendo esculpidas essas raras estatuetas, joias de fino trabalho intelectual, filigranas delicadas que refletem a mentalidade robusta, mosaicas arabescados por mãos afeitas aos mistérios do bom gosto cultural.

Dalí, daquele silencioso estúdio de lucubrações paci-

enciosas, sairão “Centelhas d’Alvorada”, “Poeira do Caminho”, “Figuras Contemporâneas”, “O Parnasianismo e Alberto de Oliveira”, “A Poesia Moderna e Jorge de Lima”, “Zweig — Escritor da Atualidade”, e muitas outras obras, já concluídas mais de uma dúzia e prontas para o prelo, outras em vias de conclusão e ainda muitas em preparo.

Dada a notável fecundidade intelectual de Raimundo Maranhão, a sua capacidade de trabalho sem par e os seus dons de inteligência, de preparo cultural e de continuados e profícuos estudos literários, muito ainda esperam as letras matogrossenses da pena adextrada e infatigável do escritor.

A Academia Matogrossense de Letras, acolhendo o autor de “Ronald de Carvalho”, nada mais fez do que render uma sincera homenagem ao escritor patricio, que muito tem feito a prol de nosso progresso espiritual.

E Raimundo Maranhão, estamos certos, corresponderá, às nossas esperanças.

— o —

Termino, senhores, esta humilde oração, dando em nome da Academia Matogrossense de Letras as boas vindas a Raimundo Maranhão Ayres.

Que sua atuação neste sodalício seja profícua útil e valiosa, consoante o seu passado cheio de relevantes serviços às letras matogrossenses.

Seu exaustivo e interessante estudo sôbre personalidade do seu patrono, o mavioso poeta Antônio Gonçalves de Carvalho, o cantor emotivo da “Flôr de Neve”, vale por uma promissora afirmação de quanto pode ainda Raimundo Maranhão contribuir para a maior culminância da nossa literatura regional.

E aqui faço ponto, congratulando-me com os meus confrades e com todos os que dedicam alguma parcela do seu espírito ao estudo e á meditação, pelavultosa e magnífica aquisição que esta Academia acaba de fazer, concedendo uma das suas poltronas a Raimundo Maranhão Ayres.

Trechos do «Poemas para Você»

ESCREVEU

JOSÉ DE MESQUITA

(1943 — 1947)

I

.....

Seu nome é para mim uma jaculatória
Repito-o sem cessar dentro do coração.
Ele me é, nesta vida atormentada e inglória,
amuleto, tabú, talismã e oração.

Como ao Petrarca a sua Amiga e Enamorada,
êle enche de harmonia os meus versos de amor,
é a laurea a corôar minha fronte cançada
dum divino, supremo e indizível fulgor.

Ele me traz o gosto e o perfume da pêra,
mesclando-se do leite ao sabor virginal.
Seu nome, meu Amor, é a única e verdadeira
prece deste meu culto imenso e sem igual.

(Do "Você, Eu e nosso Amor")

II

A ESPERA

--Você vem ou não vem? meu coração soluça,
a pendular, entre a esperança e o desalento...
A hora passa... e você não chega... já se embuça
de tristeza minha alma, em grande sofrimento.

Ouçoo passos lá fora... o olhar ansiado, busco
sua imagem... Não é! Dese ngano tristonho...
Hoje ela não vem mais! e, neste lusco-fusco,
da minha solidão, com seu carinho eu sonho...

.....
Virá ou não? pergunta angustiosa que faço
e cuja só resposta, alvoroçado, vejo
quando escuto na porta o ritmo do seu passo,
e canta, em minha Bôca, o Poema do seu beijo!

(Do " Horto concluso")

III

BEATA DOLOR

mas do fundo do coração te agradeço o desespero
que me causaste e detesto a tranquilidade
em que vivia antes de te conhecer.

(Soror Mariana -carta III)

Que vale a calma que se frui sem o amor?
Mil vezes o sofrer, quando do amor provem!
Quem vive sem amor, não sabe dar valor
à vida, que só vive aquêle que quer bem.

Recuso de bom grado essa tranquilidade
que desfruta o egoísta, o homem que nunca amou,
pois sofrer por amor é uma felicidade:
quem viveu sem amar, não sofreu nem gosou.

Bendita a dôr de amar! Dela é que nós provimos.
Tudo o que faz gosar primeiro faz sofrer.
Abençoada a dor de amar, em que sentimos,
pelo Amor, o supremo e o mais doce prazer!

(Do "Sol que morre... lua que nasce")

IV

FONTE

Eu mergulho em você como numa nascente
o sequioso vai a sede saciar,
e bebo na tua alma, a ternura clemente
e em teu corpo o desejo intermino a jorrar.

Fonte do amor, que assim me dás, suavemente,
a água que salva, e nos transforma e eleva o Ser,
água que em seu mistério imenso e surpreendente,
em goso nos converte o mais duro sofrer.

Minha alma na tua alma entranha-se, contente.
E meu corpo em teu corpo eu sinto se aunar.
É como se bebesse a água de uma vertente
que mais se haure, mais se anseia saborear,

Que água haverá melhor ou fonte apeteçada
pode um netar brotar fresco e límpido assim?
Manadeiro do amor és tu, doce Querida,
que Deus, no seu amor, fez nascer para mim.

(Do "Rosa de Aridade")

V

Você ao Sol

Vi você, esta manhã, ao sol,
O' como fica bonita, você!
Você é flôr que pede luz, calor.
Precisa de claridade,
não é flôr de estufa ou de penumbra,

Ao sol, o seu corpo irradia,
Sua Alma transparece á flôr da pele.
O' como fica mais bela, vo-cê!
Vem para mais perto de mim ...
Como você toda transluz!
A sua feição se transfigura
e você é outra, agora,
sendo, entretanto, mais você...

Deixe que eu fique mais junto ...
Deixe que na minha alma cheia de sombra
penetre esse fulgor que sai dos seu olhos
(vem do sol ou de você?)

Suas mãos são mais leves e cariciosas...
seus labios mais turgidos e vermelhos.,.
sua epiderme mais rosea e pubescente,..
Ha mais ternura nos seus olhos
e todo o seu ser, até o mais intimo,
como que aflora.

O diga-me, AMOR,
é o sol que faz você mais bonita
ou é você
que faz mais linda esta manhã de sol ?

(Do" Jardim aberto")

VI

PARA QUE?

Já gostei de viajar.. Hoje quero, entretanto,
viajar pela sua Alma e seu Corpo, porque
tudo o que a terra tem não vale o seu encanto.
Para que viajar? o meu mundo é você.

Já gostei de beber. Encontrava no vinho
emoção e delícia, um travo, um não sei que..
Hoje o que me embriaga, Amor, é seu carinho.
Beber? mas para que? O meu vinho é você.

Já gostei de fumar. Hoje, si, às vezes, fumo
é só pelo prazer com que você me vê.
O meu gosto maior em você o resumo.
Porque fumar, AMOR? meu cigarro é você.

Gostei tanto de ler! mas, agora, Querida,
contenta-me o que leio em você e o que lê
você em mim... meu Tudo é você, minha Vida.
O que mais hei de ler? o meu livro é você.

(Do "Amor só e todo Amor")

VII

NOSSA TAREFA

Unidos pelo Amor e para o Amor,
nossa doce tarefa, certamente,
será espalhar o Bem, constantemente,
e suprimir ou minorar a dor.

Faremos compreender a toda gente,
que o AMOR é o unico e certo Salvador,
a mão e o coração dando a quem fôr
da Caridade no desvelo ardente.

Mostraremos, assim que o AMOR nos fez
felizes e felizes nós faremos
quantos sofrem do mal as duras leis.

E terá nossa vida vã missão:
— a de irradiar por todos os extremos
o AMOR que nos transborda o coração.

(Do "Deus em nós")

VIII

A BENDITO...

Bendita seja, AMOR, em nós, a Natureza
que nos deu dêste AMOR a suprema grandeza!

Bendito seja o AMOR que verte em ncsso Ser
o maior sofrimento e o supremo Prazer!

A Natureza que é o AMOR e que nos faz
gozar da vida todo o Bem e mal que traz.

Que te faz assim doce e meiga e carinhosa,
que não sei si é a Alma ou o Corpo que em nós goza,

e que, meu puro AMOR, quando, unidos, amamos,
põe todo o Céu em cada amplexo que trocamos,

e nos dá toda a seiva e ardor da mocidade,
primavera do amor, que o nosso outono invade,

aurora radiante em nossa suave tarde,
sol poente que combure e inflama e aquece e arde.

Bendita Natureza! Ela nos abençoa,
neste AMOR que nos faz a Vida bela e boa!

(Do " Em toda parte...")

IX

LOUVADO...

Louvado seja DEUS em nós, em nosso AMOR!
na união espiritual, que faz um de nós dois,

nesta ternura, neste encanto, nesta doce
fusão, que faz de nós qual si Um apenas fosse!

Louvado seja DEUS que é o AMOR e o AMOR que é DEUS!
Nós somos dois Vocês ou nós somos dois eus?

Anulo-me em você., Você se esfaz em mim...
Louvado seja o AMOR que permitiu assim!

Louvado seja o AMOR e DEUS que, assim nos deu
Você para ser minha e a graça de eu ser seu,

e após tanto sofrer, com paciência e humildade,
como prêmio nos trouxe esta felicidade!

Louvado seja DEUS em nosso grande AMOR!
Louvado seja o AMOR que nos deu o Senhor!

(Do "Agora e sempre..").

X

MATERNIDADE

Faltava á tua meiga formosura,
ao teu encanto, à tua mocidade,
o que à Mulher completa e transfigura,
o halo sublime da maternidade.

E, hoje, ao ver-te a feição mais doce pura.
toda a exalar paz e felicidade,
teu filho ao colo, a mim se me afigura
que atinges, à integral maturidade,

Após tanto sofrer, agora vejo
que em teu Ser nova vida se inicia,
na inteira plenitude do desejo,

e és como a encarnação do próprio Amor,
que em nós vive, palpita e se irradia,
tal como o fruto completando a flôr!

(Do "Pomar da vida")

SONETOS CLASSICOS

Rubens de Mendonça

I

Eu vos suplico em nome deste amor,
Minha paixão senhora he tam ardente,
Que fere assi meo peito cluelmente
Do vosso olhar o esplendido fulgor!...

He tam grande Senhora a minha dor...
Pertendia cala-la mansamente
Em meo peito, entretanto a dor pungente
Fere minh'alma com atroz furor!...

Somente o vosso olhar mulhei fermosa
Inspirou-me divina creatura
Este cruel amor, louca paixão..

E da vossa belleza muy vaidosa,
Sem se importar com a minha desventura,
Deponho aos vossos pés meo coração!..

SONETOS CLASSICOS

II

Em meo olhar vereis a nostalgia
Senhora, dona de meo coração,
E muy padeço e soffro atra paixão
Vivendo só por vós em agonia!

Não sinto mais o riso de alegria
Sem vosso olhar sequer de compaixão
E he tam triste viver nesta soidão
A definhar, senhora, noite e dia ...

Minh'alma escrava que vossa alma adora
Há de ficar assi embevecida
Do vosso olhar ao magico esplendor! ...

Per hum momento só, bella Senhora,
Volvei a mi o vosso olhar, querida,
Que feliz morrerei por vosso amor! ...

III

Pudesse eu, fermosa creatura

Viver a contemplar vossa belleza...

Findava de meo peito essa tristeza

E terminava a minha desventura!...

Pudesse eu ver-vos sempre que amargura

Que tortura meo peito com certeza

Havia de fugir vendo-vos presa

Cheia de amor e eu cheio de ventura!

Pera esta vida já sem esperança

Pera minh'alma já desiludida

Pera meo peito a se sangrar de dor...

Sois vós Senhora, o bem que não se alcança,

O resumo feliz da minha vida --

Sois vós fermosa, a dona deste amor!...

TRES POEMAS

DE OSCARINO RAMOS

HORA DE RECOLHER.

A' Exma. Senhora D. Stela Ambrosio.

A' luz, ocídua, sobe para o espaço
O passaro metálico.
Sobe, e, como uma flexa,
Atravessa
A minha terra natal.
Olho a mais uma vez. Lá, está, toda branca.
Com tufos verdes. Longe, o rio a fluir.
Longos dias, passei em seu seio...
Cruzei as suas ruas
Como extranho peregrino.
Estas recordações, vagas, mas, sempre fiéis...
Mudou-se o tempo e, com ele, passei.
Oh! minha infancia. Oh! meu lar.
Meus dias distantes, adeus!
Olho-te, mais uma vez,
Minha terra.
Nada mais. Ficaste, ao longe.
Na redoma da minha saudade.
Voa o passaro metálico.
Brilhando, á luz da tarde.
Deixo um ninho abandonado
Para outro alcançar, puro, tranquilo, bom.
Sim, coração, tudo passou...
Ja é tarde... Bem tarde... Hora de recolher.

ROTEIRO

Para Rosa.

Picado pelo sol da mocidade,
Subi, cantando, esta montanha.
No cimo, ergui as mãos, glorificando a Vida!
Agora, desço-a
Para atingir o vale umbroso e frio.
A encosta é a mesma que outra. A paisagem a mesma:
Verde, quieta, tocada das flores das piavas
Como monstruosa flor carnívora,
Todo teu desespero e as tuas lagrimas.

E trescalante do aroma das avencas.
 O' coração, apenas bate menos.
 A vida! Em que consiste?
 Alegria. . . Bondade. . . Perdão. . .
 Vá que errem, pelas ruas,
 Lobos famintos.
 E atravessem as estradas
 Aguas malsãs.
 O' lho, somente, o meu caminho e sigo
 Feliz com a minha sina.
 Vida passada! Lutas e derrancos. . .
 Ergui o meu pendão de guerra
 Para lutar e nunca ser vencido.
 Neguei os maus
 Para fazer o bem.
 Por isso tudo alcancei:
 Pecunia e galardão, desvelo e mansuetude.
 E desço, est'outra encosta
 Sem susto, sem clamor e sem revolta.
 Que importa que de azul se esmalte a serra
 A' hora pensativa do crepusculo?
 Saudades?
 Bastam as que levo e deixo em minha casa

UM DIA

Um dia. . . Hoje? Amanhã? Já ou depois?
 Não importa! Partirei.
 Virás pé ante pé, mirar-me.
 Na imobilidade da matéria inutil.
 A tua palidez refletirá
 A tua dor e o teu imenso desespero.
 As tuas filhas, aves tontas,
 Apanhadas em pleno temporal,
 Clamarão pelo meu nome.
 Em vão !
 Porque, afinal, tudo isso?
 A vida é um ceu azul
 Com leves nuvens brancas a passar.
 Céleres, correm e se esgarçam
 E o ceu se torna, novamente, azul.
 Que importa, pois, que eu parta!
 O meu espirito inquieto, no entanto,
 Pairando sobre o lar em chama,
 Buscará sugar,
 Como monstruosa flor carnívora,
 Todo o teu desespero e as tuas lagrimas.

◆○○○○○○○○◆◆○○○○○○○○◆◆○○○○○○○○◆.○○○○◆◆○○○○○○○○◆

JUBILEU ARQUIEPISCOPAL DE PRATA

do Exmo. Revmo. Snr. D. Francisco de Aquino Corrêa

DISCURSO DO GOVERNADOR

Exmo. e Revmo. Senhor. Dom Francisco de Aquino Corrêa, Dignissimo Arcebispo de Cuiaba'

Honra excelsa a que haurimos nestes dias felizes da semana aniversària do arcebisado de prata de V. Excia. Revma; honra que temos, Govêrno e governados do Estado, brasileiros e matogrossenses, e filhos de outros paìses, que vivem integrados conosco nos mesmos objetivos de engrandecer a terra comum. Todos os corações pulsam, numa só isocronia, palpitam de um sò entusiasmo e de uma intensa alegria, nestas demonstraçoens de solidariedade e de alto apreço ao chefe espiritual do Estado, ao varão ilustre e patriota, que tanto tem dignificado a Deus no seu sacerdòcio, como a Pàtria e a Família, com as excelsas de peregrinas virtudes de impoluto cidadão.

O Govêrno do Estado, identificado com o seu povo que foi nascido, de em pronunciamento coletivo e liberal, que o sagrou eleito da sua vontade, se considera justo intérprete do pensamento, que anima a todos os concidadãos matogrossenses, na oferta desta homenagem, que faz a V. Excia. Revma., como das mais modestas que vem recebendo do povo; porém, como aquela que traduz fielmente o seu sentir geral. Aqui estamos para reverenciar a V. Excia. Revma. como prelado e como

cidadão, pelo muito que tem semeado das suas virtudes em pròl do povo, como supremo chefe da Igreja em Mato Grosso e como cidadão, pelo grande cabedal de patriotismo, sadio e puro, que ás mãos cheias, vem decramando pela palavra e pelas letras, como um dos maiores pontífices da nossa cultura científica e literária, no amanho do espirito da sua gente nas conquistas máis salutaes da inteligência e do civismo cristão. Aqui estamos para reconhecer o mérito de uma grandeza que è nossa, que instintivamente representa o ideal de um povo, orgulho de uma sociedade, a que enobrece e ilustra.

Esta casa, que o tem na galeria dos Governadores, que por ela passou como um dos seus servidores pela abnegação, que forma o espirito e o coração de V. Excia., esta casa fala mais que a nossa palavra, da renúncia e do sacrificio, do esforço, da coragem e do entusiasmo cívico, que V. Excia. dispendeu em pròl do Estado, numa época semelhante à que atravessamos, erçada de dificuldades de tódã ordem.

E como se houvera V. Excia. Revma. naquela conjuntura da familia matogrossense, di-lo bem alto a estima, a consideraçac de que é cercado neste momento pelos seus patricios, decorridos trinta anos daquela investidura, à qual se dedica corajosamente, como mensageiro da paz entre os seus coestaduanos.

Como árbitro de uma situação delicada de conciliação politica do Estado, soube V. Excia. Revma. manter o equilibrio social da nossa terra, espargindo os ideais da conciliação, de congraçamento e confraternização no seio de uma coletividade.

E dessa atuação serena patriótica, e apostólica, seguida por V. Excia. Revma. como timoneiro da náu do Estado, surgiu um estendal de garantias e liberdades, que floresceram na prosperidade de todas as iniciativas particulares e públicas.

E é em reconhecimento a tudo isso, que o meu Govêrno faz côro com o seu povo nas festas do Jubileu de Prata do arcebispado de V. Excia. Revma. e rende graças a Deus, para que esta data, tão cara ao coração matogrossense, se reproduza, ainda, sob os mesmos aplausos e as alegrias, que brotam da alma do povo.

A V Excia. Revma. e aos apóstolos de Cristo e a todo o clero matogrossense, o nosso preito da mais alta consideração e apreço e os votos que formulamos e com que pedimos a Deus pela continuação da preciosa saúde de V. Excia. Revma., em cuja honra levantamos as nossas taças.

DISCURSO DO ARCEBISPO

Exmo. sr. dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo Dignissimo Governador do Estado

Cabe me nesta hora, agradecer a V. Excia. não somente as nobres e amistosas palavras, com que ora acaba de distinguir-me, senão também a honra deste solenissimo banquete e a homenagem concretizada no Decreto-Lei N. 864 de 10 de Junho corrente.

E devo e folgo de aqui declarar que V. Excia., por si só, com esses tres atos do seu Governo, fez, glorificou e immortalizou o Jubileu Arquiepiscopal de Prata do Arcebispo de Cuiabá.

E o que mais me penhora e cativa, é que V. Excia., conforme ainda agora ouvimos, frisando embora o que possa haver de expressivo na personalidade que se festeja, visou, entretanto, um fim muito mais elevado e muito mais digno da sua sábia clarividencia de homem de Estado.

A atitude oficial de V. Excia. transcende a órbita sempre estrita do personalismo, para homenagear, enaltecer e prestigiar, atravez da pessoa do Arcebispo, a tradição catolica do nosso povo.

E nada mais democrático, por isso que o catolicismo é a religião da maioria do povo brasileiro, e a República, que desconhece o sangue azul e as suas regalias, erigiu exatamente em poder soberano, a vontade da maioria.

As constituições republicanas não podem abolir, sob pena de cair em contradição, esse privilegio das democracias. E assim como os partidos políticos, uma vez legalmente consutuidos, são todos iguais perante a justiça da lei, mas só o partido da maioria, o partido majoritario goza os favores do Governo; assim tambem as religiões são todas equiparadas em face da nossa liberdade de culto, mas a religião da maioria, a religião majoritária, mesmo que o Governo ponha à margem quaisquer considerações de ordem filosófica e teológica, faz jus a concessões especiais, porquanto, ainda que não seja religião oficial, é, como disse Pedro Lessa, a religião nacional, a religião do povo.

Assim o entendeu tambem V. Excia. na sua sabedoria e experiencia das coisas públicas, e eis porque neste momento, aqui esta toda a Arquidiocese encarnada no seu Arcebispo, para manifestar de publico a V. Excia. a sua cordial estima e agradecimento. E cresce de ponto a minha satisfação, ao ver que me é dado agradecer a V. Excia. diante dum público tão seletto

como este, onde contemplo chefes e detentores dos supremos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, líderes dos nossos partidos políticos, altos dignitários desta Província Eclesiástica e do nosso Clero, representantes dos Governadores de S. Paulo e do Guaporé e do General Comandante desta Região Militar, Comandantes do Exército e da Polícia, próceres da nossa imprensa, expoentes das nossas classes sociais, toda uma fina flor, em suma, da sociedade e da cultura.

Assim é que me prezo de agradecer a V. Excía. erguendo a minha taça neste ambiente de esplendor e elegância, para brindar a saúde de V. Excía e rogar a Deus Senhor Nosso, conceda a V. Excía. realizar os seus grandes ideais em prol do nosso querido Mato Grosso, ao longo dum Governo, que alvoreceu e brilha já, sob os mais felizes auspícios.

Viva o Governador Arnaldo de Figueiredo!

O Discurso Oficial do Jubileu

pelo Desembargador José de Mesquita, na sessão magna do Gine Teatro de Guibá

(20 - VI - 1947)

A Providência, na harmonia dos seus planos, aprouve-me dar, numa demonstração da sua munificência, que não mereço, e logo em seguida a grave provação, a que me sujeitou, esta satisfação inefável que é, a uma, honra das mais insignes, de assistir e partilhar do justíssimo regozijo de nosso povo, à passagem do Jubileu de seu tão grande, quão querido Arcebispo. Afastado que me encontro, ha meio ano, do grato convívio da minha terra, servindo ao Brasil, em plagas outras e distantes, mas cheias da mesma viva e sadia brasilidade, logrei a rara fortuna de poder, mercê de Deus, estar convosco, meus amigos de Cuiabá, ao término destas belas comemorações jubilares que, ora, atingem a seu brilhante remate. Cumula-se essa honra, por si já bastantíssima, com a que me conferiu em especial delegação, o meu velho e dileto amigo, Cel. Rondon, Governador do Territorio Federal do Guaporé, a quem nestes festejos venho representando.

Feliz coincidência, diria a frívola interpretação vulgar. Benévola disposição do Supremo Ordenador de todas as cousas, digo, em minha concepção filosófica e religiosa dos fenômenos e fatos da existência. Assim o quis Aquele que tudo pode, dirige, orienta, dispõe e permite. Quis Ele o que eu queria, como que, numa compensação bondosa à minha conformidade a tudo quanto Ele quer — *vis quod volo quia volo quod vis*.

Primeiro, portanto, agradecer, que é o dever principal das almas bem formadas.

Agradecer a Deus e também a vós, Snrs. da Comissão Promotora, a quem se deve o realce e a magnificência destes festejos, a vós que, num gesto cativante, fostes buscar-me, quando ainda, um mês atrás, me achava na Guanabara, e, enobrecendo-me com este mandato, traçastes para mim, nesse pedido, uma como que imperativa determinação do destino

Ouso assim me exprimir, Senhores, sem falsa modéstia, porque, na reta ascensional da vida do ínclito Pastor da grei cuiabense, tive a sorte, de que, como S. Paulo, não na calando, antes me glório, de acompanhá-lo sempre, mano a mano, na aproximação constante de uma dessas amizades inalteráveis à ação do tempo e do espaço, solidificadora dos laços de sangue, que nos ligam, antes mesmo de virmos ao mundo, através dos antepassados comuns.

Assim é que quasi paralelas nos correm, desde infantes, as vidas, separado de pouco mais de um lustro o ponto de partida. Ao colher o preclaro homenageado de hoje, os seus primeiros e já significativos louros, no exame de madureza, em 1904, estive entre os que, primeiro, lhe bateram palmas, aluno que era do mesmo tradicional colégio S. Gonçalo, onde estudava humanidades.

Daí alçou êle o seu alcandor, com pequeno pouso, em o Noviciado do Coxipó da Ponte, para além dos mares, e ao volver, tres vezes laureado, pelo sacerdócio, e pelos titulos de doutor da Gregoriana e da Academia de Santo Tomás de Aquino, fui, na Paulicéa, onde fazia meu curso de Direito, daqueles que, em 1910, antecipando a doce aco-

lhida do Lar e da Terra Natal, lhe deram os primeiros abraços de feliz chegada à Pátria.

E assim foi sendo, pelo fluir dos anos, quando, em 1914 de volta à Capital-Verde, saudei o Diretor do nosso Liceu, a cuja frente continuava o Pe. Aquino a tradição dos Malans e dos dois Oliveiras, numa progressão de trabalho e de cultura, que deram a esse benemérito estabelecimento a sua fase áurea de apogeu.

Logo ao primeiro dia do ano seguinte, beijava-lhe o anel episcopal, na velha Sé, engalanada para receber o Bispo de Prusiade e Auxiliar do saudoso D. Carlos — e o mais jovem Prelado desse tempo.

Tres eras após, em 1918, me cabia saudá-lo, numa das mai expressivas manifestações populares, que Cuiabá já assistiu, falando, em nome do povo matogrossense, ao Presidente da Conciliação.

E ainda, 25 anos atrás, justamente na efeméride, cujo argentino jubileu ora festejamos, ensejava-se-me cumprimenta-lo, ao chegar da Capital bandeirante, onde, das mãos venerandas de D. Duarte, recebera o augusto pálio arquiiepiscopal. Não só, porém, nas horas de triunfo, senão que, também, nas de luta e trabalhos, nas vias-sacras penosas do seu Ministério, em que os Taboros e os Calvários se alternam, sendo estes mais frequentes que aqueles, dadas as contingencias fatais do Espírito e da matéria, estive sempre a seu lado, quando não objetivamente, em pensamento e solidariedade contínua.

Acompanhei-o na sua jornada reta e ascendente pelas letras, em que cedo galgou os pináculos das duas mais altas sociedades culturais do país.

Tive nele, desde os primeiros passos, nesse caminho inçado de espinhos, mas florido, o Mestre, o guia, o conselheiro amigo, desde quando, ao voltar de Roma, me traçou, na amavel dedicação do divo Poema do Dante, este programa síntese, que é todo um planejamento literário: — “Ao querido José, para que na lição do divino Alighieri, a sua poesia torne-se cada vez mais nobre e cristã”. E hoje, ao tocar-me, por suave designio do Céu, através da escolha dos

amigos, esta grata tarefa de saudá-lo, ainda uma vez, nada mais faço que prosseguir nessa sequencia ininterrupta de quasi meio século, na qual se entremesclam reconhecimento e admiração num todo que sintetizarei num dos mais doces e expressivos vocábulos de nossa língua -- amizade.

Snr. Arcebispo de Cuiabá:

Há um principio filosófico que proclama — *operari sequitur esse*, e que se traduz, no sentido próprio, como no vulgar, qual a natureza do ser, tal a sua atividade. Ser de eleição, vindo de uma linhagem de prol aperfeiçoado no cadinho de um lar onde a virtude floriu e frutificou abundantemente, dotado de todos os dons superiores do Espírito, natural seria que o jovem dos começos do século, que encantou os Mestres naquele exame de Madureza, quando ainda lhe verdejava a idade, surgisse, em plena maturação, o varão perfeito, luz da nossa Cultura, flôr da nossa Inteligência, fruto opimo da nossa Bondade, paradigma excelso dos atributos quita-ssenciados da nossa Raça e da nossa Terra.

“O Espírito reparte a cada um o papel que convem na comunidade” — conceituou o Apostolo das gentes, na sua primeira carta aos corintenses.

O vosso papel, bem cedo o revelastes e o tendes longamente confirmado. A coletividade matogrossense pode ufanar-se de ter em vós, do mesmo passo, o fundamento firme e o capitel glorioso de uma notavel geração.

Não haverá por certo, empresa do Bem, da Cultura, do Proveito Comum, em nosso meio neste último quasi quarenta anos, a que se não ligue, pela iniciativa ou pelo auroçoamento prestigioso, o vosso nome. E isso dentro do vosso extraordinário senso de desprendimento e renuncia, sem os cartazes e atoardas da popularidade requestada ou mercenária, que cria “herois” e “gênios” logo esfumados e rebatidos, em lhes faltando a aura fitícia dos incenso de ocasião ou de interesse.

Méritos que tais, não são certamente, nem de longe de se comparar ao vosso Sr. D.Aquino, q. tendo valor próprio e muito vosso, passastes pelas mais altas posições, como estrela, não

como ou satélite projeção de alheia luz. Delas saistes como entrastes — o mesmo, com igual prestígio. A irradiação da vossa personalidade impar sobrecede as fronteiras da própria Nação e se estende até o velho Continente, onde, em mais de um ensejo, se afirmou, para gáudio e enaltecimento dos vossos paisanos.

O cuiabano egrégio que, no sôlio arquiépiscopal da sua Cidade natal, ostenta o fulgor da sua Mitra e do seu Báculo, é o mesmo, ao lustre maravilhoso das Basílicas, como nas ermidinhas dos arraiais perdidos entre as grutas e desvãos das serras e dos vales interlandesa.

Este que vos fala e vos acompanha, ha tanto tempo, e a quem foi dado tecer-vos em hora jubilar e jubilosa o grato e sincero panegírico, ja vos viu nas pompas magestosas da Candelaria, falando aos maiores da época, com a autoridade do vosso mestrado, e, bem assim, nas capelinhas rusticas do sertão, do Coxipó do Ouro à Chapada, do Livramento a Diamantino, pregando a Bôa Nova aos nossos jécas, sempre o mesmo, inflamado da mesma Fé e de igual zelo apostólico, adaptando-se, admiravelmente, ao ambiente e ao auditório — que nisso vai uma das características marcantes da vossa superior organização psíquica.

Reunís, desta arte, em vós, a um só tempo, e por igual, a figura daqueles Bispos, que em vosso próprio dizer, “com as suas doudas Cartas Pastorais orientam as classes dirigentes do país para os ideais cristãos da eterna Sabedoria” e daqueloutros que “evangelizam as populações mais humildes dos nossos ínvios penetrais, sentando-se à mesa do caboclo para lhe encherem de alegria a alma e a cabana sertaneja”.

Senhores:

Que mais devo ou posso dizer-vos, nesta oração official do Jubileu, entre as galas deste salão, a que empresta a sua solene austeridade, o comparecimento dos mais altos dignitários da Igreja e do Estado, e a sua mimosa garrídice a presença das nossas mais dignas Damas e Donzelas, representando a nobre Família cuiabnaa?

Como enfeixar melhor os vótos que todos fazemos, a alegria que a todos nos toma, do que invocando a ciência eterna dos Livros Sagrados, ainda uma vez na palavra do grande Apóstolo de Tarso?

Toda esta grandeza, Senhores, toda esta sublimidade que presenciamos, nesta noite memoravel, é uma ressonância, um revérbero dos afetos que nos merecem o querido Homenageado, mas vale, sobretudo, como uma afirmação da Fé do bom povo, que tem no Bom Jesus o seu supremo Guia espiritual.

E' nêle que está a nossa Salvação — *non est in aliquo alio salus* — diz o lema de nossa gente, que, há mais de 20 séculos, a palavra de S. Paulo traçou, de forma definida e definitiva, para os cristãos de todos os tempos e lugares. Por isso, e porque vemos no Arcebispo de Cuiabá, o nosso carissimo Pastor e Pai, o representante visível e terreno do meigo Jesus -- d'Aquele que mesmo os Hollard, os Derssmann, os Renards proclamam, insuspeitamente, que é "sob sua inspiração que as gerações que o seguiram, realizaram as mais nobres aspirações da humanidade", por isso, meus amigos, é que vos conclamo, como síntese expressiva desta saudação, reverente e filial, de diocesanos e de amigos, a acompanhar-me, nestes expressivos VIVAS:

VIVA O BOM JESUS DE CUIABÁ!

VIVA D. AQUINO, O ARCEBISPO DO BOM JESUS!

Discurso do Academico Francisco F. Mendes em nome do ex-alunos Salesianos

Não seria justo, na sequência dos fastos festivos do vosso jubileu arquiépiscopal, faltasse a palavra dos ex-alunos salesianos, palavra da recordação, flor ornamental do vosso triunfo, a maior, a mais expressiva das festas da vossa vida religiosa.

Recordar, é alimentar o coração. Para tão delicada missão,

porém, força é confessá-lo, nunca senti, como neste momento, a inferioridade do meu esforço. Se não deploro entretanto, a escolha do meu nome para tão alta incumbência de vos saudar, Sr. D. Aquino, em nome dos milhares de ex-alunos do antigo Liceu Salesiano S. Conçalo, dentre os quais vos destacais como estrêla de 1ª grandeza, é porque, esta honra me faz experimentar neste instante, um dos maiores prazeres da minha vida; compartilhar com a fidelidade da minha grande admiração a vossa respeitável pessoa na solenidade cultural do vosso apostolado, festa que é de todos nós, que é de Mato—Grosso, que é do Brasil, porque, ela representa um quinhão considerável do patriotismo moral, intelectual e religioso de nossa terra.

O que se tem visto nestes dias, nas inúmeras demonstrações de que tem sido alvo a vossa ilustre personalidade, não tem a característica de um culto restrito a determinado âmbito social, mas tem-se confundido nessa formidável expansão do nosso povo, de que não é somente grupal, mas é a mole soberana, que julga incorruptivelmente as ações dos homens; que vem dos lares, das escolas, élites, das oficinas, de todos os sectores das atividades profissionais; manifestações de júbilo, aclamações estupendas de afeto, tributo de imperecível gratidão para convosco. Fizestes credor da benemerência de um povo todo, de um povo que admira na vossa excelsa pessoa, não só a humildade do sacerdócio religioso que professais, mas as supremas qualidades de talento e de cultura, de caráter e de bondade, a serviço de Deus, da família e da Pátria. A vossa virtude religiosa, tem concretizado a fé católica no espírito da nossa gente, alicerçando a crença do povo, crença cuja semente germinada há séculos no sólo pátrio, cada vez mais se expande e se aprimora em brilhantes e magníficas florações.

Cultuando as letras pátrias na beleza do nosso idioma, conquistastes a imortalidade, ocupando no Cenáculo augusto da cultura, a ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, a cadeira que os grandes e inolvidáveis brasileiros, Barão do Rio Branco e Lauro Muller dignificaram, e que perlustrais condignamente, com a vossa— “crença na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo” — crença na literatura — “que é uma alavanca de ouro elevando os corações para o ideal e para a virtude, literatura que, á semelhança da olimpica Hebe propina aos espíritos em vasos de filigrana, os manjares da imortalidade “ — como asseverastes na vossa Oração na Acropole imortal, — “onde os Propileus não perdem a elegância ática dos seus marmores, e o Partenão cristaliza para sempre, o sorriso divino da beleza”.

Orador aprimorado, vossas palavras ressoam eloquentes, em harmonias extasiantes, tais essas cataclupas maravilhosas dos nossos

sertões, empolgantes pela maviosidade, convincentes nos conceitos vivificantes pela espiritualidade que as anima, entusiasmo e maravilha! Escritor consagrado, poeta de fina inspiração, vossas obras constituem para a bibliografia indigena, penhor seguro e marcante da cultura brasileira. “Das obras de Demostenes, quando lidas, disse-o Eschines, que lhes faltava meio Demostenes, porque, os seus escritos no papel estavam mudos, pois lhes faltava a sua voz” Nos vossos escritos porêm, há a vida, no estilo colorido e sublime, fazendo com que, lidos se reanimem como se realmente ouvidos dos vossos lábios.

A vossa obra, encarada sob quaisquer aspectos é digna e capaz de ufanar a mais culta das civilizações.

Recente foi a vossa atuação como Delegado do Brasil VIIa Conferência Internacional de Instrução Pública, realizada em Genebra. La nas plagas amenas da culta Suissa, berço de Sismond e Rousseau, reproduzistes a obra genial de Ruy Barboza reafirmando naquele Congresso de sábios a fama do talento brasileiro, na conquista elevada das ciências, através do vosso verbo eletrizante. Naqueles recantos maravilhosos — “dont les montagnes, les tacs, les traditions, toul enfin semble convier les poètes a rêver eles philosophs à penser” — revelastes em francês castiço, os progressos educacionais do Brasil de forma tão admiravel, fixando máximas de Estado e de governo, com a expontaneidade da vossa palayra acostumada a penetrar nos arcanos reconditos da Sagrada Escritura, como nô-lo revelais sempre nas brilhantes páginas das vossas PETALAS DO EVANGELHO.

Para maior ressalte da vossa benemerência, cumpre lembrado aquí, vossa atuação á frente do Estado, em período sombrio da sua existência política. Se ela não prodigalizou a Mato-Grosso, nos reduzidos limites de um quadriênio, a concretização das aspirações materiais do povo, de que mais se culpam as dificuldades financeiras de uma entidade paradoxalmente pobre, uma característica, porêm, destaca a vossa administração, consagrando-a entre as mais benemeritas: — foi ela de justiça e de paz, de harmonia e de respeito no seio da família matogrossense. Saneando os costumes com o aproveitamento dos verdadeiros valores, unindo os homens que se degladavam nas pugnas partidárias, vinculando-os sob pálio do trabalho e da honra, realizastes a maior das obras a prol da grandeza moral de Mato-Grosso.

Vossa administração, há mais de cinco lustros passados, foi início de nova era político-social para o estado, reintegrando-o na percepção do verdadeiro sentido da realidade democrática, tão almejada pelo povo, que é união dos espíritos como força construtiva de ordem, de respeito e de justiça. Vossa atuação no Go-

verno de Mato-Grosso se alicerçou na compreensão filosófica do direito de que — “A soberania, que é o poder, tem de ser limitada pelo direito, que é a lei”.

Mas Sr. D. Aquino já me alongo nesta saudação, desviando-me da delicada incumbência que recebi, e penetrando na seara que, a outrem calha melhor discorrer sob a inspiração do direito e da justiça. Aquí estou, como Presidente da União dos ex alunos salesianos, para trazer-vos a palavra de gratulações no reavivar os dias idos e vividos sob os porticos do velho solar da antiga Rua Nova, onde as gerações matogrossenses se aperfeiçoam nos princípios edificantes da ciência, da religião e do civismo, preparando-se intelectual e moralmente, para bem servir a Pátria.

Evoca-se neste momento na memória, a alacridade da juventude do tempo! O tumultuar alegre das labutas das classes! As festividades do início e encerramento dos anos letivos! As comemorações cívico-religiosas no grande saguão! Perpassa-me na mente a lembrança dos varões ilustres que prestigiavam a obra educativa dos missionários salesianos! Entre tantos benemeritos, surge-me num hálo de saudades, a figura veneranda, hierática do Comendador Antonio Tomaz de Aquino Correia, vosso inesquecível progenitor! Sempre presente a todos os atos do Liceu, que êle tanto amava, e a que ligara o coração na vocação do filho, abençoava com o seu sorriso de bondade e confiança, os atos festivos, que sua presença realçava e estimulava com expressiva singeleza! Evoca-me ainda neste momento, a Chácara S. Antonio, à margem do histórico Coxipó, em cujo vetusto casal, entre gazalhosas mangueiras, iniciastes pelas mãos de D. Malan, o abnegado apóstolo dos sertões, o vosso noviciado, e de onde partistes para a velha Roma, em busca dos manjares sublimes dos canones, que ilustrariam o vosso espírito na perfeição religiosa e magnificente da fé no Ser que age soberana e magistralmente sobre as forças do Universo!

Hoje, após longo e vitorioso apostolado, recebeis em dia tão significativo, com loiros triunfais do sacerdócio, o peito de justiça que vos é devido.

Sr. D. Aquino

Entre as homenagens das classes sociais e do povo matogrossense, que ora vos são tributadas, dignai-vos acolher no ramilhete de glórias que recebeis, as preces dos vossos antigos condiscipulos; as orações dos que, seguindo, os vossos exemplos, ano após ano, sob as bençãos protetoras de S. João Bosco, honram o Liceu Salesiano e a nossa sociedade.

Que Deus vos cumule de bençãos para gloria da nossa fé, para a honra do nosso povo, para a grandeza de Mato Grosso.

A voz das associações Religiosas

*Discurso do Dr. Luis-Philippe Pereira
Leite, no encerramento da Semana Jubilar*

(22 VI - 1946)

Há cinco lustros, com a alma trêmula de emoções, galgava timidamente os degraus do venerando sólio desta Arquidiocese, aquele que o Divino Pastor e Bispo das nossas almas, pelo órgão de seu Vigário na terra, escolhera para nosso Metropolita. Deparavam-se lhe, perpetuados na galeria dos próceres da Pátria e na veneração da posteridade, dois eminentes pastores, dotados, ambos, de grande bondade, extraordinária energia moral, cultores intransigentes do princípio da autoridade, aureolados pelo respeito e pela estima dos seus diocesanos: Dom José Antonio dos Reis e Dom Carlos Luis d'Amour, os quais, durante mais de quarenta anos cada um, governaram o mesmo sólio, então quase secular.

Natural era, pois, que o novo Pastor, ao empunhar-lhe o báculo dourado de gloriosas tradições, sentisse estreitarem-se todos os laços que o prendiam ao seu rebanho, pela comunhão do berço, do sangue, dos ideais e de afetos, como no-lo confessa naquele documento memorável da "Primeira Saudação" não escondendo as apreensões, os receios, as ânsias, que desde logo, lhe empolgaram o espírito ao ser ciênte de sua promoção a tão árduo quanto insigne posto, dignificado pelos varões ilustres., cujas tumbas sagradas se abrem ao pé do trono pontifical da augusta Sé Metropolitana de nossa bi-centenária Cuiabá.

Saudando a todos os fiéis de sua Arquidiocese, a todos os seus diocesanos, repetia-lhes, á guisa de programa, a "palavra colhida nos labios do Divino Mestre, em um dos mais suaves transportes daquela sua tão patética e sublime "Oração da Ceia", a divina legenda que, desde a sua ordenação sacerdotal, adotara por lema do seu ministério, e mais tarde, por divisa heráldica das suas armas prelatícias: *Sancti-*

fica in veritate! E no instante em que, com o coração a transbordar de inefáveis afetos, auspiciando para os diletos diocesanos, toda a abundância dos favores celestes, lançava-lhes a sua primeira bênção pastoral, pedia aos seus ilustres antecessores na Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, que erguessem também, do além-mundo, as sacrosantas dexteras, e como outrora, no esplendor das quirotecas pontificais, abençoassem solenemente, com o novo Pastor, a Arquidiocese Cuiabana.

Pensamentos são êstes, que merecem evocados, ao encerrarmos as comemorações jubilares do caríssimo Antiste, que, com firmeza e brandura — qualidades mestras daqueles mesmos prelados — vem engrandecendo e dignificando a Arquidiocese de Cuiabá.

Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo Metropolitano:

As comemorações jubilares, e de modo especial, o magnífico espetáculo desta noite, eloquentemente falam do aprêço do povo matogrossense á pessoa veneranda de V. Excia, hoje feito em Decano dos Arcebispos do Brasil e dos Bispos filhos de São João Bosco em todos os quadrantes do globo, depois de ter sido, ao seu tempo, o Bispo mais moço do mundo, glorificando nossa terra e sua nobre gente. E' que V. Excia, pertencendo à familia espiritual dos grandes vultos da Igreja Universal tem o seu nome projetado além das lindes pátrias

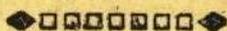
O que, porem, importa ressaltar, como interprete das associações religiosas da Arquidiocese, é o zelo apostolico do venerando Pastor, cuja obra magnifica a pról de nossa terra e do bem espiritual do seu povo, vive, triunfa e perdura, porque "sabe, todas as manhãs, abrir olhos novos para o mundo e merece, por isso, ver todas as manhãs novos aspectos da Verdade permanente..."

No silencio da vida religiosa, cercado do respeito e da admiração dos fiéis, vai o solícito guia espiritual traçando rumos seguros ao governo pastoral. Muitas facetas dessa obra grandiosa, que está sendo erguida sem alaridos, nem incensações, passam despercebidas da mór parte, ex-

cepção feita daqueles que têm a ventura de conhecer-lhe mais de perto a generosidade e a bondade, que buscam sua fonte em Deus Nosso Senhor. Em meio á prosperidade das obras e ao crescimento do patrimônio da Arquidiocese, vai se erguendo simples e majestosa nas suas linhas arquitetônicas—fruto exclusivo de um intenso labor apostólico—a Residência, que abrigara condignamente, de futuro, os nossos Metropolitanos.

Que nunca se apaguem de nossa retina, as vibrações desta grandiosa semana jubilar de gratidão ao insigne Antiste, que merece todas as homenagens deste grande povo, que aplaude as benemêrências de V. Excia, Snr. Arcebispo, e vem à praça pública, testemunhar a V. Excia. o seu apreço e gritar, com todas as véras de sua alma:

VIVA O ARCEBISPO DE CUIABÁ!



Sessão Solêne de Posse

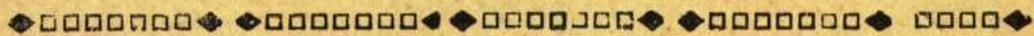
— D O —

Acadêmico Arquimedes Pereira Lima

Na cadeira n. 13

Patrono — Antonio Corrêa do Couto

α 24 de Maio de 1946



PALAVRAS DE ABERTURA

pelo Presidente José de Mesquita

A Academia Matogrossense de Letras abre hoje suas portas a um lidimo representante da Imprensa — o jornalista Arquimedes Pereira Lima.

Podemos dizer, com justificada satisfação, que a festa de hoje è bem a Festa da Imprensa, a consagração acadêmica do periodismo.

Tão associadas vivem as Imprensas e as letras, no ritmo da vida moderna, que si fôssemos procurar, neste sodalicio literário, o homens la imprensa, muito mais facil nos seria buscar, entre os membros desta casa, os que não servem ou não serviram nas colunas desse Exército inerte e, entretanto, potentissimo da Imprensa.

Vem de longe, essa intima associação entre a Literatura e os jornalismo conquanto, hoje, as condições da existencia atual, a façam mais real, mais eficás e mais constante.

O beletista, agora mais do que nunca, precisa da letra de forma do jornal para que seus trabalhos tenham a necessária divulgação e a atuação que requerem as idéas, já agora não confiadas na egoistica concepção da arte pela arte.

Por outra parte, impõe-se ao periodista hodierno a colaboração do homem de letra, não só para dar ao seu jornal a forma es-correita e bela que realiza o *utile dulci* do preceito clássico, mas ainda para que possa a folha volante da imprensa, vestindo os matizes variados das elegancias do estilo, prazer a todos os que nele se abordaram de sãos e solidos principios, na taça de ouro da forma insipida, que faz melhor a bebida, que um pucaro tosco e grosseiro.

Eis porque nesta Casa do Barão de Melgaço foram sempre bem acolhidos, como si em sua casa fosse, todos os jornalistas.

Na galeria immortalizada que vêdes circundando os muros augustos deste Salão nobre, não são poucos os jornalistas, que fizeram

do periodismo o seu brasão e quasi mesmo a sua profissão: P. Ernesto, Ramiro, Mariano Ramos, Mesquita Senior, Frederico Prado, Trouí e, para não ir longe, o Patrono cujo retrato e cuja estima hoje se inauguram.

A. Correa do Couto, o fundador do "Guaicuru," tipico até na sua curiosa denominação local.

Tambem no quadro academico, para só citar os que dirigem no momento, órgãos publicitarios, vemos Jaime de Vasconcelos, Luis-Philippe Pereira Leite, Benjamin Duarte, Miguel Melo, Severino de Queiroz, Raimundo Maranhão, Nicolau Frageli, Castro Brasil e o recipiendario.

Mas o que empresta maior significação á entrada do novel academico desta noite no silogêo das boas e belas letras matogrossenses — é, sobretudo, ser êle um autêntico representante da Imprensa, sendo pura e simplesmente, no momento, um jornalista. Nenhum outro cargo desempenha, função qualquer de outra natureza lhe ocupa a atividade, senão que essa, que, por assim dizer, é a melhor e maior tarefa que, na hora trepidante e confusa que vivemos, pode desempenhar um cidadão, a serviço da causa publica. Arquimedes Lima, que sabe ser periodista elegante e castiço, reunindo os dotes da academia aos de homem de imprensa, entra, pois, para esta Casa dos Homens de Letras, que bem se podia, chamar a Casa do jornalista matogrossense, trazendo credenciais que o habilitam a ser, em nossa grei, o verdadeiro embaixador do jornalismo moderno.

E nesse carater, que ao abrir esta tertulia, como Presidente da Academia, e tambem como jornalista, tenho a satisfação de saudá-lo, congratulando-me com o sr. Arquimedes Lima, pela sua entrada para a Academia, e com a Academia pela valiosa colaboração que ele nos vem trazer.

Este mês de Maio é particularmente grato à Imprensa—o 13 de maio se convencionou ser o dia do jornalista; dois órgãos da Imprensa local, entre os 5 atuais, vieram a lume em Maio, e hoje 24 de Maio dia duplamente festivo no calendário religioso e civico, recebemos, na Academia, um gennino homem da Imprensa, pela palavra de outro brilhante jornalista conterrâneo - que é Gervásio Leite.

Palmas, portanto, no abrir desia festa, em que a poesia se conjugam, —uma linda Sessão de Maio; palmas à Imprensa - na figura do seu representante que hoje, ascendo, unicamente por seus méritos pessoais, a culminante desta glorificação e desta immortalidade - o jornalista Arquimedes Lima. Está aberta a sessão.



DISCURSO DE POSSE pelo Acadêmico Arquimedes Lima

Cumprindo um dever de praxe—o de agradecer-vos a honra insigne da minha eleição para esta Casa ilustre em que tem assento a mais alta intelectualidade do Estado, peço licença para dizer-vos que a grande honra com que me galardoastes eu a recebi como uma homenagem à profissão de jornalista que sempre exerci e procurei honrar.

“Não tendo sido jamais senão jornalista e nunca tendo a outra profissão aspirado” — como escrevi no pórtico do meu livro “Problemas matogrossenses”, e aqui, agora, vos repito, outra justificativa não encontro, com efeito, para minha presença na vossa ilustre companhia senão na modalidade da atividade intelectual que exerço.

O jornalismo é na verdade, um gênero literário, e dos mais interessantes, não se sabendo hoje, como disse Vitor Viana, onde acaba o jornal e começa o livro.

Jornalismo e literatura — aquele talvez em maior escala que esta — exercem hoje a mesma influência construtiva no campo social e político. Em S. Francisco, Washington, Chapultepec, Londres, Moscou, Paris, onde estão sendo traçados os destinos da Humanidade, tem sido exaltado o papel da imprensa na reconstrução do mundo.

Tudo isto me faz cada vez mais orgulhoso da profissão que abraçei e a que tenho dedicado todas as horas da minha vida.

Ingressando nesta Casa como jornalista, pois outra obra literária não possuo senão os artigos publicados em dezenas de jornais de que tenho sido redator, diretor e colaborador, devo salientar a para mim feliz circunstância, que menciono com especial satisfação, de vir encontrar entre vós outros colegas ilustres do mesmo glorioso *metier*, e portanto confrades duplamente. Ainda ontem aqui empossavamos Jaime de Vasconcelos, legítima vocação de profissional, e uma das mais altas expressões do jornalismo contemporâneo. O nosso Presidente, esse inexcédível José de Mesquita — inexcédível na *cult ura*, inexcédível na atividade intelectual, inexcédível no amor às coisas do espírito — é outra glória legítima

do nosso jornalismo e militante dos mais intrépidos das colunas da nossa imprensa. Benjamin Duarte, Raimundo Maranhão, Ulisses Cuiabano, Luis Philippe, Rubens de Mendonça, Castro, Rosário Congro, Nicolau Fragelli, Severino Queiroz, Estevão de Mendonça, Francisco Mendes, Isac Póvoas, Filogônio Corrêa, Miguel Melo, são entre outros, nomes igualmente ilustres, com atuação em nossa imprensa que venho aqui encontrar. E para coroar esta série de citações, recebe-me nesta Casa um dos mais eminentes confrades de imprensa, Gervásio Leite, ex — companheiro de redação no “ESTADO” e um dos grandes nomes do nosso periodismo.

O jornal, no interior principalmente, é, como assinalou Machado de Assis, mais patriotismo que indústria; é uma escola de civismo onde, a cada dia, mais se aguça o nosso espírito público. E’ a imprensa um verdadeiro apostolado, a exigir de nós, constantemente, mais capacidade de sacrificios, mais reservas de paciência, de dedicação e de desprendimento sem igual. E é ainda, muitas vezes, como disse Humberto de Campos, uma sereia enganadora.

Sendo uma espécie de exame de consciência alheio, requer o jornalismo dotes especiais que só se adquirem nessa escola viva da experiência que é o próprio jornalismo. Intérprete instantâneo de toda essa vertigem de idéias e sensações que vai pelo mundo, o jornal é um alimento do espirito por excelência, uma fonte diária de novas emoções para os leitores.

De tal forma êle nos prende, nos arrebatá e nos atrái, que uma vez ingressando na profissão, difficilmente nos libertamos de suas seduções.

De mim direi que já não seria capaz de viver hoje, depois desses quasi vinte anos de tarimba jornalística, longe do ruído das linotipos, dessas máquinas que alimentamos diariamente com a semente de nossa idéia e que se tornam, por fim, como que pedaços de nossa alma.

No meu livro “Problemas matogrossenses”, falando, á pag. 191, da minha profissão, dizia eu: “Nesta profissão incompreendida e amargurada, ou se condena os crimes e criminosos, para se ficar com a sociedade; ou se aponta à opinião pública os açambarcadores e provocadores de carestias, para se ficar com o povo; ou se denuncia as organizações de espertos judeus que se enriquecem à custa de uma classe espoliada para se ficar com os humildes: enfim, para se cumprir a missão social que nos impõe o sacerdócio desta profissão apesar de tudo gloriosa, ou se declara guerra a todos os inimigos da lei para se ficar com esta, arrostando embora as iras e os malquerenças dos contraventores; ou se silencia deante de todos os crimes e injustiças e ter-se-á, nesse caso, falhado a uma missão traído um dever, mais que isso, apunhalado uma coletividade, inteira que está por traz de um jornal.”

Cícero, perseguido pelos triúnviros escrevia certa vez a seu amigo Atico, a esse tempo exilado em Atenas: "Ha nada mais triste que a nossa vida, a minha principalmente? se falo de acordo com as minhas convicções, passo por louco; se ouço meus interesses, acusam-me de escravo; se me calo, dizem que tenho medo."

Do jornalista quasi que se podia dizer o mesmo, principalmente em nosso meio: se se dispõe a esgrimir, esgrimindo embora o bom combate, é certo que arcará com a penha de derrotista; se se cala, é porque deixou-se subornar, e, finalmente, se elogia é um bajulador. . .

E até um alto espirito como Anatole, referindo se, certa vez, a um amigo, assim expressou o conceito que fazia de sua pessoa:

Homem cortês, inteligente e culto. E' pena que se trate de um jornalista. . .

Mas não faltam, também, as pilhérias, as ironias, as farpas postãs a serviço dos que igualmente detestam as academias e os acadêmicos.

Verdadeiras antologias de epigramas poder-se-iam organizar a respeito. Mas a verdade — assinala Múcio Leão, — é que a despeito de todas as chufas "as Academias vivem e prosperam por toda parte".

Não basta, entretanto, que vivam e prosperem as academias. . . É preciso mais: é preciso que elas cada dia mais se integrem na vida humana e mais se identifiquem com os problemas que afligem a humanidade. Não pode haver a esta altura da evolução xxxxxa do mundo, nenhum cenáculo fechado ás realidades humanas. Hoje mais do que nunca, os artistas estão penetrados problemas sociais e a poesia e a literatura não podem deixar de refletir as tendências do mundo. Baixemos, portanto, das nuvens arcádicas da arte e da literatura até cá em baixo, ao homem que luta e que sofre. Escutemos os seus gemidos. Voltemo-nos sem tardança, ainda que nosso gesto não tenha mais que uma expressão sentimental, para as misérias de nossos semelhantes.

Spengler tinha razão quando disse: "Feliz não será ninguém entre os vivos de hoje".

Pertencemos a uma geração que assistiu, horrorizada, ao desmoronar de um mundo, ao sossobrar de uma civilização. Espremida entre duas guerras, geração infeliz, com todos os seus traumas, constitúe o material, defeituoso do ponto de vista psicológico, com que se pretende reconstruir o mundo.

E assiste-nos o direito, quando vemos a humanidade, aflita, na noite que precede a aurora que ha de vir amanhã, procurando 'certar os rumos que hão de guiar os passos neste mundo novo e 'melhor', que nos prometem, cruzar os nossos braços, indiferentes voltados unicamente para o sonho e a fantasia?

Não. Temos que nos compenetrar do papel que está reservado ás academias, que congregam as elites intelectuais, neste dealbar de uma nova civilização. Este papel não pode ficar reduzido áquilo a que chamou Nabuco de a "literatura pela literatura"

Já vimos que o culto da força cria as falsas grandezas, os poderios efemeros, ao mesmo tempo que abate os valores eternos da inteligência.

Do mundo de hoje devemos proscrever as doutrinas que se baseiam nesse culto maldito. Aquela filosofica do fabulista, segundo a qual "la raison du plus fort est toujours la meilleur", já não tem cabida nos dias atuais. Só se admite, hoje, a força animada do bem, a força garantia da justiça, como queria Pascoal. "Venham juntas a força e a justiça, de tal modo que o justo seja forte e o que é forte seja justo" — como disse Montesquieu.

Em meio as incertezas da hora presente, quando uma clara ameaça nos vem do estrangeiro, é dever de todas as academias reagirem concorrendo com os seus esforços para a salvaguarda de nossas tradições e de nossas forças espirituais. Não podemos nos isolar aqui numa torre de marfim, calafetar as portas deste augusto recinto, para que não nos cheguem os ruidos da vida exterior. Não podem as Academias ser indiferentes aos embates da humanidade.

Nas suas "meditations sud-americaniques" afirmou Keyserling uma grande verdade: se nada devemos temer da onda vermelha de russos e asiáticos jamais, por outro lado, nos tornaremos americanos nos moldes ianques, da mesma forma que a Grécia jamais se romanizou.

Cuiabá é — como diaria Paulo Setubal — Brasil Ino proprio original. Aqui estão as nossas melhores e mais puras reservas de brasilidade. Aqui se sente e se cultúa a tradição, porque tudo nos fala do passado. Nesta Casa illustre, como que vagueia por estas salas soturnas o espirito de homens cuja preocupação em vida foi a ação politica na mais elevada acepção do termo. Esses homens, srs. academicos, foram os titulares destas Poltronas ilustres.

Nenhum local, portanto, mais adequado, que este para repetir vos as palavras com que Aureliano Candido Tavares Bastos, ha 48 anos atraz, chamava a atenção dos governos para os nossos problemas de Estado: "É preciso que a vida pública em nosso país seja uma grande realidade e que em vez das recriminações odientas, das disputas pessoais, da pequenez diária e da frialdade incessante, se estude o país; agitem-se os grandes problemas, pesquisem-se os verdadeiros interesses, rasguem-se as entranhas do presente e voltem-se as páginas do futuro. É preciso fortalecer os pulmões, e, fronte elevada, olhar fixo, cora-

ção seguro, mãos ageis, voz firme, mudar os ventos, impôr as ondas, vencer o furacão.”

Estas palavras proféticas, escritas há 34 anos atrás, revestem-se ainda hoje de gritante realidade.

Mas não desesperemos do futuro. Daqui, do refúgio severo desta Academia, onde tudo nos fala da tradição — e a nossa tradição é fé, é crença, é confiança em Deus — daqui do recinto deste Templo da Cultura, elevemos uma prece ao Altíssimo para que tudo conhecendo transforme os corações dos homens e, ouvindo os clamores do povo de todo o mundo, purgue as fortalezas do mal para sempre, arvorando, em todos os cantos da terra, as bandeiras do bem e da paz incorruptível, segundo a sua lei.

Refere Anatole France em uma das suas finas boutades a uma certa tribo de canibais que tinha o gosto extravagante de comer os velhos . . . Diz Afranio Peixoto que os civilizados ao em vez de comerem-nos, muito pelo contrário, fazem dos velhos, acadêmicos. E acrescenta que é uma maneira de premiar o tempo, ao mesmo tempo que defender a instituição de uma outra espécie de canibalismo — o das novas gerações . . .

Tenho de citar o velho e batido in medio virtus para dizer que prefiro ficar no meio: entre as duas gerações que aqui pontificam, dignas uma da outra pela atividade espiritual como pela fertilidade dos exemplos morais.

A mocidade é romântica, sempre dominada pelo sentimento; a velhice é clássica em seus gostos, amiga da ordem e das restrições — disse Will Durant. E' preciso o meio termo, a vontade coordenada que se coloque entre a velhice, que é estagnação, e a mocidade que, no dizer de Nietzsche, é como “ as carvoeiras da floresta: só depois da carbonização é que se torna utilizavel.”

Mas, afinal, o tema quem me propõe é a necessidade de divagar um pouco, pois em verdade, não ha aqui moços nem velhos. A velhice biologicamente, é uma condição da carne.

E se o homem, como queria Renan, tem a idade de suas idéias, só ha aqui uma luzida, vibrante e homogênea mocidade.

Li algures que o espirito acadêmico consiste principalmente em “ réplicas amáveis e ironicas, ditas com urbanidade, sublinhadas com traços de erudição e elegância.”

Alphonse Daudet, da Academia Francesa, vai além: diz que é hábito divertido naquela instituição que o acadêmico, ao dar as boas vindas ao recepiendário, puxe a cadeira, em que o convida a sentar-se, como fazem os gaiatos . . .

Se a imagem é perfeita, digna do fino espírito francês, espero que Gervásio Leite dela não abuse. Seria aumentar o embaraço do neófito que aqui hoje ingressa, já tão assustado com a pompa do ritual da recepção, como pela sua natural timidez.

Não sei se foi Séneca ou Cícero quem escreveu um tratado

sobre a amizade. Aí é que deve o meu amigo e confrade, com o seu artistico coração, encontrar o roteiro a seguir. Ao oferecimento da cadeira, que seria um gesto de requintada amabilidade digno do espirito gaulês, prefiro simplesmente o familiar e tão cuiabano “vamos entrar” ...

Srs. acadêmicos:

Sensível áquela sábia norma de Socrates, do *nosce te ipsum*, bem sei que nada sou. Mas sei, também, que ha aqui, logar para todos, mesmo para os mais modestos. Se não posso prometer-vos radiações do talento e da cultura, posso, em compensação, oferecer toda a cooperação de que for capaz para os trabalhos desta Academia.

Eis porque vim, este o espirito com que entro para a vossa companhia: o de colaboração em todos os sentidos, procurando, sempre, suprir as deficiências de minha cultura com as sobras de minha bôa vontade.

E agora, que já vos disse, com sinceridade, dos meus propósitos, é tempo de encerrar. E qual o tema para o melhor fecho!

Aquele que constitúe a minha tarefa primeira nesta Academia e que, velha praxe em ocasiões como esta, faz parte do ritual das posses acadêmicas: o elogio do patrono da minha cadeira.

Li, em não sei que autor, que uma Academia do Hamadam e não é felizmente do Azerbaian uma província recondita da Pérsia longinqua, tinha, em seus estatutos, um sábio artigo, exatamente o primeiro, redigido nestes terminantes termos: “Os academicos pensarão muito, escreverão pouco, e falarão o menos possível.”

Tenho deante de mim, neste momento, e terei, prometo, sempre que vier à tribuna acadêmica, os drásticos dispositivos da academia persa. Em outras palavras: falarei pouco.

Aliás, a biografia do patrono da cadeira em que hoje em emposso não é mesmo longa, posto que das mais brilhantes e suggestivas.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, exerceu, no Estado, entre outros cargos, o de Promotor Publico, como se vê nas “Datas”, de Estevão de Mendonça.

Com atuação brilhante na imprensa e na politica do Estado, foi ele o deputado geral do Império, na legislatura 1861-1863

Terminado o mandato que exerceu com brilho, foi nomeado Presidente da Provincia do Piauí.

Regressando a Mato Grosso, fundou e dirigiu nesta Capital o jornal “O Guaicurú” cujo primeiro numero, segundo ainda Estevão de Mendonça, apareceu a 30 de Junho de 1870.

Militando sempre no foro e na imprensa, Corrêa do Couto

foi uma das mais altas expressões de cultura de sua época e um dos precursores do jornalismo em nosso Estado. Deixou escritos trabalhos sobre Direito e História, publicados uns, outros não. Mas todos se perderam....

A 6 de julho de 1879, em Cáceres, onde então residia, e onde igualmente outra fundara e dirigia, veiu a falecer este grande vulto do nosso passado.

Jornalista, em Mato Grosso, ha quasi um século atraz, que grande sonhador deve ter sido este notavel Antonio Corrêa do Couto !

Numa época em que rareavam os homens de elite, mais ainda que hoje, Corrêa do Couto deve ter lutado como um gigante para sobrepôr-se ás dificuldades próprias da época. Se levarmos em conta a aspereza do ambiente de então, a incultura que áquella distanciada época era generalizada, a legião dos medióres que devia ser mais bem numerosa e mais agressiva que a de hoje, teremos então uma idéa da podero a vontade que dirigiu esse alto e luminoso espirito.

Corrêa de Couto pertenceu ao Parlamento Brasileiro numa época em que pontificavam ali grandes valores e nós, em Mato Grosso, os tínhamos até para exportação, como prova o fato de ter esse nosso conterrâneo governado o Piauí.

A' Camara, a esse tempo, eram levados os homens superiores, que constituíam de fato, a nata da cultura brasileira. Melhor caracterizando diremos que Corrêa do Couto é de uma época em que Tavares Bastos, o grande Tavares Bastos, seu contemporâneo na Camara, sustentava da tribuna esta doutrina: "Só ao verdadeiro mèi-o, venha ele de onde vier, compete participar da vida pública do país."

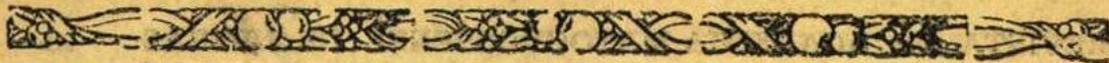
Corrêa do Couto pertence a esta falange de semeadores e precursores cuja vida e obra, no passado, se confundiram ao serviço da Pátria.

Disse Buffon que "la plupart des hommes meurent de chagrin".

E' possível que Corrêa do Couto tenha morrido de desgosto. Basta ter sido um lidador da imprensa, um panfletário em Mato Grosso, áquelas priscas eras. A incompreensão que deve ter encontrado, obrigando-o a recalcar as aspirações, seria suficiente para matá-lo.

A alma de um jornalista, batida de atropelos, anda sempre de tal modo impregnada dos sentimentos e aspirações coletivas, que nela se refletem, como num prisma de cristal, todas as grandezas e misérias do universo.

Corrêa do Couto, a par de otros excelsos attributos de espi-



DISCURSO DE RECEPÇÃO

pelo academico Gervasio Leite

Das qualidades marcantes de vossa personalidade, Senhor Arquimédes Lima a Academia destacou uma para, através dela vos dar a láurea da imortalidade, uma apenas mas que, nesta casa é suficiente para vos justificar como homem de letras: jornalista sois e no jornalismo estais em contato direto não sómente com as belas letras mas, sobretudo com as boas letras que fazem da imprensa uma poderosa fôrça na vida moderna e do jornalista um homem excepcional pela soma de poderes que em si concentra e de quem Rui Barbosa disse palavras definitivas. Afirmava o admiravel genio de Haja: "Cada jornalista é para o conium do povo, ao mesmo tempo um mestre de primeiras letras e um catedrático de democracia em ação, um advogado e um censor, um familiar e um magistrado. Bebidas com o primeiro pão do dia, as suas lições penetram até ao fundo das consciências inexpertas, onde vão elaborar a moral usual, os sentimentos e os impulsos, de que depende a sorte dos govêrnos e das nações."

"A nações mais bem governadas são exatamente aquelas, onde maior é a frutificação e a pujança do jornalismo, flora intellectual, que não medra, renovando o oxigenio à atmosfera politica, senão nas regiões onde o genero humano desenvolve os seus melhores espécimes."

Nosso illustre Presidente de honra, o eminente acadêmico D. Aquino Corrêa lembrava, há tempos que a palavra de ordem dos jornalistas, deve ser aquela divisa — *dilatentur spatia veritatis* dilate-se o campo da verdade, pois sómente a verdade é que constitui a glória mais alta da imprensa e a meta dos profissionais que visam nobres ideais, que se incorporam ao patrimônio comum da humanidade.

A verdade deve ser dilatada, dia a dia; nessa função pública que é a imprensa, não apenas uma expressão comercial, nem tão pouco uma industria mas, uma instituição, um poder que vela pela Liberdade, luta pela Verdade e pelos nobres ideais do Homem, principalmente pelo maior deles, o fundamento da civilização cristã, que é a dignidade da pessoa humana.

As folhas da imprensa, de mão em mão, dilatam extraordinariamente o campo de ação do jornalista, dando-lhe uma soma de poderes contra o qual tm lutado inutilmente todos os que se apoderam, equivocadamente, dos govêrnos—ditadores e tiranos.

Mas, tambem, Felix Pacheco, grande homem de imprensa dizia que “não há profissão mais ingrata nem mais difficil. O menos que o jornalista militante sofre ao cabo de algum tempo de contato ininterrupto e diário com a sociedade que para êle não tem reservas nem hipocrisias e se mostra sem véus, desnuda, grande nas suas virtudes e monstruosas nos seus vícios e nos preconceitos, é a perda fatal de suas illusões.”

Mesmo assim os verdadeiros p ofissionais, os jornalistas de vocação, os que são impulsionados pela firmeza de um ideal não se deixam vencer pela descrença mortificante, nem pelo ceticismo amargo e doloroso nem, ainda, pela imposição das fôrças políticas ou economicas que, secretamente, lutam por uma imprensa incolor, laudatória e venalizada.

Aos jornalistas verdadeiros, paladinos de uma nobre e serena fé, nenhum poder poderá vence-lo, nem o dinheiro que os homiens elevaram às alturas de mística, nem o poder que seduz os que nada valem, nen a glória falaz que morre com o glorificado, porque nada pode contra a pena armada pela verdade

A Missão do Jornalista

Na vossa profissão, se volverdes o olhar para o mundo em que estamos vivendo deparareis com um medonho espetáculo. Massas humanas jazem aterrorizadas pelo espantallo da fome; povos e nações sentem aproximar-se, rapidamente, o espectro de uma nova guerra; desmoralizados pela tremenda luta mundial, milhares de homens se debatem, sem rumo no cáos dos vícios e das misérias quando a Humanidade acaba de sair de uma hecatombe perturbada, profundamente no ritmo de sua vida normal, angustiado por tremendas crises morais, políticas e economicas. As repercussões dessas crises são dramaticas, intensas, profundas, atingindo todos os povos dominados pelo medo e pelas amarguras, procurando na luta meios de sobrevivência decentes, porque, ja agora lançados no melo da confusão deste após guerra, os alicerces de um novo mundo, indivíduos e as nações, estão vendo, entre desapontados e revoltados que este não é o mundo melhor que lhes prometeram quando os cla-

rins da guerra rasgaram a tranquilidade anunciando a maior catástrofe que sofreu o genero humano. Depois de uma solidariedade e esplendida de homens livres de todo urbe para vencer os inimigos da Paz, solidariedade que exigia sacrificios inimaginaves e que importou em dispendios insondaveis, a humanidade, novamente se separa em grupos de nações e de indivíduos, ressentidos e sofredores num mundo em que se continua a viver sob o signo sinistro da desconfiança.

Qual será—no meio da inquietação desta hora insondavel, por entre lutas agrestes de grupos, classes e interesses, em pleno apogeu da desconfiança e da dispersão de esforços que deviam visar o bem estar da Humanidade, qual será a função, a responsabilidade e a missão do jornalista? Qual será de um modo geral, a missão da intelligencia combativa, neste instante em que o mundo oscila, perigosamente entre o cáos da anarquia social e a perspectiva de um mundo de sofrimentos, ou, como diz um escritor contemporâneo quando "o pendulo oscila entre indignidade humana e campo de concentração."

Eles terão que cumprir sua missão e tal missão na conjuntura que estamos vivendo será, ainda, a de convergência de esforços, de solidariedade entre os homens de boa vontade, de tolerancia e de respeito mútuo, sufocando os desejos individuais, seus anseios e ambições. União dos homens de boa vontade, aproximação dos que desejam buscar soluções coletivas, benéficas a largas posições da Humanidade, espezinhada e brutalizada no vórtice dantesco da guerra. Não podemos cerrar os olhos para fugir ás responsabilidades. Temos que arrancar, no esforço diuturno, sob o império de ideais nobres, as soluções melhores para os homens destes tempos.

Ante o espetáculo contraditório desta hora temos que formar uma frente disposta a todos os sacrificios.

Qual será portanto a missão dos jornalistas? Construir orientando nos labirintos destes dias, os governos e as massas humanas que se atropelam procurando emergir do cáos para os esplendores com que lhes acenam. O jornal tem essa responsabilidade, tal missão fecunda e pacífica, buscando na ação vigilante, elevada e desinteressada traçar roteiros no chão revolto deste mundo ferido pela guerra.

A Batalha da Vida

Aí está, Senhor Arquimedes Lima, o sentido majestoso de vossa profissão, com a qual conquistais, hoje, a immortalidade, para muitos desvaliosa mas, conquista inestimavel para os homens que acreditam na influencia profunda e salutar de instituições como estas que sobrevivem por sobre as falsas conquistas de uma materialidade grosseira e vã.

Toda a vossa vida tem sido dedicada, integralmente, à imprensa. Os livros, os panfletos, os folhetos que escrevestes são prolongamentos de vossa atividade de jornalista, obra em que o profissional da pena se irmana com o sociólogo, o economista e o político, buscando sondar nos fatos mutáveis do presente, os fundamentos do futuro. Daí o valor e a importancia do jornalista que não se esgota no seu mistério e que se derrama em obras outras. Aí estão provando o assertiva os vossos "Problemas Matogrossenses" em que abordastes com mão de mestre os temas vitais de nosso Estado.

Ai estão os vossos estudos sobre borracha, pecuária, garimpos, mate, transportes, todos os problemas matogrossenses. No estudo e cuidado com eles revelantes conhecedor esclarecida das dificuldades diversas que perturbam o ritmo da vida econômica do Estado, demonstrando em páginas magníficas as soluções melhores e mais práticas ditadas por vossa inteligência.

Constituem, por isso mesmo, esses trabalhos, belas e forte, demonstrações de patriotismo e de espírito público revelades sobejamente, também, a vossa condição de homem de letras, é pelo vigor do estilo, pureza de forma, clareza, concisão, harmonia, aquelas condições das belas letras tão necessarias aos jornalistas que escrevem para o grande público.

Não tendes desmerecido os louros de mestre em vosso officio, onde tendes revelada um fino gosto literário que, facilmente, se revela deste simples *sueños* até solenes artigos de fundo e, em muitos deles tendes revelado uma condição amada dos academicos — a da malícia, sutil e polida.

Mas, como toda a obra de imprensa sofre, a vossa de erros, todos humanos e todos bem intencionados, erros de um homem que, de boa fé busca soluções para os problemas de seu tempo e que procura no turbilhão da época sondar um futuro melhor para um mundo em ruínas.

Sr. Arquimedes Lima! Como podeis ver a Academia, no inventário que procedeu de vossa personalidade — esta dolorosa dissecação que o regimento impõe, requintando a tortura pois geralmente, o anatomista deve ser o mais intimo dos confrades da vitima, a Academia demonstrou a sem razão de vossos receios. Sois um homem de letras, uma eminencia de vossa profissão e, esta Academia não se constitue apenas de literatos mas, daqueles se que servem da palavra para influir com vantagem nos destinos de seus contemporâneos; culturais que, aqui realizam no encontro de inteligências, uma obra de engrandecimento de nossa terra.

Ai está porque fostes eleito e, podeis ficar certo que ainda uma vez errastes, duvidando do merecido valor de vossa obra

e, quando a academia, por, intermédio de nosso eminente Presidente vos intimou a ocupar o vosso lugar neste sodalício disseste-me, como motivo de mais uma protelação que não tenheis tempo de escrever o vosso discurso e que, homem afeito à vida moderna vos amedrontava a solenidade da recepção e, sobretudo, a espera na saleta de entrada até que a comissão de academicos fosse buscá-lo para vos introduzir no recinto.

Pois, todas as razões que destes são injustificáveis: Viveis escrevendo e não tinheis tempo de compor o formoso discurso que acabais de pronunciar. Homem de hoje podeis ver que as praxes acadêmicas são estimáveis e facilmete suportáveis e, ainda a espera na saleta que tanto vós atormentava é curta e, para honra vossa declaro-vos que aguentasteis o sacrifício com bravura.

Sr. Arquimedes Lima. A noite memorável em que vindes ocupar a vossa poltrona marca mais uma etapa em vossa vida. Batalhador desde muito moço nesta casa vindes encontrar novos motivos para o vosso talento de escol.

Mal saistes do Ginásio, onde fostes colega de uma pleiade ilustre de matogrossenses, onde se contam Argemiro Fialho, Benjamin Farar, Hélio Vasconcelos, Gabriel Vandoni e outros, entrastes para a imprensa, a princípio na provincia, dirigindo o "Correio do Sul" ou "Nove de Julho," órgão revolucionário e constitucionalista com o qual contribuistes para a volta do país a normalidade política. Por esse ideal de constitucionalização depois da revolução de 30 fostes soldado de S. Paulo e no front estivestes como voluntario, quer em Herculânea como em Buri onde puzestes em prática os ideais que latejavam em vosso peito jovem.

Vencida a revolução fostes ser professor em Araçatuba, curtindo exílio já que a prepotência de certas politicas não vos permitia residência tranquila em vosso Estado natal.

De lá abristes aza em busca da grande imprensa e fostes para a redação da "Gazeta de Noticias e para os quadros rectoriais da Agencia Havas.

Voltastes ao vosso Estado natal onde viestes dirigir a Imprensa Oficial, fundando aqui "O Estado de Mato Grosso," órgão que todos nós conhecemos e admiramos.

Nesta vida agitada de revolução, magistério, ostracismo e jornalismo, ainda pudestes escrever "Problemas Matogrossenses", "Um ponto de Vista", "A Companhia Mate Laranjeira"

"A Batalha da Borracha em Mato Grosso", obras tôdas delicadas às coisas e aos homens de nosso Estado.

Não chegastes, ainda, aos quarenta anos e já tendes um largo acervo de serviços prestados a vossa terra e à vossa gen-

te que revelam que na imprensa tendes posto a prova o vosso patriotismo tão fartamente demonstrado em inumeros artigos de pregação cívica, de crítica construtiva e fé nos altos destinos da Patria.

De homem de vossa estatura não só a Academia precisa mas, também o nosso Estado e o nosso país.

Auto-didata tendes estudado em todos os dias de vossa vida e de todos os assuntos dos mais áridos revelais conhecimentos eis que os jornalistas, principalmente, os de provincia precisam de tudo saber.

O patrono de vossa cadeira era, também, um patriota insigne e um mato-grossense de escól. Advogado e político, jornalista e poeta revelastes a sua personalidade sumida no fundo do tempo, e esquecida de nossa gente pois que como lembra, sempre, o illustre confrade Estevão de Mendonça, morre duas vezes quem morre em Mato-Grosso. Dele nos destes hoje, uma figura viva, altiva, valorosa revelando em traços nítidos o vigor de uma personalidade privilegiada e a impressão de um homem cuja sombra deve, por força, alongar-se até nosso tempo.

Sr. Arquimedes Lima.

Não foi porque pudesse eu estudar melhor vossa obra que a academia mandou-me que vos recebesse; nesta casa outro com mais agudeza e sabedoria poderiam analisar os vosso trabalhos destacando em panorama impressionante o jornalista, o polemista, o economista o sociologo e o politico. E que velha amizade nos une, amizade que tivestes a gentileza de destacar para honra minha.

Dela não abusarei nem mesmo puxando a vossa cadeira. Podeis sentar nela, tranquilamente, que aqui estou vigilante para vos advertir caso algum pretenda seguir as praxes da Academia Francesa!"

Ainda que algumas veses tendes atirado flechas maliciosas em direção a esta casa, costume divertido de todos nós desta geração a Academia muito mais prudente acolhe os farpeiam com festas efusivas e, se são homens de imprensa como vós, ela cedo procura atraí-lo para o suave convivio destes porticos da imortalidade,

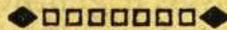
Tendes orgulho de vossa profissão e dela tecestes, em vosso auriluzente discurso um esplendido hino.

A Academia mandou-me que vos recebesse e que vos dissesse de seu apreço e de sua simpatia. Nesta casa encontram-se as eminências do jornalismo matogrossense. Encontrareis aqui os vossos confrades que adquiram notoriedade na banca de jornalistas. Vindes nesta falange aumentar o brilho da banca-

da da imprensa neste Parlamento das letras. Já tardaveis. Aqui ereis esperado, ansiosamente.

Por entre expressões carinhosas de estima e simpatia a Academia abre de par-em-par as suas protes para vos receber e está certa de que com o vosso trabalho incansavel vindes cooperar na sua obra de cultura e engrandecimento.

É como bom cuiabano que vos recebo e à moda da terra que vos saúdo: — Sr. Arquimedes Lima “vamos entrar e assentar...”





Eça de Queiroz e a Imprensa



(Palavras do acadêmico José Jayme Ferreira de Vasconcellos, na solenidade comemorativa do centenário do nascimento de Eça de Queiroz, na Academia Matogrossense de Letras, em 9-XII-45).

Falar sôbre o consagrado iniciador do novo ciclo da literatura portuguesa, neste cenáculo augusto onde o verbo flamante dos luzeiros das nossas letras já se fez ouvir, focalizando em seus múltiplos aspectos, a personalidade inconfundível e a obra verdadeiramente imortal de Eça de Queiroz, confesso que é, para o orador -- que se orgulha de ser apenas jornalista e que, se também cultiva as letras, o faz tão somente em relação às jurídicas -- uma evidente e quasi incompreensível temeridade.

Mas, a um obscuro descendente de portugueses, que disso muito se orgulha, -- a consagração de hoje fala profundamente ao coração, tanto mais que o faz evocar, na rememoração das formosas páginas do máximo escritor luso do último século, a fase da sua mocidade, em que nas noitadas boêmias, com Lima Barreto (ainda inédito), Olegário Mariano, Luiz Pistarini, Da Veiga Cabral, Figueiredo Pimentel, Carlos Maul, Julio Salusse, Goulart de Andrade, Eloy Pontes, Paulo Demôro, e Paulo Hasslocher, (hoje austeros Ministros Plenipotenciários), após a saída das redações dos nossos jornais, comentavam os personagens de Eça, óra o Conselheiro

Acacio ou o Pacheco, ora o Palma Cavalão, ou o inefavel Theodoro, do "O Mandarim", ou o Jacinto, das "Cidades e as Serras"...

Olhar carinhosamente para o passado, mesmo quando este de nós se distancia apenas uns trinta e cinco a quarenta anos, é, como usualmente se afirma, envelhecer... Não me parece, entretanto, ousadia o afirmar que a mocidade daqueles tempos, muito mais do que a de hoje, nas palestras diarias ou nas discussões das portas de livrarias ou dos cafés, revelava muito maiores leituras do que a mocidade apressada de hoje. Havia, em qualquer grupo de moços estudantes, quem discorresse sobre o estilo de Herculano ou Flaubert, Zola ou Camilo ou de Abel Botelho e Forjaz de Sampaio e dissesse versos de Guerra Junqueiro ou de Rostand, Antero do Quental ou Bandelaire, de Stecchetti, ou de Antonio Nobre. A esses todos, nosso nacionalismo opunha Alencar e Macedo, Aluisio de Azevedo, Raul Pompéa, ou na poesia os nossos queridos Luiz Murat, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira e o já então festejada e aureolado Olavo Bilac.

Eram-nos, assim, bem conhecidos os personagens écianos, ao Conselheiro Acacio, ao Pacheco, ao Raposão, ao Marcos Vidigal, ao Jacinto, ao Fradique ou ao Palma Cavalão, nos referiamos com maior frequência, do que mesmo aos próprios livros em que eles figuravam.

Já foi escrito, e é contra isto que julgamos dever opôr a nossa desvaliosa mas sincera contradita, que Eça Queiroz era um desafeto dos jornalistas, opinião baseada nas ironias com que em vários dos seus livros, o escritor se refere aos homens da imprensa. Não nos parece convincente essa razão.

Homem de imprensa ele próprio, que publicou em folhetins de jornal alguns dos seus livros, como "O crime do Padre Amaro", (publicado na "Revista Ocidental" em 1875), "O Mandarim", publicado no "Diário de Portugal" em 1880, e "A Reliquia", publicada em 1886 na "Gazeta de Noticias" do Rio de Janeiro, tendo dirigido êle próprio, em Paris, a importante e interessante "Revista de Portugal" e em Lisbôa, com Ramalho Ortigão, "As Farpas",

como se pode aceitar a tésede seu desaprêçopela imprensa e pelos profissionais honestos e conciosos q. a ela se dedicam?

Escritor primoroso, sociólogo observador e psicólogo penetrante, não podiam deixar de merecer o azorrague impiedoso da sua crítica mordaz, os fracassados de todas as profissões que não raro invadem a imprensa, e nela fixam o tipo abominavel que Victor Silveira, um grande e fogoso e jornalista, estigmatizou classificando-os como “bandidos armados de Linotipo e Marinoni”. Foram, certamente esses aventureiros do jornalismo, que mereceram estas impiedosas vergastadas de Eça na carta a Bento S., publicada na “Correspondência de Fradique Mendes”:

“Todo o jornal distila intolerância, como um alambique distila alcool, e cada manhã a multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso. É pela ação do jornal que se azedam os velhos conflitos do mundo -- e que as almas, deseangelizadas, se tornam mais rebeldes á indulgência. A sociabilidade incessantemente amacia e arredonda as divergências humana, como um rio arredonda e alisa todos os seixos que nele rolam: e a humanidade, que uma longa cultura e a velhice tem tornado docemente sociavel, tenderia a uma suprema pacificação — se cada manhã o jornal não avivasse os odios de Principios, de Classes, de Raças e com os seus gritos, os acirrasse como se acirram mastins até que se enfureçam, e mordam. O jornal exerce hoje todas as funções malignas do defunto Satanaz, da Mentira, mas o Pae da Discórdia. È êle que por um lado inflama as exigências mais vorazes e por outro fornece pedra e cal às resistências mais iniquas. Vê tu quando se alastra uma grêve, ou quando entre duas nações bruscamente se chocam interêsses, ou quando, na ordem espirital, dos credos se confrontam em hostilidade: o instinto primeiro dos homens, que o abuso da Civilização material tem amolecido e desmarcializado, é murmurar paz! juizo! e estenderem as mãos uns para os outros, naquêle gesto hereditário que funda os pactos. Mas surge logo o jornal, irritado como a Furia antiga, que os separa, e lhes sopra na alma a intransigência, e os empurra á batalha, e enche o ar de tumulto e de pó.

O jornal matou na terra a paz. E não só ataca as questões já dormentes como borralhos de lareira, até que delas salte novamente uma chama furiosa — mas inventa dissensões novas, como esse antisemitismo nascente, que repetirá, antes que o século finde, as anacronicas e brutas perseguições medievais.”

Mas, atentemos bem, essa carta objurgatoria conclúe com estas palavras que nos dizem do carinho de Eça para com a verdadeira imprensa: informativa acima de tudo e serena e justa nos seus comentários:

“Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando no meu velho relógio, o minuete de Gluck. Ora esta carta já vai, como a de Tibério, muito tremenda e verbosa, “verbosa et tremenda epistola”; e eu tenho pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, lêr os meus jornais, com delícia. — Teu Fradique.”

O escritor e jornalista Rocha Martins, comentando com brilho e justeza, na edição especial da interessante revista carioca “Dom Casmurro” dedicada a Eça de Queiroz, o aspecto da vida mental do nosso homenageado de hoje, que nos serviu de tema a estas breves e despretenciosas palavras, encerrou a sua cronica “Eça e o jornalismo”, com estas palavras com que também pomos ponto nesta simples palestra:

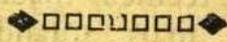
“Vejamos, agora, como o mesmo escritor encarava as revistas que desejava fundar. “As farpas”, com que iniciou a sua ação de periodista na acepção do termo, eram, no mais profundo da sua aspiração “um jornal cheio de modernas tendências espirituais na ordem política, na ordem literária, na ordem social! Queria regenerar. Dirigindo-se ao republicano Emídio Garcia lente da Universidade de Coimbra, preconizava, ainda em relação ao periódico: “É necessário dar a mão a essas pobres idéias que andam junto da fronteira, sem poderem passar nem se atreverem a isso aterrorizadas pelo aspecto brutal dos nossos “concidadãos”, receiosas de serem esmagadas, apedrejadas e levadas ridicularmente para a estação municipal”.

Ambicionava reformar os costumes e, para isso ca-

recia do jornal, do elemento de propaganda que, pôsto ao serviço duma boa causa, e de excelentes intenções, vale por um exército defendendo a Justiça. Armada para outros fins, a imprensa, aparecer-lhe-ia como uma horda de famigerados bandidos dando o assalto á mesma Justiça.

Aquele pensamento doutrinador acompanhou-o durante tôda a sua vida sempre desejoso de criar uma fôrça que exercesse influênça no seu país. Como não era capaz de romper a indiferença, e analisando algumas das folhas que lhe caíam nas mãos, vociferava indignado e ia dizendo a Bento S. que o jornal, era a máquina capaz de destruir todos os bons propósitos. Capitulava-o de perturbador; alcunhava-o de matador da Paz, de assoprador das questões dormentes, a que ateava novos incêndios. Enfim, representava-o como um malfeitor.

Analisando bem tôda a pujança de sua crítica, sempre tão límpida e soncra, sentimos que Eça de Queiroz teve muita pena de não ser jornalista, já se vê dos que imprimem aos seus órgãos feição depuradora. Queria a máquina nobre, movida por idealistas, ou quebrada desde que os utilitários e ruins espíritos, se apossassem das suas manivelas. É bom repetir o que se depreende do^a que escreveu, não o vão imaginar inimigo de tôda a Imprensa.”



Dois temperamentos e um confronto

(Taunay e Machado de Assiz)

CORSÍNDIO MONTEIRO

Membro correspondente

Não nos assiste razoável motivo fazermos um confronto da obra de Machado de Assiz com a do Visconde de Taunay: foram eles amigos pessoais, colegas de Academia e de imprensa e comungaram as mesmas amizades e relações, vivendo ambos em uma mesma época e em um só meio literário. Porém seus espíritos se divergiam; um era quase o lado oposto do outro. Daí o nosso confronto — mostrar o trabalho de um pelo que falta no trabalho de outro.

Machado de Assiz, fosse ou não fosse em verdade, quando escrevia era "cruel e perverso", como o Dom Casmurro ao relatar sua vida amorosa com a Capitú e o desfêcho trágico e momentâneo que tiveram os seus amores sonhados durante tôda uma vida. Depois que se lê Machado, dá-nos uma angústia e certa descrença, e ficamos penalizados de como aquilo acabou assim tão sem mais nem menos, sendo tão importante e digno de maior sentimento!

Muito interessante a técnica machadeana, mas nos dá um mal-estar e tristeza, ainda mais quando percebemos não sentir nenhuma afeição pelas suas personagens, mesmo quando confessa ter chorado umas lágrimas na morte de algumas delas. Nós é que lamentamos e choramos e reconstituimos a vida de cada uma das personagens do velho e casmurrento Machado de Assiz. Acabada a leitura das obras mais características de seu talento e de sua técnica literárias, ficamos ainda pensando num melhor destino que poderíamos ter dado a quem ele não soube mais que, com duas pe-

nadas, contar que morreu e que êle esqueceu de dizer no capítulo anterior, ou mesmo liquidar sumáriamente a personagem mais simpática com um imprevisto, ou cem um seródio romanticismo, cheio de atecismo mal disfarçado ás vezes, de fugitivas mordacidades e de opiniões que não vêm ao caso, Sente-se que de nada vale ser bom nem ser máu, nem ser mãe, nem pai, nem ser amigo nem filho, nem ser um amor que se espera e alcança um dia e que mesmo assim pouco ou nada vale.

Depois que se ler “Inocência” de Taunay sente-se também uma revolta; mas não contra o autor, contra a sua indiferença, o seu desprezo, a sua impiedade; mas contra a ignorância, contra o despotismo de certos pais e a brutalidade dos Manecões. E Inocência fica vivendo dentro de nós, em todo o frescor de sua pureza; fica em nossa memória como uma “bela adormecida” á espera de seu noivo que não vem.

Achamos, para a nossa receptividade, mais “humana” a tragédia final do romance de Taunay e verificamos ser o mal remediável — uma questão de educação. Mas em Machado a coisa dóe e dóe profundamente: é certa realidade que tememos e não discernimos se depende de nós ou de quê. Na tragédia final de “Inocência”, o leitor sai cabisbaixo mas resta-lhe um consôlo e uma palavra de carinho aos namorados infelizes. Reencontramos Cirino e Inocência em seus idílios e com eles continuamos até um ponto ideal em que as próprias paralelas encontram. Em Dom Casmurro, por exemplo, saímos não só cabisbaixos, mas abatidos, sem deixarmos de, antes, virar a última página para ver se o autor não se esqueceu de incluir algum capítulo, anterior ao último, como fizera antes. Saimos da leitura sem comentar, sem prazer, sem ilusões, com um sorriso magoado, com uma dor terrível — *terribilissima*, no dizer do agregado José Dias. Porque o que acontece com as personagens de Machado é que, nos pode acontecer-nós cidadãos, frutos de uma educação falsa e de complexos criados pelo nosso próprio modo de viver.

Ao contrário do singular Machado de Assiz, Taunay é um romancista sem agonia: seus romances são ventiladíssimos e luminosos. Sente-se neles a arejação de um espírito liberto e otimista. Aquela leitora dos livros de Machado talvez dissesse da obra do Visconde de Taunay: Sente-se nos livros de Taunay muito ar muita aragem. Há por tôda a parte árvores e flores, horizontes e caminhos abertos na areia, desdobrados à maneira de alvejantes faixas. Mesmo nos recantos sombrios do quarto de uma doente, como em “Inocência”, e no idílio, à meia luz, sob os laranjais ensombreados, sente-se o rumorejar de brando vento, sutil e anemo, a frescura e o perfume de silvestres flores — “ Verdadeiro hálito de

primavera". Os límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, contornam as personagens e arejam o ambiente em que se processa o romance. Taunay era um encantado das paisagens: em suas viagens pelos sertões matogrossenses tudo lhe passava pelo "olhar embelezado, rápida e fugazmente, como que num colossal caleidoscópio, e cada perspectiva nova, cada singularidade inesperada mais me aumenta o pesar de não poder parar, por um pouco, pelo menos."

Machado de Assiz deixa a paisagem por conta do leitor - o que interessa a êle vivamente é o homem. Quando nada preocupa-se com os móveis antigos com os quais se identifica!

Eis o autor de Helena descrevendo um recanto pitoresco: "Sentou-se na mesma cadeira em que o conselheiro costumava dormir alguns minutos depois do jantar, e olhou para fora. O dia começava a aquecer. O arvoredado dos morros fronteiros estava coberto de flores de quaresma, com suas pétalas roxas e tristemente belas." Ou então uma frase num capítulo: "Era manhã de um lindo dia". (Dom Casmurro, p-172) Outro trecho em que se refere a um jardim que tivera certa parte de relêvo num desfecho amoroso: "O jardim ficava nos fundos da casa; era separado da chácara vizinha por uma cêrca. Relanceando os olhos pela chácara, viu Estevam que era plantada com esmêro e arte, assaz vasta, recortada por muitas curvas e duas grandes ruas retas. Uma destas começava das escadas de pedra da casa, e ia até o fim da chácara; a outra ia da cêrca de Luiz Alves até a extremidade oposta, cortando a primeira no centro." Alfredo Pujol diz que isto até parece o "laudo de uma vistoria torense. . ."

Na verdade Machado não precisava da paisagem. Ela é recurso secundário. A beleza da forma, aplica-a no melhor, no humano, naquele seu maravilhoso dizer, de onde a sua obra num traço espontâneo e firme de artista. Machado de Assiz não tinha dêsse transcendentalismo visual olhando a paisagem de cima de uma montaria. So a admite quando ela lhe vem completar o enredo, o pensamento:

"Antes de concluir êste capítulo, fui á janela indagar da noite por que razão os sonhos hão de ser assim tão tênues que se esgarçam ao menor abrir de olhos ou voltar de corpo, e não continuam mais. A noite não me respondeu logo. Estava deliciosamente bela, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio. Como eu insistisse, declarou-me que os sonhos já não pertencem à sua jurisdição. Quando eles moravam na ilha que Luciano lhes deu, onde ela tinha o seu palácio, e donde os fazia sair com as suas caras de vária feição, dar-me-ia explicações possíveis. Mas os tempos mudaram tudo. Os sonhos antigos foram aposentados, e os modernos moram no cérebro da pessoa". (Dom Casmurro-p.213)

Taunay minudencia os encantos da natureza não se esquecendo até da configuração do terreno:

“ A compensação, contudo, faz perdoar tão furiosas declividades. Dos píncaros da serra descortinam-se essas paisagens imensas que obumbram ao homem crente e ao artista, únicos que compreendem toda a sublimidade da criação. Cercando-nos de todos os lados, víamos as belas *mélastomáceas* casando suas grandes flores roxas, ás das amarelas *cássias*, de gradil em gradil irem perder-se no extenso vale onde os rios *Cubatão e Branco* serpeando por verdes campinas como que a custo levam o seu tributo ao Oceano. Nos últimos planos, Santos que, iluminada por um raio de luz, resplandecente destacava-se, cercada de uma auréola, sôbre a esmeralda dos mares; soberbas montanhas fechando os horizontes, um céu de safira e uma atmosfera, como só a nossa, formavam desses espectáculos esplêndidos que amesquinham o indivíduo físico e erguem o ente moral. Deus é o grande Mestre!

A estrada na serra do Cubatão, ramificações da grande cadeia de Paranapiacaba é toda sôbre terreno argiloso, aparecendo em diferentes córtex barros curiosos na côr e consistência. Tivemos, pela recomendação expressa do nosso digno lente, o Sr. Dr. Capanema, o cuidado de examinar vários pedaços destacados que podem facilmente confundir se com conglomerados de clorureto de prata. O pêso e a consistência friavel, não nos permitiram essa dúvida.

De quando em quando surgem, como esrádios colossais, atirados pela mão do acaso, grandes rochas graníticas com aspecto estratificado, de moitas onde predominam as agaves e samambaias e regatos, de contínuo a contínuo, cortando o caminho, formam em quedas sucessivas mil lindas cascatas, onde encontramos sempre água excelente. A necessidade de conter esses buliçosos córregos em Valetas profundas torna a subida e descida de diligência, nas íngremes rampas, extremamente penosas. Os animais precipitam-se nelas e as galgam á vozeria dos guias que mais usam dos gritos do que do cétro com que costumam imperar.

Numa volta da serra, mudaram-se as cenas e o aspecto agreste do interior com a brisa de terra e o horizonte de planícies ainda nos encantou pela novidade e diversidade de impressões. As sombras, contudo, que subiam lentamente dos fundos dos vales alcançaram nos no pouso do RIO GRANDE e ao estudo do país e á observação da natureza sucederam conversas que nunca perderam a animação precisa.

A estrada perto de S. Paulo pareceu-nos bonita. A noite já estava adiantada e, a pesar de um clarão de lua que com frouxa luz iluminava francamente os campos, mal a pudemos apreciar. Palmeiras do gênero *mauritia*, daquelas que a moda espalhou por todos os cantos do Rio de Janeiro, plantadas de lado a lado em regu-

laridade, fazem ver que não está longe uma cidade em certo pé de desenvolvimento. Às 9 horas da noite entramos nela e fomos pousar no hotel da Europa.

A cidade de S. Paulo, situada numa chapada, ramifica-se na planície, estendendo, como longos braços, belos e extensos bairros que hão de, pelo futuro, chamar a si toda a importância e vitalidade." (Viagens de Otrora-pgs 91-92)

O pormenor poderíamos dizer que é até exagerado. Taunay sob esse aspecto é mais um geógrafo descritivo que mesmo um literato em seu verdadeiro sentido. Parecia estar o autor com uma preocupação de ordem geográfica, sem mesmo interpretar a paisagem, porém lendo-a ou tirando dela uma fotografia documental. Isto nos faz lembrar Xavier de Maistre em "Uma viagem á roda do meu quarto":

"Não me censurem por ser prolixo nos pormenores; é costume dos viajantes. Quando se parte para subir ao Monte Branco, quando se vai visitar a larga abertura do túmulo d'Empédocles, não se deixa nunca de descrever com exatidão as menores circunstâncias: o número das pessoas, o das mulas, a qualidade das provisões, o excelente apetite dos viajantes, tudo enfim, até as tropeçadas das cavalgaduras, é cuidadosamente registrado no jornal, para instrução do universo sedentário." (Op. cit. Cap. XVII.) —

Taunay não se desinteressava do homem mas, também, não desprezava a paisagem. Procura encontrar a correlação que existe entre o homem e o cenário em que êle vive. É aqui que êste há que ser observado como o fizera Euclides da Cunha em "Os Sertões".

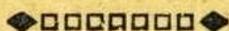
Mas é aí mesmo que reside o traço característico do Visconde. Nem a obra de Euclides, nem a de Taunay poderia ser machadeana, pelo assunto, pelo que eles queriam dizer. Ambos aqueles dois eram engenheiros e tomaram parte ativa em campanhas, em contacto com homens empenhados numa mesma luta, e numa só natureza—àspera, rude, ingrata, denunciadora de caracteres, de destinos bélicos ou políticos.

Taunay era um estudioso de Botânica e habil desenhista — o que visse era para investigar a natureza, em sua expressão exterior. Qualquer expressão anímica que houvesse em um dos caracteres seria por conta da impressão que dela tivesse o leitor: lançava-se a personagem, num ambiente, com tais características e tal desenvolvimento romântico. O resultado de cada tipo era, naturalmente, produto do engenho do autor; mas, também, nem por isso deixaria de ser uma cópia da natureza.

Taunay e Euclides viram e relataram — sendo que o primeiro foi um romancista talvez até sem o querer, tanto é que falou nesse gênero em suas obras consecutivas quando quis *criar* — a não

ser quando continuou *relatando*. Machado, não. Machado criava, e tirava de si próprio, também, muito material. De certo modo as obras de Machado se repetem até na contextura; às vezes já nos não surpreende mais com o fundo e com a forma. Nem por isso, entanto, deixa de ser interessante. Não força — aí é que está. A coisa como que surge do bico da pena, ao passo que em Taunay a gente nota que êle está pensando, gastando seu fósforo e coisas que tais. E então descamba para as paisagens. Não è, talvez, um exteriorizado, tal como o não fôra o nosso primeiro romancista Teixeira e Souza. Taunay é um descritivo, e sua glória literária se resume no que êle fez sem intenção de fazer ¹literatura, de certo modo. Quando êle se sentou para escrever um romance a tanto por página, começou o seu malabarismo literário.

(Do livro em preparo
"O Visconde de Taunay")



Sessão solêne de posse

— DA —

Academica—D. Anna Luiza Prado Bastos

Na Cadeira n. 27

Patrono — José Barnabé de Mesquita (Senior)

α 6 de Setembro de 1946

DISCURSO DE POSSE

pela Recipiendária

Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal no Estado.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo D. Aquino Corrêa.

Exmas. Autoridades Civis e Militares.

Exmo. Sr. Presidente da Academia.

Exmas. Senhoras e Senhores.

Ilustres confrades.

Há, precisamente, quatorze anos, num mesmo dia de alacridade dupla ao coração matogrossense, em que se registava mais um aniversário da nossa emancipação política e do aparecimento deste cenáculo beletrista, se reuniram os membros do Centro Matogrossense de Letras, sob a presidência do Exmo. Revmo. Sr. D. Aquino Corrêa, para proclamar a sua ascensão triunfal à denominação de Academia Matogrossense de Letras.

Era a crisálida dos sonhos de José de Mesquita que se transformava na borboleta polícrôma, alçando vôo para o infinito, assim dissera o Crisóstomo matogrossense.

E todos os anos tem sido, festivamente, comemorada esta efeméride que nos é tão cara.

Hoje, porem, multiplamente, ela se faz alvo destas justas expansões de júbilo, ao comemoramos as bôdas de prata da instalação da nossa agremiação literária que, se não fôra integralmente constituída em seus alicerces por intelectuais, na acepção estrita e verdadeira do vocábulo, se orgulha de contar entre aqueles, o seu lídimo representante na figura ímpar do nosso venerando arcebispo, luzindo na mais elevada corporação da cultura nacional do país e na do integérrimo desembargador Mesquita, pontificando nos destinos desta casa. Os demais, batalhadores indefessos e vanguardeiros intemoratos da grandeza de nossa terra e de nossa gente, têm contribuído, para elevar bem alto, o nome de Mato-Grosso, tornando-o digno de figurar na Federação das Academias de Letras.

Congratulemo-nos, portanto, nesta hora solene, entoando hosanas à nossa Academia.

À guisa de justificação

A muitos parecerá extranho que sómente agora me apresente neste augusto sodalício, para cumprir a determinação dos Estatutos da Academia, qual o pronunciamento do discurso de posse, estudando a vida e a obra do patrono da cadeira, se o meu nome já figura, embora, imerecidamente, mais uma vez repito, sem falsa modestia, entre os sócios efetivos desta agremiação literária, desde os primórdios de sua fundação.

Permiti-me, senhores, que me remonte á cadeira dos anos volvidos.

Conduzida pela mão bondosa do nosso venerando confrade Estevão de Mendonça, a quem me ligo por laços de parentesco espiritual, tive a grata satisfação de encontrar, por parte de antigos professores meus, a melhor acolhida, o que sobremaneira me desvaneceu, para colaborar convosco na construção desta casa que é hoje, o centro de gravitação da intelectualidade matogrossense.

Entretanto, mercê de Deus, não me bafejou a aura pecaminosa da vaidade, nem vã jactância pairou de leve no meu espírito ainda em formação, antes, o meu assentimento repousou no único mérito que julguei possuir, se assim se pode chamar, o exato cumprimento do dever pelo devotamento à ardua profissão que abraçara.

Figurei assim, qual fragil gramínea á sombra dos robustos jequitibás da flora intelectual matogrossense, haurindo com eles, no mesmo sólo, o humus vivificante á espiritualidade patrícia. E sob esse influxo benéfico, como a candeia bruxuleante, ao lado dos custosos candelabros de cristal, na magnificiência dos templos, ilumina também o trono do Oniciente e Onipotente, venho, desde então, desvendando aos pequeninos da nossa terra o caminho que conduzirá á veneração dos pósteros.

Penso haver esclarecido a inclusão do meu nome entre os luminares desta Academia, falando mais alto o coração que o cérebro.

Contigências da vida, levaram-me a transferir residência para fora da capital, passando então à categoria de sócia correspondente.

Ampliando a Academia seu quadro social, com a criação de outras poltronas, novamente pulsam corações amigos, indo buscar-me, na obscuridade literaria em que tenho vivido, tão afeita somente ao cultivo das flores vivas da minha escola, para ocupar a cadeira de José Barnabé de Mesquita Sênior.

Indizível, senhores confrades, foi a grande satisfação que experimentei, com a lhanura desse vosso gesto, cuja lembrança ha de perdurar por toda minhavida e o conforto que me proporcionastes, no momento em que meu espírito se chocava de encontro a uma injustiça sofrida, a maior talvez e praza a Deus, a ultima, que sobre meus ombros pese, é também intraduzível,

Dou, assim, satisfação pública e cabal da minha ousadia, apresentando-me novamente entre vós, compartilhando das festas jubilares deste dia e entoando convosco o epinício aos numes tutelares desta casa.

Personalidade de José Barnabé de Mesquita (Senior) Patrono da cadeira 27

Urge ocupar-me agora da personalidade e obra do meu patrono.

Li alhures que deveriam ser abolidos os discursos de recepção e posse nas Academias por serem todos proferidos no mesmo diapasão; penso que, e a praxe o estatui, o exercício o consagra e por isso, não me posso esquivar ao dever que se me impõe, embora destituída dos requisitos necessários á difícil arte da oratória, de vir traçar, com estas minhas descoloridas palavras, o brilhante perfil do meu patrono.

Que mais poderia eu acrescentar de novo, justo e exato ao que dele nos informa o seu biógrafo homônimo, digno herdeiro de seus valiosos dotes de espírito e coração?

E' nesse manancial abundante e puro que fui me dessedentar para o conhecimento integral da vida e obra do nosso ilustre conterrâneo.

Foi na antiga vila de Diamantino, aos 7 de março de 1855, que nasceu José Barnabé de Mesquita, tendo por progenitores Barnabé de Mesquita Muniz e D. Maria Rita da Rocha.

Esse acontecimento, tão banal desde que o mundo é mundo, deveria entretanto encher de justa alegria o coração paterno, por ser o primeiro varão do casal. E essa criança foi o herdeiro e legatário único do honrado nome de família pois que o irmão que lhe sobreveio dois anos após teve mais carta que êle a sua trajetória, neste mundo de desenganos e sofrimentos, falecendo solteiro aos 22 anos de idade.

Bem cedo viu-se o menino privado dos carinhos paternos, mas os teve desdobrados de sua mãe, no decorrer de toda sua existência, daquela que tão bem soube desempenhar a dupla tarefa que Deus, nos seus imprescrutáveis desígnios lhe impusera, qual o de prover também a subsistência dos filhos, arrebatando-lhe o chefe da família.

E nêsse lar vasio de recursos materiais, mas pleno de fé e de virtude, de coragem e trabalho, de bondade e amor, foi que se plasmou o espírito forte, o carater reto, o coração compassivo e terno de José Barnabé de Mesquita

Completando 7 anos de idade, foi pelas mãos providentes de sua mãe, conduzido à escola pública da vila, onde logo revelou inteligência esclarecida, devotamento ao estudo e fiel cumpridor de seus deveres, o que lhe valeu a nota distinta com que concluiu o curso primário.

Não estacionaria aí, a aquisição de conhecimentos apenas iniciados, no estrito programa das nossas escolas de antanho. E assim compreendendo, começou estudar o latim com um sacerdote que lá fora exercer os misteres de sua profissão. O gosto que este estudo lhe despertara para o cultivo das letras, lhe foi tão grato, que jamais o abandonaria por toda jornada de sua curta e afanosa existência. E na ansia incontida de progresso tanto intelectual como material, bem compreendera o jovem diamantinense a necessidade, cada vez mais premente, de sua transferência para outro meio, onde melhores possibilidades de expansão teriam as suas atividades.

Assim, em 1880, deixava êle, acompanhado da família, o berço natal, o seu caro Diamantino, tão grácil e poético, embalado pelas águas cantantes do ribeirão do Ouro, para vir fixar residência na capital, aonde chegara a 11 de novembro daquele ano, depois de 7 dias de exaustiva viagem.

Se não trouxera queixa alguma daquela gente, muitas foram as saudades que lá deixara na benquerença do seu convívio.

O estabelecimento da sua família na capital, favoreceu-lhe o ingresso no Liceu Cuiabano e na carreira que abraçou, obtendo sua nomeação para solicitador do Fôro, no ano seguinte.

Duros porem, lhe foram os primeiros anos da nova residência. Se bem que relativamente barata a manutenção da vida naquela época, os recursos obtidos pelo seu trabalho, eram assáz diminutos para enfrenta-la. Mas a coragem foi sempre o traço característico da sua psique e em todas as ocasiões difíceis, em que outros baqueariam, êle fez dela a sua arma e o seu escudo para triunfar com galhardia.

Desiludido da sua ida a S. Paulo afim de cursar a Escola de Direito como idealizara, resolveu prestar no Tribunal

d: Relação do Estado, exame de suficiência para provisão de advogado, o que se verificou aos 2 de Junho de 1884, acontecimento êsse noticiado com referências elogiosas ao examinando, pelo jornal "A Situação", órgão de maior circulação na Província.

Em 1892 renovara esta provisão tendo já um nome feito e respeitado entre os portadores de pergaminho e anel, sobrepondo sempre o dever e a virtude, às questões que se lhe oferecia patrocinar, fazendo do fiel exercício da sua nobre profissão, um culto [de verdadeira religião. Apaixonando-o a defesa dos fracos e desprotegidos da sorte, contra os poderosos e favorecidos da fortuna, foi assim um precursor da Águia de Haia.

A par de atividades de seu ministério, entregava-se nas horas de lazer ao cultivo das letras, colaborando na imprensa local sob o pseudônimo de Zeugma, focalizando nela assuntos de interesse coletivo até então preteridos por questiúnculas políticas tão ao sabor da época e da nossa gente.

Favorecido por uma inteligência robusta e lúcida, servindo-se de um estilo simples e conciso, abordava com extrema facilidade, problemas sociais de capital importância para o futuro, com antevisão clara dos seus efeitos e numa sequência lógica de argumentos exatos e persuasivos demonstrava, com inato poder de observação que possuía, a veracidade das suas proposições.

Abolicionista ardoroso, vemo-lo empenhado desde muito jovem, nessa cruzada redentora, integrando com escrivão a junta emancipadora que em 1873 se organizara na vila de Diamantino. Pautando seus atos pelo espírito de justiça, bateu-se pela emancipação gradual, respeitando os direitos adquiridos com a indenização dos senhores proprietários do braço escravo, se bem que essa medida não antingisse interesse próprio, expendendo com ponderações lógicas, a gravidade da situação que iriam defrontar uns e outros, pela desorganização do serviço agrícola e a completa liberdade daquela multidão acostuada a ser tangida, como um rebanho docil, pelo seu feitor.

Em sucessivos artigos, publicados em 1883, enceta entre nós, a campanha da imigração estrangeira, ressaltando a vantagem que ao país adviria e, conseqüentemente, a Mato Grosso, com a substituição do elemento africano pelo europeu que melhor saberia desenvolver e aproveitar as riquezas naturais do nosso solo e com seu exemplo, boa maneira de viver e amor ao trabalho, incitaria o povo a melhorar seus usos e costumes tão distantes dos fóros de gente civilizada.

De idéias democráticas avançadas, tomou parte em 1884 na organização do partido republicano de Mato Grosso e nele militou, revelando-se um político sincero, de ideal e convicção, ardoroso mas desapaixonado, nunca se servindo da pena para denegrir adversários, nem entoar lóas àquelles que, por mera eventualidade, aos que hoje tachamos de oportunistas, se viam alçados à chefia dos homens e do negocios publicos.

Esta faceta de seu espírito elevado, o arredou um tanto da política pela desilusão que em breve dela teve e bem transparece numa das nótulas de seu diário, a que dera o titulo "Diurnum Comentarium" — "Ambiciosos (como certo truão) fracos para a luta das idéias, inculcam-se republicanos, e, amigos dos altos funcionários, procurando agradá-los pelo servilismo, recebem empregos e calcam aos pés os sentimentos da verdadeira democracia.»

Vivendo no ultimo quartel do século passado, o desalmado século no dizer do nosso grande Ruy, num meio ainda acanhado e fechado, em que as matronas não iam às lojas nem mesmo às visitas desacompanhadas e as jovens desconheciam o significado dos vocabulos exóticos *footling* e *flirt*, é de se admirar o avanço de suas idéias sobre a emancipação de mulher, desfraldando a bandeira do feminismo entre nós, como nos revela a sua bellissima conferência pronunciada sob o tema "A educação da mulher" numas das tertúlias da Associação Literaria Cuiabana, célula mater da geração belettrista atual.

É uma das suas melhores produções literarias e quiçá da nossa literatura indígena, em que fixa, com pa'avras flu-

entes, repassadas de uma delicadeza de sentimentos que bem o caracterizava, a necessidade de se elevar a mulher de simples companheira do homem ao nível social em que já se encontra na sociedade hodierna, o que só pela instrução se alcançaria. E numa exaltação espiritual de um cérebro fecundo e coração bondoso, empunha ele a lira de Orfeu, repetindo o estribilho: "Educai a mulher".

Eis como prognosticava a independência e a igualdade da mulher pelo desenvolvimento de suas qualidades inatas, mais apuradas que no homem, como o poder de observação, a penetração, a presença de espírito, a persuasão, a loquacidade e até a curiosidade, dons estes que, cultivados e aperfeiçoados pela instrução, elevariam ao lugar de honra, "a mais bela, a mais importante parte do genero humano", nas suas textuais palavras.

Perorando a sua oração, toda plena de conceitos e citações, sintetiza o seu pensamento na felicidade que ao homem adviria pela elevação intelectual do mulher.

Permiti-me a reprodução do final da citada conferência: "E o mundo se transformará no céu dos cristãos, nosso lar se converterá em paraíso de delicias, o nosso coração se inundará de gôzos novos e nossa alma encontrará nesta vida, prazeres maiores que os sonhados pelo crentes de Mahomét".

"Pela educação a mulher se elevará ao nível que lhe compete na sociedade e então teremos atingido ao supremo grau de perfectibilidade a que devemos aspirar neste mundo".

Meus senhores: Discorrendo sobre a personalidade de Garrett, disse Latino Coelho: — "Quando uma idéia nova tem de ser difundida pela Providência num povo só ou por toda humanidade, nasce um homem que a formula na criação do genio e que a propaga pela facinação da palavra eloquente".

Entre nós esse homem foi José Barnabé de Mesquita. Do seu grande coração deixou marcos indeléveis na dedicação e amor que consagrou não só à familia como à terra matogrossense, especialmente a Cuiabá, já então amea-

çada de peder os fóros de capital, boato este que ele registra em seu diário como “sinistros pios de agouzeiras aves”.

Da sua eficiente colaboração na administração pública, ao raiar o novo regime, encontramos, no ofício que lhe dirigiu em data de 1º de Julho de 1890, o então governador da província Antônio Maria Coelho, agradecendo-lhe o desempenho cabal da tarefa de que fora por ele incumbido, para o levantamento do censo da população da capital, a comprovação de nossa assertiva.

Nesse mesmo ano, foi nomeado por ato de 7 de novembro, para o cargo de Procurador Fiscal do Tesouro do Estado, prestando mais êste serviço á administração daquele governador que o distinguira, anteriormente para integrar a comissão incumbida de apresentar as bases para organização do futuro orçamento do Estado.

No governo seguinte, do General Mallet, exerceu sua atividade no Liceu Cuiabano, como professor de Latim, Filosofia e Retórica, por nomeação datada de 20 de julho.

O primeiro presidente constitucional do Estado, Dr. Manoel José Murinho, soube também aproveitar a sua operosa capacidade, nomeando-o Diretor da Tipografia Oficial, em cujo desempenho se encontrava quando irrompeu o movimento armado de 1892, que depôs o presidente e determinou o seu afastamento daquele cargo.

Cessada a perturbação interna e reconduzido ao poder o presidente Murinho, foi reintegrado no seu cargo onde se conservou até o seu falecimento quasi repentinamente, a 12 de agosto de 1892.

Pouco antes, a 15 de maio de 1891, contraira núpcias com D. Maria de Cerqueira Mesquita, descendente de dois troncos importantes da sociedade cuiabana: os Cerqueira Caldas e Gaudie-Ley, havendo desse consócio um único filho, o herdeiro das suas peregrinas qualidades, que bem conhecemos e que nos honra na presidência desta Academia de Letras, à qual tem dedicado todo seu talento e carinho e por ser sua idealização bem a podemos chamar “Casa de José de Mesquita”.

Meus senhores: todo homem de pensamento é filho e her-

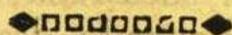
deiro do sofrimento de Prometeu. disse-o Bilac, a propósito de Machado de Assis, e como tal, não pôde José Barnabé de Mesquita Senior fugir à dura comprovação deste axioma.

Tambem como aquele, soube suportar as agruras do destino que a nós, pobres mortais, não é dado desvendar.

Não fosse a fé que nos alenta o espírito e conforta o coração, com a doce crença da immortalidade, onde os bons se reunirão um dia, para as bênçãos de Deus, o conhecimento da sua vida nos deixaria sepultados na mais dolorosa desilusão, na revolta intima da razão de ser da nossa existência.

Nasceu pobre. Não fruiu as alegrias próprias da quadra infantil. Não teve mocidade descuidada de responsabilidades e quando a vida lhe entreabria as portas de uma era serena e feliz que tanto almejava e para qual tanto se empenhara com todas as forças físicas e intelectuais, no recesso do lar recém construido, pouco desfrutou os doces encantos familiares pois a morte o arrebatou, impiedosamente, aos 37 anos de idade.

Sentenciou o nosso imortal Machado de Assis: "A veneração dos grandes homens é uma virtude das cidades", portanto, esta homenagem que ora rendemos à memória de José Barnabé de Mesquita, consigna mais um titulo de benemerência à nossa querida e vetusta Cuiabá.



Na ultima prévia, a 7 de agosto, Ana Luisa era eleita Tesoureira, por expressiva unanimidade, cargo que desempenhou com dedicação até a sua retirada desta Capital, empossada que foi na sessão solene realizada precisamente há 25 anos. O livro de registro do movimento financeiro incipiente, cuidosa e meticulosamente escriturado, na sua propria caligrafia miuda e elegante, aí está religiosamente conservado no arquivo, flagranciando o seu carinho e solicitude pelas funções que lhe fôram, de inicio, cometidas. Consorciando-se, em 1923, com Clodomiro de Oliveira Bastos, também jornalista e escritor de mérito, transferiu sua residencia para Campo Grande, passando, na forma dos nossos primeiros ESTATUTOS, a correspondente, até que em virtude da reforma operada, em 1940, voltou a efetiva, já então escolhida para a cadeira n. 27, do patrono José de Mesquita (senior)

No Grêmio Júlia Lopes

Trazia a nossa companheira da primeira hora e primeira representante da Cultura feminina nesta Academia, valiosas credenciais que a habilitavam a ocupar a sua poltrona. Um lustro antes que se organizasse em Cuiabá o *Centro de Letras*, hoje Academia homonima, fundava-se, a 25 de dezembro de 1916, o Grêmio Literário Júlia Lopes, sociedade feminina, que é a vanguardeira em nosso meio intelectual, das lides do pensamento. Honra seja feita à mulher cuiabana, por mais êste titulo que a recomenda à nossa admiração: o de ser a pioneira do movimento cultural. E nesse já notavel sodalicio, Ana Luisa Prado figura também como fundadora, emprestando, ao lado de sua irmã Regina Prado (Reine) valioso concurso à revista surgida como órgão da agremiação, a mimosa *Violeta*, que, ainda hoje, esparze, em nosso meio, os aromas discretos da inteligência e da bondade femininas.

Folheio as coleções daquele precioso mensário e vou colhendo, aqui e ali, desde os primeiros numeros, as flores do precoce talento e do gosto artistico da nossa consócia, sob o modesto disfarce do pseudônimo, que adotava. *Zilah Donato*, aparece desde o 3º numero subscrevendo um lindo conto — *As minhas Violetas* e já na 6ª tiragem dava a lume outra narração singela e emotiva — *A Visita da Felicidade*, para mais adiante, publicar uma interessante cronica — *Mulher apostolo*, em que focaliza a figura memoravel de Damiana da Cunha “a intrepida desbravadora dos Sertões de Camapuam.”

Tendência decisiva

Todos nós temos, na vida, uma inclinação que sobrepujando às

demais, se caracteriza como a *faculté maitresse*, o pendor psíquico decisivo, que nos leva entre tantas solicitações da natureza ou da vida, a abraçar uma carreira, escolher um trabalho, determinar a própria atividade no sentido de uma preferência dominadora. Para Ana Luisa se abriu desde cedo, a estrada, nem sempre fácil, antes árdua e penosa, do magistério, sua vocação predileta, seu Tabor luminoso e seu duro Calvário, sua glória fúlgida e seu longo e dignificante martírio. Deu-me a fortuna a dita de acompanhar-lhe, ainda neste setor, o desabrochar da floração magnífica, eis que a tive, entre as alunas de Português na Escola Normal "Pedro Celestino", em uma turma das mais brilhantes daquele educandário que tantos serviços prestou à nossa gente e cujo fechamento causou tamanho dano à causa do Ensino. Formada, em 1917, abraçou a carreira para a qual revelava marcado pendor. E professora — soube ser como poucas, vivendo para esse labor persistente e constante, que é sem dúvida, entre todos os misteres femininos, o mais alto e nobre, pois vale por uma verdadeira maternidade espiritual. É de como Ana Luisa — a professora Galêga — entende e pratica sua missão, di-lo, de forma eloquente e incisiva, a palestra — Carinhos maternos — da série de ensaios sobre puericultura, organizada pela Biblioteca de Campo-Grande, e que exorna as páginas da nossa Revista, no seu volume de 1935. É um estudo completo e magistral sobre a função da Mulher, como Mãe e educadora, vasado em linguagem tersa e escorreita, revelando na profundidade dos conceitos, a erudição da conferencista e os atributos altíssimos do seu coração privilegiado. Ela, que, não tendo filhos, soube fazer-se mãe dos seus alunos, podendo assim, nos sábios arcanos da Providência, melhor se consagrar a essa admirável mensagem divina, que é ensinar; ela que, no seu papel elevado de educadora, soube tão bem modelar tantas almas em botão; ela que, na sua carreira, deu tudo de si a bem dos que lhe fôram confiados e sofreu, como todos os bons, o travo amargo das injustiças e hostilidades dos que não têm o dom divino de compreender e perdoar; ela que foi a preceptora integral, fazendo da escola um prolongamento do lar e da dedicação da mestra a "recordação saudosa de carinhos verdadeiramente maternos" — pode dizer, como o fez, nesta formosa invocação, digna de uma antologia e que podia ser definida como o breviário da Mãe e da Professora: "O lar é a antesala dessa vasta escola, que é o mundo, e a mãe o primeiro mestre que nela deve pontificar pelo ensino intuitivo do exemplo. Como o bom jardineiro vigia atentamente os seus canteiros, expurgando-os das ervas daninhas que do âmago da terra surgem com as boas sementes por êle lançadas, assim também vós, mães carinhosas que me escutais, não descuideis na vigilância que deveis exercer nesse canteiro florido, confiado por Deus à vossa guarda, para que nêle cresçam somente as belas e preciosas plantas da justiça que protege os fracos;

da sinceridade que fraterniza grandes e pequenos, ricos e pobres, felizes e desgraçados; da fé sublime que a todos conforta; da esperança fagueira, no dizer do poeta — a divina mentira que dá, ao homem o dom de suportar o mundo; da caridade suprema que a todos perdoa; da Bondade, enfim, que desarma os más”.

A Pensadora de escol

Toda a obra de Ana Luisa revela a pensadora, que vive com a mente voltava para os problemas sociais, de que é a Escola a magnífica e sadia colmeia. Não lhe conheço manifestação da inteligência que se caracterize pelo superficial cultivo da arte pela arte, que se erigiu em norma no século mediocre. Mesmo escrevendo obras de ficção, crônicas e contos, ela se mostra, acima de tudo, uma ensaísta, preocupada com os aspectos humanos das Letras. Notável esse índice incomum nas escritoras, que, em geral, se deixam levar mais pelos impulsos do sentimento, que pelas solicitações do raciocínio e da filosofia.

Tudo, nos trabalhos de recipiendária, revela uma visão larga e profunda da vida, uma sobreestimação dos teoremas e das equações do homem — a educação, a saúde, a formação psíquica e moral. Assim é que, ora, a vereis encabeçando em Campo-grande a benemerita campanha de solidariedade, de Eunice Weaver, concitando em memoráveis orações arquivadas na Revista de Combate á lepra, a generosa população sulina a cooperar «para a defesa da nossa gente deste rincão da pátria e a segurança de nossos queridos pela preservação da criança sadia nascida de leprosos.”

Com pouco é ela que se faz ouvir na solenidade da instalação da Sociedade de Amparo à Maternidade e à Infância de Campo-Grande, na Semana Nacional da Criança, irradiando a 15 de Outubro de 1944 pelas micro-ondas da P. R. I. 7, palavras como estas: “Professora e criança se completam: eis porque agora me encontro desobrigando-me da incumbência. Dentre os direitos que assistem á criança, a feliz criança do século xx, vou abordar apenas um que julgo, no momento atual, mais propício a considerações sérias, por ser a pedra angular de todo edifício educacional das gerações porvindouras — o direito de ter a saúde protegida na escola pública. E depois de uma feliz síntese do que nesse particular vêm fazendo os países mais adiantados em contraste com “o completo abandono em que jazem os nossos escolares no que diz respeito á assistência médica” indica numa esquemática, o que é preciso e se deve fazer. Assim todos os seus escritos, norteados sempre por uma finalidade social superior, revelando, mesmo quando faz literatura, as suas qualidades métricas do pensamento — em que decerto, se lhe refletem, a par da linhagem duas vezes preclara — dos Prados

e Corrêas, os atributos pessoais que a sagram digna irmã de um dos nossos mais representativos escritores contemporâneos — o nosso confrade Cesário Prado.

A Artista primorosa

Excele, ainda, quando faz obras de ficção, o comum das escritoras, a nossa festejada recipiendária desta noite. Tenho sob as vistas dois interessantes trabalhos seus, nessesoutro genero puramente literário: um conto, *r' de Abril* tirado n' "O Jornal", a brilhante, folha de Alcindo de Camargo, com o pseudonimo Delorme Vaz, e uma cronica *Hontem, hoje, amanhã*, vinda a lume na *Folha da Serra* a ótima revista de Aguinaldo Trouy e Peri Campos.

O conto é uma pagina deliciosa de *humour*, leve e fino arabesco, revelador de uma faceta diferente de seu espirito policromo e vivaz. O trecho de um simplicidade machadiana aliada a um estilo leve que não dista do fraseado do Mestre da novelística brasileira, consiste na auto-biografica narração do nascimento de José Joaquim Bueno Pires Neto-primeiro filho de um casal que ja tinha o lar enriquecido por sete meninas, e que veio à luz no 1º dia do mes de Abril — o que pareceu aos parentes ser uma «peta», motivo êste que determinou cauteloso afastamento de visitas. E conclui «De sorte que passei o meu primeiro dia neste mundo, sómente com os aiagos de minha querida mãe e o olhar tristonhos de meu pai, que maldizia haver um dia entre os 365 do ano em que até as verdades são mentiras.»

Não menos interessante é a cronica, que relata impressões de Campo Grande, logo de chegada, e que ao depois, se transfizeram em grande e sincera admiração, num contacto diuturno com a dinâmica Princesa do Sul.

Vale por um flagrante panorâmico da linda Cidade morena, que lhe desperta franco entusiasmo "sem contudo esquecer a nossa bicentenária cidade natal, que vive mais para mim na doce saudade dos tempos passados." E para que mais uma vez se ponha de manifesto o seu marcante pendor pelos temas de interesse coletivo, frisa, no final, a velha questão separatista, para fechar com estas palavras o assunto: "Não, minha querida, nem pensemos nas possibilidade da realização deste sonho fantástico que me apavora acordado! Mato Grosso deve permanecer uno, imenso, indivisivel, como o creou a bravura dos Bandeirantes e o conservou até o presente o zelo dos seus filhos." Isto dizia Ana Luisa em agosto de 33 — dez anos depois, um decreto ditatorial, desfez, numa penada, a unidade matogrossense, mutilando, sem um protesto dos responsáveis, o colosso do Oeste!

A Acadêmica e o Patrono

Eis aí, senhores, num rápido esboço, qual o permite a angustia de tempo, nesta sessão tão cheia, a figura impar de nossa novel companheira do sodalício maximo das letras boróras. Quero apenas antes de encerrar, deixar que fale o coração de filho, agradecendo à ocupante da cadeira 27 o magnifico estudo que acaba de fazer do seu Patrono, o meu saudoso Pai. E não o farei sem deixar ressaltada a afinidade mental entre o Patrono e a academica, ambos espíritos altos, voltados ao exame dos problemas educativos, das questões sociais, das coisas superiores do pensamento. Infensos — o Patrono e a academica — às futilidades dessa arte, que não passa de artifício, arte de balangandãs, que não visa finalidade senão que o deleite e o amadorismo frívolo. Refletem-se, assim, com uma distância de meio século, de permeio, um e outra, espelhando-se o conferencista da Educação da Mulher, nos anos de 1880, nos ensaios de Professora de 1930 — que completa, amplia e atualiza, à luz da pedagogia moderna, as idéias do seu paraninfo.

As Nossas Boas-Vindas

Realisa, destarte, a Academia, nesse renovar constante através das gerações, o seu destino de mantenedora da Cultura, sempre a mesma, e sempre nova, na perfeita evolução mental dos povos. E com que emoção o antigo Professor da Escola Normal de Cuiabá estende hoje, fraternalmente, a mão a uma de suas mais distintas alunas e a recolhe, na casa do seu ilustre antepassado, o glorioso Barão de Melgaço, sob a egide do Patrono bem querido e lhe diz:

—Esta casa é sua — desde que a fundamos. Entrando, não se esqueça que, companheira da primeira hora, contavamos com esta visita, sempre esperada e que nos chega em hora jubilosa e aliviçareira para, juntos, festejarmos a sua posse e o jubileu da nossa Academia. Seja benvinda!





A Erva Mate ja foi ingrediente de feitiçaria

FRANCISCO LEITE

(Da Academia Paranaense de Letras
e correspondente da A. M. L.)

O folclorista Julio Vignola Mansilla realizou curiosas pesquisas em tórno da erva mate, a "caá" dos guaranis, e descobriu que a sua infusão se prestou a terríveis bruxarias, fazendo tremer, por muitos anos, não apenas os paraguaios, mas inumeros mateiros das regiões platinas.

É que a obra de S. Tomè, ou S. Tomás, com descobrir as virtudes terapêuticas do mate, recomendando-lhe a infusão para cura de tôdas as pestes, foi desde logo perseguida pelo demônio... Notando que a erva curava os enfermos e lhes proporcionava longa vida, o diabo se encheu de despeito e entrou de profanar a bebida sagrada, impregnando-a de fluidos maléficos. Quem a tomava, descuidadamente, acabava entregando a alma ao diabo. Outras plantas, outras ervas, como a coca chicha, o tabaco, serviram de veiculo às artimanhas do capeta. Nêsse número foi incluída a caá, que até então vinha operando milagres.

Ja eram muitos os tranviados, os que assumiram, sem o imaginar, um pacto com o demônio.

Mas, como ha recurso para todos os males e o veneno se cura com outro veneno, ou com simpatias, não tardou que um feiticeiro revela-se os malefícios da erva, indicando os meios de neutralizá-los.

A mandinga não lograria seus intuitos desde que o tomador de mate executasse uma simples manobra, que constituia apenas em dar duas chupadas na bomba, ou mesmo num vasi-

lhame, jogando duas golfadas da infusão, sendo uma por sobre o ombro direito, e outra por sobre o ombro esquerdo. Feita esta cerimônia, estava a erva livre de todo e qualquer fluido capcioso.

Conta-se que, até hoje, há, entre os mateiros do alto Paraguai, os que, antes de sorver a infusão, executam o antigo gesto guaraní, varrendo assim qualquer dúvida...

E, com isso, o diabo perdeu a partida,

Hoje, o mate é uma bebida que ganha fama, despido completamente dos fluidos diabólicos. A caá dos humildes guaranis abriu clareira nas florestas, invadiu os pampas, os platôs, os galpões dos tropeiros, e veio, triunfante, conquistando vilas, cidades, países...

É bebida de pobres e é bebida de ricos. É uma infusão verdadeiramente democrática, porque não estabelece distinção entre religiões, classes ou povos. É antes, e acima de tudo, uma bebida essencialmente americana. Tomada sob a forma de chimarrão, ou mate-amargo, une os convivas, pela confiança que grangeia, quando a cúia anda de mão em mão, e a bombilha de boca em boca. Nos salões aristocráticos, impõe os seus predicados, fazendo o arredor trescalar de um puríssimo aroma, ao mesmo tempo que agrada o paladar dos que levam aos lábios a chavena que contém a sua infusão, em forma de chá.

Nos restaurantes e bares, nos dias de calor, é chôpe-mate um dos mais saudáveis refrigerantes, pois é uma infusão, dum belo colorido, de um gosto capitoso, sem que contenha nenhuma tintura, nenhuma essência, nenhum gaz, além do sumo natural das folhas da erva mate.

Após conquistar a selva, triunfando das perseguições de Satanáz, o mate vai, hoje, caminho da América do Norte e da Europa, certo da sua vitória mundial.

Não só os homens seguem a sua predestinação.



Sessão solêne de posse

— DO —

Academico—Francisco Bianco Filho

Na Cadeira n. 24

Patrono — Aquilino Leite do Amaral Coutinho

α 6 de Setembro de 1946



DISCURSO DE POSSE

pele Recipiendário

Exmo Sr. Interventor Federal!
Excia. Revma. Sr. Arcebispo Dom Aquino Correa!
Exmas. Autoridades!
Exmo. Sr. Presidente!
Exmas. senhoras e senhorinhas!
Meus Senhores!
Srs. Acadêmicos:

A cadeira Nº 24

A cadeira que ora preencheis, compelidos das razões que jamais vos poderão relevar tão excessiva generosidade, tem como patrono Aquilino Leite do Amaral Coutinho, jurista e orador que se notabilizou pelo desassombro das atitudes e exaltação dos propósitos inconcussos com que soube defender Mato-Grosso, seu Estado Natal.

Filho de Cuiabá demandou São Paulo, quando ainda lhe madrugavam no espírito os arrojados anseios da primeira mocidade, afim de ingressar nos cursos jurídicos da Capital daquela então provincia, apositamente orgulhosa da heráldica tradição de berço da nossa Independência.

Diplomado em ciências jurídicas e sociais, permaneceu na histórica e gloriosa Piratininga, onde se iniciou nos misteres nobilíssimos da profissão de advogado. Orador fluente polemista, lidador intemerato da imprensa, levaram-no tais pendores a participar das campanhas abolicionista e republicana, sob a chefia de Campos Sales, já àquele tempo guindando à presidência do Partido

Republicano de São Paulo, depois das tonitroantes campanhas sustentadas, ao lado de Quintino Bocaiuva Salvador de Mendonça e Saldanha Marinho, contra os partidos fieis à Monarquia.

Com a proclamação da República regressou Aquilino à sua terra natal, desviando para Mato-Grosso com redobrado entusiasmo e inextinguível fulgor, a atividade política iniciada em São Paulo; e em memorável pleito foi eleito para o Senado Federal, conseguindo maioria de sufrágios entre competidores do prestígio de Joaquim Murinho.

Sua bagagem literária é abundosa, porem dispersa pelas publicações de suas campanhas políticas através da imprensa e dos discursos parlamentares mantidos nos arquivos públicos.

Síntese mais perfeita da sua vida e da sua obra, nô-la oferece o "Elogio" publicado na Revista da Academia, da lavra do primeiro ocupante desta cadeira, meu ilustre antecessor, cuja vida me cabe bosquejar para a immortalidade que transuda dos arquivos acadêmicos como fonte copiosa onde acertarão de abeberar-se os pósteros que visem ao aprimoramento da cultura pelo conhecimento das fontes e tradições da sua terra e da sua gente.

Em a última folha de antiga edição da Biblia, datada de 1870, primorosamente encadernada em marroquim, que o eminente confrade Filogonio de Paula Correia conserva, carinhosa e avaramente, como preciosa reliquia, hei tido o ensejo de ler o seguinte assento:

"A 4 de junho de 1878, nesta cidade, e em a casa nº 32 da rua 13 de junho (Praça Ipiranga), pelas nove horas da noite, nasceu o meu filho Ovidio (terça-feira) (a) — Antônio de Paula Correia" Curiosa coincidência . . . — no mesmo dia, vinte e três anos após, a 4 de junho 1901, também meu pai anotara, de forma assim tão singela, em modesto caderno de suas lembranças, o meu nascimento, no então distrito e hoje cidade de Bicas Estado de Minas-Gerais.

Eis porque, ao ler tal assento, o vulto austero de Antônio de Paula Correia, varão ilustre—viri probus—, que se notabilizou como advogado em nossos auditórios e como político, que, por oito legislaturas, representara no partido da Assembléia Estadual, configurou-se-me diante dêsse poema tão simples quão amável, aureolada da harmoniosa projeção do amor paterno, ledíssima ternura que nos embala a alma ao sentirmos que nossa vida se perpetua na floração de nova vidas

O pensamento bem o senti librar-se nos altos planos onde apenas vibram os corações em mística saudade, ecoando nos recessos da alma, como o tanger dulcíssimo de náblios e de eólias, como se revivesse as primeiras auras da vida, senti, na imensa gratidão do pouco que sou, a presença de meus pais,—e na razão dos esfor-

ços e sacrifícios do mourejar diuturno, o berço de meus filhos, numa e noutra sempre o mesmo sorriso—de mãe e de espôsa—, seipre a mulher divinizada pela graça da maternidade, superna expressão do amor pela qual se nivelam e se alcandoram tôdas as mulheres, aos ritmos da “cancion de cuna” ou aos pianísimos dessas berceuses que a sublimada inspiração de Cherubini em “Branca de Proença”, de Meyerber em sua Dinorah, de Grieg de de Schuman, de Rubstein, do próprio e divinal Chopin, nos legou na emotividade de suas composições imortais.

Ovidio de Paula Correia herdara do lar as características marcantes da sua personalidade—a lhaneza do trato, a fidalguia dos gestos, o amor à leitura, sequioso do saber e inconcusso nos propósitos de aprimorar os dotes congênitos da inteligência.

Como seu pai, como seu irmão que, por sua presença, mantém vivas nesta casa as florescentes tradições da família Paula Correia na vida cultural de Mato-Grosso, Ovídio cimentou a cultura por seu próprio esforço, e pelo esforço próprio conquistou emoldurá-la com os amavios e os primores do seu estilo, através das cátedras que dignificou, da imprensa que tanto ilustrou e da profissão de advogado, cuja nobreza soube enaltar sem delir, sobrepairando as paixões que, ao tumulto das demandas, não raro, obumbram e desvairam os lassos e os inconformados com os ares-tos da justiça.

È que, como seu pai e seu irmão dirigidas as energias do espírito para o magistério como homem de cultura, e para o bem da coletividade como homem público, foi honesto e sincero nos seus propósitos pelo que, de ante-mão, se condenou a si mesmo à pobreza franciscana de que tanto se ensorberbecem o professor e o magistrado em nosso país. Daí não lhe permitirem as apoucadas reservas do patrimônio a continuação dos estudos fora de sua terra natal, onde pudesse conquistar os lauréis do bacharelato ou do doutoramento, já que entre nós persiste a iniquidade de se conservar o curso superior como privilégio dos afortunados que residam nas cidades universitárias, ou disponham de recursos para nelas se manterem.

Há dois séculos antes de Cristo, Platão já nos ensinara e a História fartamente há confirmado que o gênio não é privilégio de raças nem de classes, eis que surge na mais rústica mansarda quanto nas mais opulentas mansões. E o discípulo eleito de Sócrates, já áquele tempo delineara o imperativo de se assegurar iguais possibilidades de cultura a tôdas as crianças, independentemente de origem e de possibilidades econômicas, afim de que, na bateia das inteligências se apurassem as aptidões e se exalçassem as gemas preciosas dos grandes talentos e das vocações predestinadas ao luzimento e á gloria.

Iniciando seus estudos nesta Capital, com seu tio Escolástico Virgínio e, no Colégio São Sebastião, com o professor Frederico Teixeira, cuja palmatória fôra autora da boa caligrafia dos alunos, jovem ainda deixou Ovídio sua terra natal a busca de atividade que lhe proporcionasse meios de aprimorar a cultura. Em Nioaque onde exercera as funções de escrivão do juiz comissário, continuou nos estudos secundários com o professor João Claudio Gomes da Silva, ilustrado humanista, bacharel em letras pelo então Imperial Colégio Dom Pedro Segundo do Rio de Janeiro. Em 1894 têmo-lo em Corumbá, como funcionário do Hospital Militar, sob a direção do Capitão João Cardoso de Meneses, filho do Barão de Paranapiacaba. pelos fins de 1896, regressa a Cuiabá, dedicando-se ao estudo de escrituração mercantil com Joaquim Mariano Pais de Carvalho escriturário da Delegacia Fiscal e mestre abalisado, cujas lições soube Ovídio transmitir, com a decidida vocação, que sempre nutriu pelo magistério, ás gerações de lovens cuiabanos, que ainda hoje ilustram como contabilistas, funções, técnicas em departamentos públicos e estabelecimentos comerciais.

Com a vitória da "Coligação" contra o cel. Antonio Pais Barros em 1906 foi provido no cargo de tabelião da Comarca da Capital passando sucessivamente por diversas funções públicas, dentre as quais as de delegado de policia vereador e vice presidente da Câmara Municipal diretor da Imprensa Oficial, diretor do Tesouro do Estado e Inspetor de Fazenda transferindo-se ao tempo do primeiro govêrno constitucional do dr. Mário Correia para Campo-Grande como coletor de rendas estaduais onde fixou definitivamente sua residência.

A par dos labores ingentes da luta pela vida não menos intensa foi sua atividade nas pelepas cívicas e nos trabalhos das contendas partidárias, emprestando assiduamente o brilho da sua colaboração à imprensa do Norte e do Sul do Estado, ao mesmo tempo em que se dedicava, com especial carinho, ao magistério quer em Cuiabá, como professor de escrituração mercantil do antigo Liceu Cuiabano, quer em Campo Grande, como professor de português e de literatura na extinta Escola Normal do Estado, naquela cidade.

A sua formação intelectual muito deveu à assistência erudita e amiga do capitão Ivo do Prado Montes Pires da França, discípulo dentre os mais destacados de Benjamim Constant, na velha Escola Militar, de tão gloriosas tradições, e o qual representara Sergipe na primeira Constituinte Republicana.

Também o tenente Manoel Viana de Carvalho, aqui aportado em ativa propaganda espírita, influenciou para que Ovídio se orientasse pela sua doutrina, tornando-se ledor assíduo das obras de Kardec, Flamarion, Leoniniz, Ackzocoff e outros, cujas coleções possuía completa.

De rígidos princípios, cioso das responsabilidades que por ventura o obrigassem perante a sociedade, exemplo singular nô-lo oferece o fato decisivo para sua vida privada e sentimental: — Em secção periódica *d'O Colibri*, sob a epígrafe “Retratinhos”, João Cunha, ao traçar certa vez o perfil de Ovidio, depois de lhe exaltar a sobranceira do porte e a elegância do traje, assim escreveu em final proposição, pontilhada de suave maldade: — “Dizem que tem mamôro crônico lá pela rua do Carmo, mas a respeito de casamento, não ata nem desata”. Tal foi suficiente para que, no dia imediato ao da circulação do jornal, corresse Ovidio, pressuroso, a pedir em casamento a dama de seus sonhos, que lhe foi empós, por tôda a vida, a dedicada companheira e extremosa espôsa — D. Constança de Proença Correia.

Como político, foi disciplinado e intransigente nos princípios que lhe nortearam o espírito, ao embalo das idéias liberais que tanto empolgaram a nossa mocidade do último quartel do século dezenove, quando o Império já declinava para o ocaso de uma agonia suave, porém fatal.

Vasta foi a sua produção literária, porem, como a de seu patrono dispersa por sem número de jornais e de revistas, eis que não curou fundi-las em volumes, talvez porque não lho houvessem permitido as carências naturais do meio. Arquivam-se em nossa Revista os magníficos discursos com que ingressou e retornou a êste sodalício, nos quais se contém os elogios do protonotário apostólico Ernesto Camilo Barreto e o político tribuno Aquino Leite do Amaral Coutinho.

Quando moço, também se lhe ruflaram as azas do pensamento por aqueles planos que a exuberante e polifônica imaginação do politeísmo grego situara entre os cimos dos montes Nisa e Cirra, convizinhos de Delfos, na velha e gloriosa Focida onde mainavam as aguas inspiradoras da divina Castália. Palmiro Pimento, confrade illustre, no imaginoso discurso com que recebeu Ovidinesta Academia, enalçou as primeiras florações do seu estro, ena riquecendo as páginas da nossa Revista com a transcrição de alguns dos seus poemas. “Data de 22 de Junho de 1897 — lê-se no reterido discurso a sua primeira produção’ dedicada a seu estremccido progenitor, no dia do seu natalício, e de cujas estrofes se depreende o doce perfume do amor filial. É um acrostico. Ei-lo:

Ai quanto sintos na vida
 Não ter do poeta o condão
 Testificar não poder
 O que sente o coração!

Ninguém pode mais do que eu
Isto que penso trazer
Ornado no peito seu!

Deus, oh! vinde me inspirar
Eu quero um verso cantar!
Pai, aceite isto que o filho
Amoroso vem lhe dar
Uma prova como esta
Lembrança é do meu pensar
Aceite, portanto, a oferta!

Com a mente satisfeita
Ouça, pois, minha oração:
Respeitoso venho hoje
Receber a sua benção
E também como seu filho
A lhe dar meu coração”.

Como jornalista, múltiplas foram as facetas da sua atividade, pelejador a prol das causas que interessavam ao Estado, cronista dos fatos e da vida da província, humorista nos comentários mundanos, patriota no bosquejar das grandes datas e gloriosos feitos que fulgem nos anais da nossa História, inspirado e sentimental nos poemas e contos com que entressachava a multiforme colaboração aos órgãos da imprensa que lha disputavam.

Eis, Senhores Acadêmicos em síntese e palidamente debuxada a vida cultural de Ovídio de Paula Correia, a quem tenho a honra de suceder neste augusto sodalício. Bem mereceu a imortalidade com que lhe aureolastes o nome e ora lhe consagramos a memória, eis que lhe não faltou a simplicidade dos justos equipolente à honestidade de propósitos com que orientou as energias do espírito pelo amor ao próximo e para o bem da coletividade. Não curou de si, mas da terra que lhe serviu de berço e da comunidade que lhe foi fraterna e o mantém presente no Partenon da Academia que a tenacidade e o patriotismo de José de Mesquita, sob a égide de Dom Aquino, príncipe da igreja e pontífice da nossa cultura, e com a prestimosa e fecunda elaboração de todos vós, Senhores Acadêmicos, se transubstancia no cenáculo augusto da intelectualidade de Mato-Grosso.

Expressiva a homenagem que prestais à sua memória, a um tempo honra e mercê ao humilde recipiendário, ao haverdes destacado para, em vosso nome, receber o sucessor de Ovídio de Paula Correia, nesta esplendida e inesquicível tertúlia exatamente a seu

irmão, não menos ilustre, prof. Filogonio de Paula Correia, historiador e sociólogo, que excele e se impõe como das mais lídimas expressões das letras matogrossenses.

A IMORTALIDADE ACADEMICA

Quando Academio legara aos cidadãos de Atenas os jardins que Cimom, herói de Salamina e filho do ateniense Milcíades, aformoseara com os mealheiros da sua opulenta fidalguia, como autêntico predecessor de Mecenas, talvez inscientemente objetivara o sentido da imortalidade, ao esmaltar como o próprio nome, através dos séculos, os pórticos majestosos dos templos erigidos ao culto das Artes e das Ciências, que são as Academias.

Bastou florescesse à sombra das suas alamedas a dialética de Platão para que o herói mítico da Ática lograsse unir o próprio nome à glória eviterna do grande mestre do pensamento, cujos lampejos lhe não valarão os cataclismas desses vinte e três séculos decorridos.

Outro não teria sido, por certo, o entendimento de Conrart, ao fundar a Academia de França, que Richeleu viria a oficializar com a, cartas régias de Luiz XIII, quando instituiu, como divisa, a enaltada expressão *A l'immortalité*, da qual teria advindo, naturalmente, o sublimado laurel com que foram coroados seus pares — *Imortais*.

“Mistério tão grato ao coração humano— Fênix que renasce em todos os peitos e os acompanha até o tumulto — ” na luzente expressão de Pôrto Alegre, em preciosa arrancada dos seus labores oratórios, não nos referimos, todavia, à imortalidade transcendente das “Pétalas do Evangelho”, cujas gemas preciosas exalta D. Aquino em frase tersa e castigada de primorosas crônicas senão aquela outra que na veneração dos pósteros daguerreotipa as florações do humano engenho, as cintilações do pensamento criador, pelas quais o homem sobrevive à efêmera carcassa que lhe encadeia o espírito.

Assim Horácio, em preciosa Ode—*Exige monumentum*— projetou a convicção da sua imortalidade, ao invocar a Musa do canto e da tragédia.

“Sume superbiam Quaesitam meritis et mihi Delphica Lauro cinge volens, Melpomene, comam”. depois de haver, sem dúvida nem falsa modestia, bosquejado em lapidar poema, a imorredoura expressão do seu engenho:

“Construí um monumento mais duradouro do que o bronze e mais alto do que a sede real das pirâmides. Nem a chuva avassaladora, nem a cadeia infinita dos anos, nem o furioso Aquilão,

nem a consumação dos séculos o poderão destruir. Não morrerei de todo. Será imorredoura parte do meu ser”.

Tal a convicção de Ronsard, ao pressentir que sua amada, quando bem velha, se orgulharia de haver sido em seus versos celebrada:

“Direz chantant mes vers, en vous esmerrueillant:
Ronsard me celebroit du temps que i'estois belle”...

quando, sob a terra já não seria mais que o fantasma silencioso repousado entre as sombras sem fim

“Je serai sous la terre y fantôme sans os
Par les ombres myrteux ie prendray mon repos ...”

Também o dulcíssimo Stecchetti, que implorava ao Senhor o libertasse das provações terrenas

“Abbrevia tu, se puoi, le maledetre
Oredel mio soffrire
Avventami, mio Dio, le tue saette.
Mio Dio, fammi inorire...”

sentia a própria imortalidade.

Quando se lhe alvortava inspiração, ao renascimento do seu amor

“La croce m'aprestino
A me non importa
La Musa é risorta
Rinato é l'amor! ...

E quando o desespero lhe exagitava a alma ou lhe abrumava o coração, com que suavíssima ternura consoara o desejo de morrer ante o espectro da dor, à vontade de viver entre as flavas carícias da sua amada.

“Ma quando penso a te cessa il dolore
E la speranza mi ritorna in core
Per non soffrir cosi vorrei morire
Ma quando penso a te voglio guarire”

No modesto trabalho sobre direitos imateriais, que tive a honra de oferecer à apreciação da Academia, em original, escreví: — “O gênio, a idéia criadora, tôdas as projeções, enfim, do pensamento e da inteligência, não constituem bens que se vinculem á pessoa, senão faculdades inerentes à própria personalidade humana:

somente a seu produto, constatado pela primazia da concepção ou concretizado em obra material — *res corporalis* — como objeto de relações de ordem jurídica ou econômica, poderá ser colocado sob a proteção da lei”.

Transmutando-nos do limitado círculo das relações jurídicas para o vasto campo das realizações do pensamento, aí encontraremos o sentido da imortalidade acadêmica, quando as obras nas quais se objetiva a energia criadora têm a sublimá-las as auras da perfeição ou da beleza, as romagens da cultura ou da sabedoria, as elações das virtudes que enobrecem e preeminam.

O homem vale pelo que produz e se excelsa ou se asselva já conforme a natureza e os propósitos da sua elaboração. Pela vida do corpo, vale dizer, da existência terrena ao impulso dos apetites que lhe aguçam os intestinos, êle se iguala a todos os seres animados da Criação na transitoriedade do pó, que se reduz a pó — *Sic transit* — com todos os falsos ouropéis da glória efêmera, que lhe possam advir da audácia, da concuscipência, das riquezas materiais, do poder e de tantas miragens outras, tão fátuas e enganadoras, como as visões que empolgam as caravanas do Saára místico e indevassável.

Somente o culto imanente das virtudes, que excelem os corações, poderá assegurar a vida eterna nos domínios transcendentales da Fé, da mesma forma por que unicamente as erborizações do gênio no campo da filosofia, das artes e das ciências poderá assegurar a sobrevivência além do pélagio taciturno e quedo dêsse *Stigia* macabro, dêsse *undiscovery coutry*, através de cujas fronteiras se nivelam todas as contingências humanas, com o séquito das suas paixões e vaidades, opulências e misérias, sejam senhores ou escravos, reis ou mendigos, milionários ou famintos.

Não há perscrutar como nasceu ou viveu Dante, nem cuidar apresetán-lo político apaixonado nos ralhos do odio fraticida com que guelfos e gibelinos ensanguentaram o solo da artistica Florença, que os Médicis opulentaram com os mais ricos museus da terra, muito menos exaltá-lo heroi de Campaldino, onde “*se trovó nell’armi combattendo vigorosamente a cavallo nella prima schiera dove portó gravíssimo pericolo*”, como o biografou Aretino quando o seu facundo engenho e silente inspiração sobrevivem na triade imortal da sua Comédia Divina — no Inferno a que o arrastam os inimigos, no Purgatorio a que se deteve pela afinidade espiritual de Virgilio, no Paraíso a que o elevou e sublimado e inatingindo amor de Beatriz. E a posteridade lhe coroou a fronte com os mesmos e apolíneos louros com que ele próprio aureolara a glória de Virgilio — *Onorate l’altissimo poeta!*...

Não há quem cure recordar os nomes, crachás e bordados d’ouro dos Delegados Eleitores de Brademburgo ou dos Principes

da fera Prússia que impunham a Bach a suprema humilhação da libré dos lacaios quando incensava, com os lamentos siderais do seu órgão, as festas da nobreza, pois que a memória dos arrogantes senhores se pulverizou no pelourinho das suas próprias fanfarras, enquanto a glória do concertador das fugas permanece imarcessível e sobredoira as cumiadas do engenho criador uo dominio mágico dos sons.

A Grécia dos guerreiros herdicos e nautas arrojados tornou-se prêsa fácil dos Macedônios, colônia submissa dos romanos, terra de ninguém sob o signo da lua crescente do Oriente Pròximo, e, através de tantos anos um povo imbele, una nação desarvada, como frágil galera sôlta ao mar capelado, ás procelas bravias das competições balcânicas, pasto inglorio á cobiça do imperialismo estrangeiro.

Mas a Grécia do pensamento e das artes, que, no campo da filosofia atingiu os cimos do estoicismo de Sócrates, da ciencia politica de Platão, do Método de Aristoteles, cujos ensinamentos Santo Agostinho e o suávissimo São Tomás de Aquino ajustariam mais tarde ao evolver do pensameuto cristão; a Grecia dos estatuarios que, com a Helena de Zeuxis, o Discóbolo de Miron e a joia perdida de Palas e Atenéia, cinzelada por Fidias em ouro e marfim, cujo elmo, na expressão de escorreito pensador, senhoreava o Súmio e o Pireu, como que refletindo a realeza espiritual de Atenas sôbre o mundo conhecido:

A Grecia do Partenon que Praxiteles bordou de imortais relevos, assegurando aos deuses o culto da Acrópole, ou de Demóstenes a quem mais tarde Marco Túlio, seu êmulo romano, dedicaria o *De Optimo genere oratorum*, ou de Homero, a quem Virgílio nas colinas do Tibre e Camões na arrojada Lusitânia imitariam nos épicos arrosos da perfeição e da beleza; a Grécia imaginosa e fecunda dos oráculos de Delfos e do politeismo olímpico, continua a ser para a intelectualidade coeva a mesma e soberba Hélade que, submetida pelas armas, dominou pelo espírito e pela cultura os próprios conquistadores

Assim, a Roma dos Césares, derrancada a fôrça de corrigir os males da República, em bacanaís de monstros divinizados pelo terror de uma nobreza estulta e de um povo corrompido, precipitando-se no Báratro sombrio da sua desagregação política para o epílogo fatal das invasões dos Bárbaros, e a Roma eterna de Virgílio e Horácio, de Sêneca e Marco Aurélio, que lhe perpetuaram a filhação helênica, e, sobretudo, a Roma dos jurisconsultos que na escalada luminosa da *Lex duodecim tabularum* ao *Corpus Juris Civilis* criaram o direito escrito e codificado, que viria a ser, por séculos afora, a fonte opulentada do saber jurídico e das legislações dos povos cultos.

Chopin com a sua *Polonaise*, Padarewski com as maravilhas do teclado divinizado por sua arte, conseguiram resguardar a sobrevivência da Polônia, quando os seus valentes soldados não puderam evitar fôsse ela retaliada pelos bicos aduncos das águias de Hoenzorlens, dos Habsburgos e dos Romanoffs; e das cinzas dos escombros dêsses tronos outrora arrogantes e invencíveis, ei-la que ressurge, qual nova Fênix para os alados destinos de pátria soberana e livre.

Assim por todos os tempos e em todos os continentes, nas pequenas nações, como nos grandes impérios têm sido as lições dos séculos, que seriam infindas se enumeradas, exaltantes da transitoriedade dos poderes terrenos e da perpetuidade dos valores espirituais, lições tantos mais fulgurantes depois do advento do cristianismo que traçou diretivas seguras e indeléveis para a redenção espiritual da própria Humanidade.

Como a grande massa tem vivido mais sob o furor dos instintos do que à luz do espírito, a História não tem sido mais do que o culto de lisonja aos poderosos e tiranos que a fôrça de libarem nas taças da vaidade e da opulência, se hão inebriado e desmandado no delírio do Poder.

Mas, quando assegurada fôr a prevalência do espírito, não mais se cuidará de coroar as fronteiras dos audaciosos como heróis ou super-homens,—não mais se dirá: a França de Napoleão, mas de Pasteur, de Vitor Hugo e de Curie; a velha Albion não se vangloriará da sua poderosa esquadra, mas das obras de Bacon, de Byron ou de Shakespeare; a Itália permanecerá a eterna pátria do Renascimento, ao madrugarem do novo mundo, do mesmo modo por que o Brasil já se terá imposto à universalidade dos povos cultos como a terra de Rui Barbosa, de Osvaldo Cruz, Santos Dumont e de Rondon.

Que me relevem o ousio de contraditar os astros da filosofia moderna, iluminados pelos clarões das baionetas e da pólvora sanguinária da velha Europa, mas o super-homem de Nitzche ou o Herói de Carlyle, jamais será o louco, o megalomânico, ou o vaidoso, escaldante de audácia e de ambições, o qual sacrifica o próximo, renega o direito, sopeia a Moral, mordeja a dignidade, chancheia contra a virtude, sem impérvios que o detenham na senda dos mais ousados e horripilantes crimes, cinicamente justificados pelas “razões” de Estado ou de “salvação nacional”, e com os quais, atingindo o Poder político ou econômico, julga haver conquistado a glória que tanto se ensorbebece, até que a “Justiça de Deus na Voz da História” o reduza a pó, sob os escombros dos seus próprios crimes, da rapacidade, violência ou traição quando não enforcado em praça pública ou escorraçado dos palácios como trapo moral indesejável.

Super-Homem é o que cria e não o que destrói a vida, o que se sacrifica por amor ao próximo e não o que sacrifica o próximo para satisfação de suas ambições, o que objetiva a energia na virtude e na sabedoria, nas artes e nas ciências, por um ideal de Justiça, de Harmonia, de Beleza, de Perfeição, o que seja capaz, não dos adejos audaciosos das aves de rapina ou dos coleios rastejantes pelos velabros das miserias alheias, mas da ascensão sublimada pelo espírito de renúncia, que é a suprema virtude e o superno heroísmo.

Tais senhores Acadêmicos em síntese, as idéias que me povoam a mente ao considerar a imortalidade acadêmica e os imperativos que dela defluem para um programa de ação e devotamento, inspirado no vasto campo, neste manancial pródigo, que se não conteria no limitado espaço de um discurso, se se pretendesse transfoliar todos os ciclos da vida da Humanidade, nos planos da cultura e do pensamento.

Subcrevo as proposições de nobres contrades, que hei ouvido em notáveis orações de posse, desses últimos tempos, de que a Acadêmia não deve pairar no subjetivismo das cogitações meramente estéticas, indiferente à realidade dos problemas que empolgam e agitam o século que vivemos.

Mas nossa conduta ter-se-á de deter nos altos visos da política, da cultura e do aprimoramento espiritual, sem descambar para o vale das competições, para a catasta dos interesses impudentes e de sacrílegos propósitos.

Sendo as letras o lumareu do seu pórtico, a defesa do idioma, o amor à língua que nos legaram os clássicos portuenses e brasileiros deverá constituir o motivo primeiro da nossa sinfonia heróica.

Não discutamos o classicismo ou o modernismo, não erijamos obstáculos à espontaneidade das vocações que se esgarcem pela inspiração dos nossos poetas e prosadores, mas que se bateiem os abusões da terra e se não mascare com a farinha branca dos pseudo-modernistas a carência de talento, de senso artístico, de originalidade de tantos poetastros e rabiscadores de papel.

Certo será possível evitar se a algaravia popular, nem os neologismos que se consagram no enriquecimento do nosso já opulento e abundoso idioma, mas que se distilem os excessos e se empenhem os responsáveis da cultura, para que pelo menos nos meios escolares e acadêmicos nos quais se forjarão as elites do futuro, se haja por cuidado eliminar o linguajar labrego, que tanto desdoura o legado dos nossos ancestrais, afeiam a compustura e apocam os méritos nos desardos mal embrecados discursos.

Quão nos entristece ouvir, em meios da juventude estudiosa, ao invés dos amavios de um prosar correto, no descante har-

monioso de frases que ecoassem com a suavidade das endechas da própria terra, têrmos que nos ferem a sensibilidade e os quais fariam corar os próprios que os hajam proferido ou ouvido, se lhes não faltasse paciência de procurar nos dicionários seu verdadeiro sentido.

Se o estilo é o homem, tanto mais o homem se eleva quanto mais aprimora o próprio estilo. E não somente a forma, senão o sentido que transuda da tecitura da frase, deve o estilista o cinzelador da prosa e do verso preocupar-se em requintar, no evoluer perene e ascendente para a perfeição, pois que as mesmas ideias e os mais belos e opimos frutos do pensamento mais se exaltarão quando expressos em diserta forma e com pródigo cuidado.

Corolário natural das letras, impõe-se a conduta no progredimento pelo campo das artes, fator das mais belas florações espirituais de um povo ou de uma comunidade. Cuiabá reclama a organização da orquestra municipal, conjuntos de cordas e de instrumentos sinfônicos, para que se não estiole a vocação artística da nossa juventude, sob a influência exclusiva do malabarismo asselvajador e infrene do jazz, que carnavaliza as solenidades mais fidalgas e as reuniões mais seletas. A fundação do Conservatório seria obra de benemerência de qualquer Govêrno, que ajustasse atender à cruzada pelo renascimento das artes em nosso meio, sob o patrocínio desta Academia.

Contribuindo assim, de forma objetiva e profícua, para o aprimoramento espiritual das classes, ao incentivo do culto das artes e das ciências, estará a Academia irradiando sua benéfica atividade a todos os quadrantes da atividade social e política, pois, aprimorando moral e intelectualmente os individuos, ter-se-á contribuído para a formação das elites, capazes de resistir à desagregação, pela subserviência a interêsses e apetites, à prevalência dos astutos e dos incapazes, sôbre cujas misérias se alicerceiam as ditaduras e tiranias, como estágios últimos de aviltamento espiritual a que pode ser reduzido um povo ou uma nação.

Incitar a juventude para os jardins dos novos Academicos, por entre as locubrações sadias das verdades eternas, à luz do *perficat te ipsum*, despertar a consciência cívica pelo culto imanente da preservação da Fé, do respeito à Justiça e do amor à Liberdade, eis a síntese do programa que, entendo, se deveria impor a todas as Academias, como penhor seguro da imortalidade que se projeta das enaltadas concepções do espirito, dos lampejos dos gênios, para luzimento da gloria do futuro

SCUSATE MI

Permiti, a final, que me apresente a vós, não como o comparsa da tragédia que *l'autore ha cercato invece pingervi uno squar-*

cio de vita, mas para justificar esta recepção, que soubestes doirar com o auditório de escol, que se premeia nesta sala dos Mestres, assenhoreada pela púrpura do nosso excelsó Antiste, fanal seguro da nossa Fé, honrada com a presença das mais altas autoridades do Estado e enramalhada pelas graças feitiças do nosso mundo feminino, cujos diches e sorrisos cintilam tão esplêndida magia, os quais tornam baça a luz que nos ilumina e enciumadas as flores que exornam a vossa curul.

Não foi a vaidade, a que jamais me acurei, nem á inciência dos apoucados méritos, que hei sido sempre o primeiro a reconhecer e proclamar, o motivo de me haver candidatado á honra insigne que ora me conferis.

Filho, bem o sabeis, correspondendo á magnanimidade de fidalgo gesto de vossos pares que, ao impulso do coração mais do que aos imperativos do racionínio, entenderam alçar-me ao altiplano deste cenaculo.

No inefável gesto com que vos despeastes das reservas que a razão vos poderia haver ditado, para que livres adejassem os sentimentos que vos execelem os propositos, bem compreendi que se vitoriava apenas a virtude da boa vontade, que outra mais não possuo, para levar a bom têrmo as grandes responsabilidades que o evento me reservou em vosso meio hospitaleiro e bom.

Éra a homenagem, bem o senti, á humildade do magistrado, que se empenha em suprir as deficiências do conhecimento científico com a extremada fé na Justiça, humizando quanto possivel a aplicação da Lei, quando, no manuseio constante dos autos — *nocturna manu et diuturna* — se vê impellido a afrontar o rescaldo das paixões, os apodos e acrimonias com que, não raro, os alquiladores da própria consciência procuram justificar a precariedade dos próprios intentos, sem convelir nem vacilar face ao dever, sem timidez ante os humildes, jamais despindo a serenidade inconcusa, que tem sido o seu manto de *zaimph*, porque, merce de Deus, mau grado tantas decepções e desenganos, que nos reserva o transfolar dos anos, ao se transpor o divisor do agro caminho, em seu coração o ódio nunca encontrou guarida onde medrar ou florecer pudesse.

Tambem alcancei que se consagrava o jornalista, sem labores, é certo, sem arminhos e brocados dos guapíssimos cultores do idioma que justificar pusessem o espaço perdido nas ramas das paginações, mas cuja pena jamais distilou o ímpropério e a dobrez, eis que outros propósitos não na tem inspirado que não fossem os do culto á verdade, á harmonia, á crítica construtiva, doutrinando sem acume ou luzimento, mas com honestidade e patriotismo visionando as idéias e não os homens, os princípios que enobrecem e não os interesses que degradam.

Entendi, afinal, que se cultuava, sobretudo, a virtude, da qual, merce de Deus, sem falsa modéstia, tanto me hei ufano por toda a vida, qual a do sentimento de gratidão, roborado na adversidade e retemperado na bonança, com que vou entremeando a existencia, nesse vale de lágrimas, até que o espírito se liberte do envoltório que o encadeia, quando a noite taciturna do nada me impuser a execução inapelável do *Memento Homo*, para que volte ao pó o corpo que do pó me adveio.

Gratidão que me agrilhoa a Mato-Grosso, cuja fisiografia sempre se me antolhou uma miniatura da própria e estremecida Pátria, e cujas reservas que lhe opulentam o solo e o sub-solo me hão inspirado em um dos primeiros discursos, ao tempo em que aqui aportei, a afirmação que hei visto por muitos consagrada, de que se o Brasil poderia ser o celeiro da Terra, Mato-Grosso poderia sê-lo do Brasil.

Gratidão que me há escravizado a esta Cuiabá formosa, gema preciosa que se engasta e fulge nesse diadema de ouro recamado pelo glauco vivaz da floração dos trópicos, entre o alcançado sempre anil das serras que lhe coroam o norte e as variegadas ondulações dos pantanais que, pelo sul, se abeiram genuflexos aos pés das suas históricas colinas. Reserva milagrosa do sentimento de brasilidade, caldeado nas cruentas provações de dois séculos de isolamento, sem que tal fôsse obstáculo ao seu progresso, eis que a tenacidade do seu povo, sublimada pelo amor à terra e às heráldicas tradições do berço comum, supriu o impossível que lhe teria sido anteposto pela displicência dos impassíveis e dos cétricos ante as contingências da natureza.

Terra de Rondon e de Dom Aquino, cuja glória e fama já se não contém nos limites do Estado nem nas lindas do território pátrio, pois que fulgaram na constelação superna das energias vivas que honram e dignificam a Pátria perante a universalidade dos povos cultos.

E por assim entenderdes, Senhores Acadêmicos, testemunhas que sois da gratidão com que cultuo e venero a vossa terra, que é também nossa, filhos que somos todos desta mesma e incomparável Pátria, foi que me induzistes a penetrar os umbrais dêste Templo, para receber da vossa consagração o manto da immortalidade.

Mas não vos agradeço, porque na clâmide augusta sob a qual me consagrais, reesplandecem apenas os fulvos clarões da vossa generosidade e não os pálidos eírios do meu tugúrio intelectual, que os excessos da vossa complacência não poderão convelir, nem por milagroso esforço recamá-lo das filigranas do artista que, no consoar da frase, no esmaltar da inspiração, no exagitar das arrancadas espirituais, no carear dos grandes afetos, do libar-se enfim pe-

las cumiadas do pensamento, consegue, com donaire e graça, com sabedoria e originalidade, em escorreita forma e com diserto engenho, atingir à perfeição que lhe assegura a imortalidade, pela sobrevivência da sua obra à própria vida transitória e efêmera.

A fidalguia das atitudes é como a Caridade que exalça, sublima e dignifica a quem na exercita e não os que dela se beneficiam.

E não seria eu, Senhores academicos, quem iria macular, com agradecimentos protocolares, os panais doirados da esplendida afirmação da vossa bondade, tipicamente brasileira, genuinamente cuiabana.





DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo academico Philogonio Corrêa

Gosto muito de ouvir os discursos e de lêr numerosas colaborações de FRANCISCO BIANCO FILHO nos órgãos da nossa imprensa periódica.

Gostar muito, não quer dizer que eu sempre esteja de acôrdo com tudo o que êle doutrina; assim como não estar de acôrdo, não significa enforçar, aquele que de nós diverge, no primeiro póste de esquina.

Ê delicado, mais do que delicado, é tipicamente democrático, e isto se deve acentuar, agora que tanto se fala em democracia, ouvir ou lêr, mesmo o juizo que se afasta do nosso, em um ou em muitos pontos de um programa cômplexo.

O respeito ás opiniões alheias impõe-se sempre, principalmente quando as pessôas, para imiti-las, calçam elegantemente as luvas do cavalheirismo para terçar as armas na arena da educação e da cultura.

Esse respeito nós o encontramos, integral e perfeito, nas manifestações do pensamento d'aquêle a quem eu tenho a satisfação de receber, hoje, em nome da Academia Matogrossense de Letras.

Apassionado e inteligente cultor do direito, da leitura grande e seleccionada, com uma base sòlida de humanista, o nos-

so recipiendário prende e agrada o interlocutor, mesmo quando não convence.

Está radiante com a formação da nossa atual Constituinte e com o próximo fim da vigência da Constituição de 1937.

Eu que pertenci ao Partido Constitucionalista, solidário com a revolução de S. Paulo, origem verdadeira da nossa redemocratização, acompanho as suas manifestações de regozijo, mas pondero e lamento a nossa pouca capacidade para o regime, o nosso grande volume de analfabetos e de semi-analfabetos, faceis á peita ou á subserviência, que nada têm de democrático.

Mesmo com esses inconvenientes, atalha êle, os males serão menores.

E eu fico a pensar se êle tem razão.

Revejo a adesão, real ou passiva, á revolução de 1930, a mesma adesão real ou passiva que recebeu a proclamação da República em 1889.

Relembro a fúria dos salvadores contra os carcomidos; fúria avassaladora, furacão que nada encontrava de aproveitável: nem os sacrifícios de Deodoro e de Floriano; nem a ideologia pura de Benjamim Constant; nem a firmeza de Prudente de Moraes; nem o cuidado financeiro de Campos Sales e de Joaquim Martinho, que permitiu esse admirável surto remodelador e saneador com Rodrigues Alves, Lauro Müller, Pereira Passos, Paulo do Frontin e Oswaldo Cruz.

Não viam, porque não queriam vêr, a energia serena de Hermes da Fonseca e de João Pandiá Calógeras no serviço obrigatório da caserna e no preparo militar do Brasil.

Não mais estavam lembrados da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, traço inapagável da benemerência de Afonso Pena; de Nilo Peçanha com o serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais e das vitórias de Nabuco e de Rio Branco no Itamaratí e de Rui Barbosa em Haia.

Mato-Grosso, na linguagem salvadora, sempre estivera desgovernado.

Tudo precisava ser feito.

E os aplausos cresciam, frenéticos e agressivos ao ditador, que nem sempre foi ditador, pois que governou com a Carta outorgada pela Constituinte de 1934, desde aquele ano até o golpe de Estado de 10 de Novembro de 1937. Hoje as cousas estão mudadas; hoje o gèsto de justiça reconhecendo no Sr. GETULIO VARGAS o Presidente da legislação social e trabalhista no Brasil e o autor da marcha para o Oèste, é tido, por muitos, com uma attitude *queremista*.

E o seremismo, umas vezes real e outras vezes inventado pelo oportunismo interessado, paira na atmosphera política da Pátria, ameaçador como as palavras fatídicas traçadas por mão oculta durante a orgia de Baltazar.

Mas eu não quero crer que o povo brasileiro empreste o seu apoio a planos subersivos da ordem para crear dificuldades a uma administração iniciada sob os melhores auspício para o bom nome do Brasil, como a administração do grande brasileiro e o ilustre matogrossense que é o atual Presidente da República.

A todos os filhos do Brasil, dignos da nossa terra, cumpre serrar fileiras para amparar a administração promissora a pouco iniciada, sem jaquetas rubras e sem camufladas camisas verdes, plantas exóticas não condizentes com o nosso clima, olhos voltados para o progresso da Pátria, que não está pedindo, e nem espera a volta d'El Rei D. Sebastião.

A nós bastará o verde oliva do exército de Caxias e de Osório, de tantos feitos gloriosos, garantia disciplinada da ordem que ha de facilitar a nossa jornada para o progresso.

É com tais propósitos, animada de tais esperanças, que o nosso sodalicio recebe a colaboração de Bianco Filho, d'esse filho diléto da cultura democrática.

Nascido na cidade mineira de Bicas, a influêcia paterna e a ordeira e liberal tendência dos filhos da terra da conjuração Mineira e de FELIPE DOS SANTOS, deviam contribuir poderosamente para a formação do nosso novo consócio.

Percorrendo o curriculo primário no grupo escolar da sua cidade natal, cursou humanidades no Ginásio Pio Americano, do Rio, onde a convivência prolongada com os mato-

grossenses Generoso e Altamiro Ponce, Cursino Bourét, Lobivar Matos, Antonio Fragelli e Mariano Zeballos, gerou a sua afeição pelo nosso Estado,

No Pio Americano, fêz Bianco Filho a sua estreia no jornalismo, fundando "O Juvenil", ilustrado por um garoto que depois devia ser o Perdigão, caricaturista de fama na imprensa do Rio.

Matriculado na Faculdade Livre de Direito com 14 anos, incompletos, colou gráo em dezembro de 1919, com pouco mais de 18 anos; tendo feito todo o curso com distinção, com exceção de direito comercial do 3º ano em que foi classificado com plenamente gráo 9.

Na Faculdade foi um dos fundadores do "Gremio Jurídico Cândido de Oliveira", ainda existente.

Quando estudante em Minas, já colaborava nos periódicos de Bicas, e no Rio, ingressou na imprensa carioca trabalhando na "A Pátria", sob a direção de João do Rio, e no "Rio Jornal", sob a direção de Georgino Avelino.

Nesse tempo começou também a sua atividade política na campanha da sucessão do Presidente Epitácio Pessoa, como um dos oradores da Reação Republicana, então formada.

Em 1923 regressou para Minas, levado por Melo Viana para delegado de polícia de S. João Nepomuceno; aí fundando, em intensa campanha política para sucessão do atual Presidente da Constituinte Brasileira, o periódico "A Cruzada", tendo antes dirigido o periódico "A Voz do Povo" do situacionismo local.

Nessa mesma fase iniciou a sua vida de professor, lecionando Português e História na Escola Normal e no Ginásio S. Salvador.

De 1925 a 1930 voltou a residir em Bicas, onde foi vereador municipal, fundando e dirigindo o "Bicas Jornal".

De lá veio para Mato-Grosso, como Chefe de Polícia do Interventor Antonio Mena Gonçalves, sendo, depois, despachado para Juiz em Campo Grande, onde lecionou Português, no Ginásio Municipal, e História no Instituto Oswal-

do Cruz, lecionando ainda, como um dos fundadores da Faculdade de Direito, creada em Campo Grande, a cadeira de Filosofia de Direito.

Transferido para Cuiabá, os nossos advogados poderão dizer do seu trabalho intenso acumulando as duas varas do comarca e ainda a vara federal e os trabalhos do fôro de Cocais e de Leverger.

Mesmo assim encontrava tempo para ser um dos professores mais assíduos na docência de direito comercial da Faculdade de Direito fundada em Cuiabá, faculdade infelizmente sacrificada pelo Decreto que vedou as acumulações remuneradas.

Aqui e em Campo Grande, colaborou em todos os jornais, organizando, na metrópole sulina, o Diário Oficial do governo provisório da Revolução Constitucionalista de Mato Grosso.

O seu delucidado pendor literário e a sua irresistível vocação para o magistério, sempre encontraram tempo para dedicar á imprensa, à tribuna da eloquência e à cátedra de professor, movimentos preciosos nos intervalos das atividades de magistrado.

Tem sido mesmo criticado quando aborda, sendo magistrado, têmes enquadrados nos programas político-partidários.

Sempre discordei desse modo de pensar.

O Juiz não é cego, surdo e mudo para ser indiferente aos fenômenos políticos do meio em que vive.

Munido de um título de eleitor, devendo ser pessoa de erudição e de muita leitura, precisa bem ambientar-se para bem escolher.

Isso êle pode fazer sem ter necessidade de chafurdar-se no lodaçal da politicalha e das retaliações pessoais.

O novo ocupante, hoje empossado na cadeira patrocinada por Aquilino do Amaral, é, principalmente, orador e jornalista.

Já fêz versos. E quem não teria sido poeta na rósea quadra da vida povoada de fantasias pelo amor?

A febre do lirismo baixa quando essas fantasias cedem lugar à realidade trazida pelas desilusões.

Então o prosador ocupa o lugar d'aquêle que fazia versos.

Isso vemos com os individuos e isso observamos na literatura de todos os povos.

Para o poeta basta o sentimento brotado do coração; sentimento que sabe gerar Castro Alves como sabe gerar Catulo.

A prosa requer erudição e reflexão lógica, vindo sempre mais tarde.

Bianco Filho, orador e jornalista, tira recursos da sua erudição acadêmica, mais do que da sua formação como bacharel em direito.

Não de balde preferiu sempre, na cátedra de professor, lecionar história e literatura, principais responsáveis pelo sucesso no jornal e na tribuna da eloquência.

Como jornalista, já o dissemos, é fluente e delicado, escreve com facilidade e com propriedade, proclamando sem medo as próprias opiniões.

Como orador agrada mais.

Facilidade espontânea e apropriada, dição clara, bem pronunciadas todas as sílabas das palavras, sem os atropelos dos nervosos e sem as indecisões dos irresolutos, as suas frases oscilam da calma da exposição para os arroubos do entusiasmo, do calor dos elogios para a ponderação nos ataques.

E o auditório se satisfáz, por minutos ou por hora, preso à atraente oratória, sem as cantantes oscilações entre gritos e murmúrio, sem gestos espetaculares e sem murros sobre a tribuna.

Da sua veia poetica, sejam exemplos os dois sonetos que vão transcritos.

Um, o de 1921, è o amor e a desilusão, sombra do amor.

O outro, o de 1946, publicado no "O Municipio e na "A Cruz", de Cuiabá, é a crença, é a meditação.

QUIMERA

*Tarde fria de inverno... a chuva e o vento
Fustigam fóra os Prados e o arvoredo
E minha alma parece em tal momento
Da natureza um simples arremedo.*

*Qual peregrino displicente e quedo
procuro à senda do meu pensamento
em vão livrar-me do falaz degredo
desvencilhar-me em vão d'êsse tormento...*

*Eis quando em sonho tu me vens, lasciva
a desvendar-me esplêndida, furtiva,
o etéreo amor num cântico imortal...*

*Cêdo, porém, tudo reduz-se a pó,
fragil quimera em taças de cristal...
pois que desperto e sinto que estou só!...*

REVELAÇÃO

*As contas do rosário dedilhando,
Assim venceste, oh Mãe, toda a existência,
E entre os árduos labores, sempre orando,
Sulcaste em vida a eterna penitência...*

*Á pão e água, ás festas, jejuando,
Da tua fé a ingente persistência
Nó-la exemplaste, viva, em consagrando
Lôas a Deus e ao mundo complacência...*

*E se recordo o êxtase e a amargura,
Ao ver-te prosternada ante o Senhor
E, lagrimas em a esplêndida ternura*

*Do teu sublime e maternal amôr,
Sinto, evolvendo ao Cristo o pensamento,
Tua presença, oh! mãe! um tal momento.*

Dos seus discursos, poucos poderão ser reproduzidos. São, quasi todos, ditos de improviso.

É, no improviso, o garbo do orador esconde muitas imperfeições.

Vieira de Almeida costumava repetir que o discurso que mais aplausos provocou, para êle, foi o pronunciado da janela da "A Tribuna de Santos", em S. Paulo, por ocasião da questão dos Protocolos italianos.

A alma do povo vibrava e êle atirou, com calor e com força, algumas duzias de frases feitas.

Era o que a multidão queria, na sua furiosa exaltação.

O sucesso foi completo e êle havia produzido-bolhas de sabão.

Os improvisos de Bianco Filho podem conter velhos pensamentos; mais êles vêm sempre vestidos de nova indumentária, enfeitados com as fitas e as rendas da elegância e do cuidado vernáculo.

E o que haverá, sobre a terra, de inteiramente novo?

Que responderam: a orientação admiravel das piramides e dos templos egipcios, o eterno -- conhece-te a ti mesmo -- enunciado pela filosofia grega -- e as proféticas maravilhas narradas por Júlio Verne.

O próprio Cristo, doutrinando, afirmava que Êle não tinha vindo destruir a lei, mas aperfeiçoa-la.

Alguns séculos antes d'Êle, Buda pregava: -- Não faças a outrem aquilo que não queres te façam a ti --

Dos discursos escritos e lidos pelo nosso recipiendário de hoje, eu quero destacar trechos da oração de paraninfo, dedicada à turma que concluiu o curso do Liceu Salesiano em 1941.

Aconselhando, disse: -- Quando a serviço da civilização, a cultura se transfunde na energia criadora do Belo e do Justo, do Bem e da Verdade; mas quando o homem se empolga pela própria ciência e se embriaga pelo poder que da ciência lhe advem, absorvido pela vaidade, concupiscencia, inebriado pelo fausto e pela glória efêmera das competições terrenas, eis que a cultura se desvia do seu curso, para, com suas próprias almas, com sua própria força, com seu próprio enge-

nho, destruir em horas, dias ou meses, o que construiu através de séculos, por entre esforços inauditos e cruentas lutas”.

E perorou, sempre apaixonado pela Justiça e pela Liberdade — “Ignomia é fraquear no proposito e não perecer no combate, afirmára o grande Rui e, exemplo altissonante — no-lo dá o proprio Cristo — de que a verdadeira glória não se assenta sobre as vitórias efêmeras da força e da opressão, da arogância ou da vaidade, do egoísmo ou da ambição sem ilmites mas decorre da sublimidade, do espirito de renúncia em pról do ideal que nos inspira o culto imperecível do amôr á Deus, á Justiça e á Liberdade!”

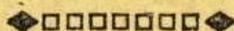
Como jurista e como magistrado as sentenças de Bianco Filho são citadas, mais de uma vêz, no moderno e completo trabalho — Hipotéca Naval de autoria do Dr. João Vilasbôas, obra referida várias vezes, com palavras elogiosas, pela autoridade consagradora de Clóvis Bevilaqua.

Em 1945 o nosso companheiro publicou o seu — Direito eleitoral — com 300 paginas, livro que é, no dizer do autor “contribuição humilde para o grande pleito da redemocratização do Brasil”, mas que, na realidade, foi recebido como magnifica sintese histórico — doutrinária seguida de completo Prontuário anotado da nova legislação e da jurisprudência eleitoral.

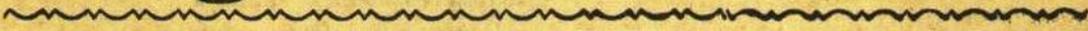
Promete, para breve, --- “Violações dos direitos imateriais” ---

Tal é a armadura resistente e brilhante com que entra no salão desta Casa, para o elegante torneio das letras, o novo ocupante da cadeira patrocinada por Aquilino do Amaral, vaga com a morte de Ovidio Corrêa.

Que êle receba os nossos abraços de boas vindas.



Páginas dos novos





Na inauguração do retrato do Patrono Mariano Ramos

Rosa Pensilvânia Ramos

Snrs. Acadêmicos
Meus Senhores
Minhas Senhoras

Já se tornou tradicional, em nosso meio, a comemoração cívica que esta ilustre Academia promove todos anos, no dia festivo da nossa Independência.

E' que ela bem compreendeu que sem o amor da Patria, nada vale a cultura individual.

Dest'arte, segundo os seus novos moldes estatuários, inaugura, na sua galeria de honra o retrato do meu avô, Mariano Ramos.

Para mim, que não o conheci, é uma honra insígne falar, agradecendo em nome da família Ramos.

Isso pela razão de que decorrido meio século do seu falecimento, esta Academia, o mais alto expoente da cultura conterrânea, glorifica a sua memória apontando-o como patrono de uma sua cadeira, quando em seu seio cooperando na grandiosidade do labor, já se encontra como um dos seus membros, o meu pai.

Daí, é claro, que curta sendo a sua existência foi, por outro lado, laboriosa e útil.

Com efeito, político na boa expressão do termo, jornalista, advogado e como seus maiores, proprietário rural, fez algo por sua gente e por sua terra.

Tanto foi assim que exerceu diversos cargos públicos de representação, indo a morte encontrá-lo quando representava o nosso Estado na Câmara dos Deputados Federais e, agora patrono de uma cadeira nesta Casa, valendo dizêr que a sua visão de intelectual e de homem público não se limitou ao quintalejo das ambições pessoais, nem às disputas estéreis.

Olhou mais longe e a sua vida projetou-se para o futuro.

Daí a sua glorificação neste momento e que em nome da minha família agradeço cordialmente.

SE...

*Se puderes calar no peito a voz
do coração e todo o sentimento;
se calares aos pés, como uma noz,
qualquer remorso ou arrependimento:*

*se preferires antes ser o algoz
do que a vítima, na hora do tormento,
se praticando o mal, ris logo após,
vivendo apenas um atual momento;*

*se de orgulho tens a alma sempre ufana;
se costuma tomar e não te tomem;
se envês de senso, tens a mente insana;*

*se, refratário ás dôres que consomem
puderes resistir a lepra humana,
serás felis então—serás um homem!*

EURICLES MOTA

Olhos de mulher chorando...

*Olhos de mulher chorando,
São fontes virgens brotando
Gheia de viço e deôr: am
— De um coração que padece
E lento, lento, fenece,
Qual o murchar de uma flôr!*

*Saudades de um bem perdido,
De um belo sonho nascido,
Que aos poucos foi-se apagando...
Orvalho doce, caindo...
Tumescencia n'alma abrindo...
Olhos de mulher chorando...*

MILTON ALFREDO

Cuiabá. 1948

LONGA JORNADA

*Juntos iremos pela vida afóra
Como um casal feliz de passarinhos;
Rufando as azas ao romper da aurora,
Volvendo a tarde á tepidez dos ninhos.*

*Alêgres sempre, muita vez embora
Sintamos, ao cruzar nossos caminhos,
O beijo da ventura que se adora,
Ou da desdita, a mar-a dos espinhoi.*

*Mutuamente amparados, desde agora
Abrigados na tenda dos carinhos,
Salvos da dor que aos fracos apavora..*

*Longe do mundo de ideais mesquinhos.
Somente sêde imensas nos devora,
De criar e educar nossos filhinhos!*

RUBENS CASTRO

“SAUDADE”

*Saudade... carrilfião da minha terra
Plangendo com profunda nostalgia.
Saudade... o sól sumindo atraz da serra,
Aproximando a triste “Ave Maria”.*

*Recordação, que unidos, sempre encerra
Sentimentos de dor e de alegria.
A mãe aflita que entre os vivos erra,
Chorando o filho, já na tumba fria.*

*É o delirar de um coração cativo,
Indiferente ás frios leis do olvido,
Saudade... è relembrar com emoção...*

*Um passado distante ou mesmo perto,
Saudade... é ter o coração deserto,
De paz, ventura, crença e ilusão:*

RUBENS CASTRO

Coração que balança

CONTO — *João Benedito de Almeida*

«Tudo está acabado. Perdôe-me a inconstância. Adeus. Olavo».

Era curto, mas para Clara dizia muito êste bilhete: estava despedida. Já fazia, aproximadamente, cinco anos que Olavo lho havia entregue. Passara pela casa dela cedinho. Encontrando-a à janela, disse-lhe alguma cousa, muito nervosamente e entregou-lhe o papelzinho bem dobrado.

— Leia. Desculpe-me, disse e foi-se.

À tarde encontraram-se. Desde longe Olavo percebera no olhar da ex-namorada uma expressão de reprovação e um pedido de explicação. Ficou embaraçado.

— Mas Olavo, começou ela, o que aconteceu? Diga-me, disse em tom de conSPIração, é a sua gente que não quer? É a sua mãe?

— Oh! não, Clara, não foi ninguém. Isso veio de mim mesmo. Mas, por favor, poupe-me a uma explicação. Estou envergonhadíssimo de você. Foi apenas minha inconstância. Mas por favor, não me odeie.

— Inconstância... Eu já sabia, já desconfiava. Eu sei, é outra.

— Não é, Clara, creia-me. Não tenho outra namorada.

Isso há quasi cinco anos que aconteceu. O namôro também foi curto. Talvez apenas um capricho de Olavo, ou talvez uma cousa séria, mas feita irrefletidamente. Irrefletidamente, porque êle não ponderou se gostaria sempre de Clara. Era mulher e êle era homem. Ela era educada e muito meiga e ele era sensível. Mas ela não correspondia ao seu ideal de beleza. Tinha, aliás, belos traços, mas êstes quasi não se notavam porque ela não os sabia realçar. Clara não era, enfim, o tipo da mulher que conhece o poder e necessidade da beleza feminina. Talvez lhe faltasse um pouquinho mais dessa encantadora feminilidade que tanto engraça uma mulher. Disto Olavo estava bem ciente, mas procurava não o

se importar. Ora, uma mulher amável pode sempre ser armada. Foi o que aconteceu. Já se conheciam, sem manterem, entretanto, grande relação de amizade. Mas um dia Olavo pediu a ela que lhe ensinasse a tocar violino. Ela era violinista e cantava magnificamente, tendo ganho nos festivais o título de «voz de veludo». Ao pedido de Olavo ela acedeu quasi em alvoroço, o que passou despercebido para o rapaz.

Olavo começou, pois, a frequentar, diáriamente, a casa de Clara. O velho Cândido Maciel, pai da moça, era homem sizo e neurastênico. Tocava também violino e também a flauta. Quando viu Olavo dar conta das primeiras lições asseverou, proféticamente.

— Você aprende a tocar, rapaz, eu estou vendo seu jeito.

— Aprendo, sim, isso é certo seu Cândido e ainda vamos dar um concêrto, juntos, não é?

Seu Cândido não deu seguimento à conversa e fechou-se como quem não estava mais para aquilo.

Aconteceu que Olavo começou a reparar na amabilidade e atenção de Clara para com êle e viu que aquilo não era só por educação. Era mais. Era amor. No momento ele não tinha o mesmo sentimento para lhe retribuir, mas começou a pensar naquilo. A princípio envaidecido e depois preocupado. É pena que ela não seja bonita, pensava. Mas é tão educada e amável. Será uma boa esposa para quem se casar com ela.

Fôz-se, entretanto, a considerar com mais interêsse os traços simpáticos da sua jovem professora. Prescrutava-lhe as feições, analisava os seus gestos. A bôca não era pequena e o sorriso aumentava-a inconvenientemente, mostrando os dentes irregulares e imperfeitos. Mas os olhos meigos e lípidos fitavam com muita ternura, enquanto o nariz pequeno e arredondado dava-lhe mais graça à fisionomia sorridente. Os cabelos, também, embora mal tratados, não a traíam. Muito finos e secos, esvoaçavam-lhe, descuidosamente, na face morena. E as mãos? Ah! as mãos! Exprimiam harmonia nos gestos e sobretudo sabiam apertar as de Olavo.

Dêstes exames ia saindo uma Clara cada vez mais simpática e necessária para o rapaz. Assim, depois de alguns dias já não fazia mais restrições à sua beleza e à noite enquanto velava, antes de vir o sono, era ela quem ocupava os seus pensamentos. Um dia, êle surpreendeu-se, mesmo, quasi numa confidência com a moça.

— Sabe que esta noite sonhei com você?

— O que é que você sonhou comigo? perguntou Clara com voz terna. Olavo não querendo, porém, fazer uma declaração, respondeu com uma evasiva:

— Oh! uma coisa muito agradável.

Era melhor assim, sem se abrir. Se gostava dele, gostaria dela, mas não precisava dizer. Entretanto, ambos marchavam em suas afeições. Clara já esperava à porta a sua chegada e quando saía fazia coincidir sua saída com a do rapaz. E se dava o caso de Olavo faltar à aula e durante o dia não se terem encontrado, ele dizia:

— Já faz mais de vinte e quatro horas que não a vejo. hein?

— E eu estava contando os minutos, acrescentava ela rindo.

Evidentemente, eles se namoravam e um tinha consciência do sentimento do outro. Ora, isto durou uns meses. Mas o que é o coração humano! Amadurecido o seu sentimento, Olavo entrou de analisar friamente a situação criada. Gostava de Clara, não havia dúvida, porque ela era uma menina amável. Mas longe estava o seu coração de encher-se com aquele amor. As prendas de coração de Clara não compensavam as falhas de sua beleza física. E iria ele imolar-se, inutilmente, a um sentimento que não faria a sua felicidade? Mas por outro lado, estas simples considerações lhe davam uma sensação de culpa, de traição, mesmo, para com Clara, a quem, afinal, ele julgava ter hipotecado os seus sentimentos. E tocava a se acabrunhar naquela dubiedade. Às vezes ele se entregava todo para Clara. Seria feliz. Sim! Clara encher-lhe-ia a existência com sua imensa ternura. Mas lá vinha outro dia em que ele se exasperava. O! era um crime, mas ele pensava mesmo. Ele não amava Clara suficientemente. Sim era uma profanação. Ela merecia muito mais do que o seu amor. Ela era digna. Mas aquilo não estava nele,

Estava nesse estado de espírito, quando um dia D. Dulce, sua mãe, lhe disse:

— Escute, Olavo, você precisa largar dêsse namôro sem graça com Clara. Ela é moça feita, precisa casar. Você está só empantando o tempo dela.

E continuou para si:

--- Oh! êstes meus filhos são uns piegas. Qualquer moça os prende numa cadeia.

Ainda acrescentou alto:

--- O Nicolau era namorado dela. certamert: que desejava casar, quando voltou o outro dia do garimpo. Mas encontrou você com ela, com certeza desistiu.

Oh! naquela hora Olavo viu quanto ainda amava Clara. Uma onda quente de ciúme subiu-lhe pelo peito, as faces lhe queimaram e ele esteve a dizer para D. Dulce:

— Então a senhora não sabe o que é amor, mamãe. Não se lembra mais ou nunca amou.

Mas que cousa maravilhosa! Ele não disse nada! Que controle! Havia de bendizer muito aquela atitude, mais tarde. Ape-

nas à noite quando esteve na casa de Clara tocando violino, foi que elle disse num intervalo:

— Mamãe disse que o Nicolau veio para casar com você, Clara. Disse que eu preciso dar o fora. Elle já era seu namorado antes, não era?

Oh! quanto ciúme lhe custaram aquelas palavras!

Clara mostrou-se ofendida:

— Que conversa é essa, Olavo? . . . Porque eu hei-de casar com Nicolau se eu nada tenho com elle?

— Mas ele era seu namorado. Sempre vinha conversar com você. Jam a bailes . . .

— É ááá, Olavo! . . . Elle vinha mesmo aqui, mas não que eu gostasse dele. Eu também, não posso fechar a porta para quem vem á minha casa.

— Mas mamãe estava dizendo que eu estou só empatando sua vida, porque eu não posso casar ainda e você precisa casar.

— Quanta cousa, gente! . . . Eu não disse para ninguem que já quero casar.

— Então você me espera? Eu ainda vou cursar alguma academia, sabe?

Já estava ficando ridículo. Clara ficou embaraçada com a última pergunta, mas ainda respondeu:

— Esperar? certamente que espero. Não estou exigindo nada.

Ficou nisso. Por umas semanas tiveram horas de verdadeiro idílio. Mas depois, Olavo voltou á mesma dubiedade. Não tinha que ver. Era só acabar com aquilo. Mas Clara era tão digna! Não merecia que fosse abandonada assim como uma namorada qualquer. E Olavo lhe deu aquele bilhetinho lacônico.

Ainda por algum tempo tinha conhecimento das queixas de Clara. Certa vez um amigo lhe disse:

— Clara esta triste. Você foi cruel para ela hein? Diz que lhe mandou um bilherinho enigmático e não apareceu mais.

Olavo desculpou com uma evasiva qualquer. Depois Cândido Maciel foi-se embora para o Sul e levou a família.

Olavo começou uma vida diferente. Livre daquele namoro que elle julgara uma cadeia, sentiu como que uma tontura da liberdade e as suas paixões que estiveram adormecidas até os dezanove anos saíram como a água que rompe o dique. Vieram namoros fáceis e sem compromisso. Começou a gostar das noitadas alegres. As lutas lhe aniquilaram os sentimentos e a sua alma era quasi um frangalho.

Mas a imagem de Clara não se dissipou de todo do seu coração. Era uma recordação pura que resistia á acção corrosiva da dissolução.

E assim se passaram cinco anos. Olavo fizera apenas os preparatórios para engenharia e abandonou os estudos. Estágara no giro da vida.

Um dia estavam todos em casa quando são surpreendidos com uma visita. Era a família de Cândido Maciel que tinha voltado do Sul. Chegaram pelo último avião e na família de Olavo ninguém tivera conhecimento ainda. Grande alegria.

Olavo sentiu uma grande emoção ao ver Clara. Estava uma moça elegante e atraente. Não era mais aquela mocinha desajeitada dos dezoito anos. Tinha it. Tinha graça.

Nesse mesmo dia Olavo teve a dita de verificar que Clara tinha ficado no mesmo ponto de cinco anos atrás. Conversaram cordialmente e num dado momento êle disse:

— Soubemos que você era quasi noiva, Clara.

— Não é exato, disse ela, eu não costumo gostar de mais de uma pessoa e nem sou ventoinha.

— Oh! Clara, eu não a esquecí e muito sofri com aquilo que fiz.

— Olavo sentiu-se imensamente feliz. Considerou a nobreza de Clara e a sua própria pequenez. Era evidentemente, apenas, um pobre coração que balança.

REGIMENTO INTERNO

— D A —

Academia Matogrossense de Letras

Titulo I

Da Administração

art. 1 — A Academia Matogrossense de Letras, com sede em Cuiabá, capital do Estado de Mato-Grosso, na casa Barão de Melgaço, instalada a 7 de setembro de 1932, em virtude da transformação do Centro Matogrossenses de Letras que se fundara a 22 de maio de 1921 se instalara a 7 de setembro do mesmo ano, tem como órgão administrativo, uma diretoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, dois Secretarios (primeiro e segundo) e um tesoureiro, eleitos bienalmente por escrutínio secreto e reelegíveis.

art. 2—Além da Diretoria, funcionarão, com as atribuições que lhe são próprias, duas Comissões especiais encarregadas, a primeira, das contas e do orçamento, e a segunda, da revista e bibliografia.

parágrafo único — Poderão ainda pelo Presidente, ser nomeadas outras comissões, que se fizerem necessarias aos trabalhos notadamente as que se destinam a dar parecer sobre as produções literarias e admissão de socios, a elaborar a história literaria do Estado, seu dicionario bio-bibliografico e a coordena-

nação de elementos destinados á geografia linguística e os estudos de folclore regional.

art. 3 — A Academia manterá, por conta própria, como funcionário auxiliar, um zelador com as atribuições constantes do presente regimento.

paragrafo unico — A critério do Presidente, outros funcionários auxiliares poderão ser contratados, para a execução de serviços necessários à Academia.

Capítulo I

Da Diretoria

art. 4 — A' Diretoria, como supremo órgão de administração da Academia, compete:

I — receber as propostas para socios efetivos ou correspondentes;

II— declarar vagas as cadeiras dos socios efetivos, na forma do art. XXIX, dos Estatutos e extintos os direitos dos socios correspondentes, segundo o art. XXX, daqueles Estatutos;

III convocar sessões extraordinárias, em casos de necessidade ou a requerimento de tres ou mais socios efetivos;

VI—decidir, em grau de recurso definitivo as reclamações dos socios, acerca das deliberações das comissões;

V — exercer o direito de censura sobre os trabalhos a serem proferidos nas sessões públicas, os quais deverão ser lidos à Mesa, com antecedencia de oito dias pelo menos;

VI — praticar todas as atribuições, que pelos Estatutos ou por este Regimento, não tenham sido cometidas privativamente a qualquer de seus membros, comissões ou funcionarios auxiliares.

Secção I

Do Presidente e do Vice-Presidente

art. 5 Ao Presidente compete:

I — dirigir os trabalhos da Academia, presidindo-lhe as sessões e velando pela fiel observancia dos seus Estatutos e mais disposições regimentais;

II — Superintender todos os negocios da Academia quer na sua administração interna, quer nas suas relações externas;

III - representar a Academia judicial e extrajudicial, ativa e passivamente, na conformidade da leis civis em vigor;

IV — exercitar em nome da Mesa, em casos de urgência,

as funções que à mesma cabem privativamente, sujeitando os seus atos à aprovação da aludida Mesa;

V — proferir o voto de qualidade, quando houver empate nas deliberações em sessão, quer da Assembleia, quer da Diretoria;

VI — provêr os cargos da Mesa e das comissões, em caso de vacância, submetendo o ato à aprovação da Mesa;

VII — nomear e demitir livremente os funcionários auxiliares, conceder licença e dar-lhes substitutos interinos;

VIII — rubricar os livros da sociedade e despachar todo o seu expediente;

IX — determinar a convocação das sessões ordinárias e bem assim a publicação dos avisos e editais referentes às eleições e outros assuntos de economia interna;

X — apresentar bienalmente, na sessão de posse da Diretoria, um circunstanciado relatório dos trabalhos da Academia;

X — representar a sociedade em atos festivos ou funebres, ou designar quem o deva fazer;

XII — tomar todas as providências atinentes á boa marcha do serviço, podendo, em caso de necessidade, ordenar a despesas extraordinárias de caráter urgente sujeitas á aprovação da Mesa.

art. 6 — O Vice-Presidente substitua o Presidente em suas faltas ou em seus empidimentos.

Secção II

Dos Secretarios

art. 7 — Ao 1º Secretário compete:

I — dirigir todo expediente da Secretária;

II — redigir e assinar correspondencia official da Academia;

III — providenciar a remessa da correspondencia;

IV — escriturar os livros de matriculas dos sócios, fazendo nele as devidas anotações e alterações;

V — ter a seu cargo, devidamente escriturado, um livro de correspondencia expedida;

VI — conservar sob sua guarda, devidamente catalogados o arquivo da Academia;

VII proceder à apuração das eleições auxiliado pelo 2º Secretário.

art. 8 — Ao 2º Secretário, compete:

I — redigir as atas e lê-las em sessão;

II — fazer leituras do expediente em mesa e providenciar o seu encaminhamento;

III — trazer em boa ordem os livros a seu cargo;

IV — providenciar publicação dos convites para as sessões festivas, editais de convocações de sessões e demais avisos pela imprensa.

VI — ter a seu cargo a biblioteca da Academia, observando o disposto nos artigos, deste Regimento.

art. 9 — Os Secretarios se substituem reciprocamente e substituirão, na falta do Vice-Presidente, o Presidente observando a ordem de sua sucessão

Sessão III

Do Tesoureiro

art. 10 — Ao Tesoureiro compete:

I — conservar sob sua guarda o patrimonio da Academia, quer o proveniente de sua renda ordinária, quer o constituido por doação ou aquisição de outra natureza:

II — superintender todo o serviço de arrecadação de joias mensalidades, assinaturas, anuncios e venda avulsa da revista;

III — efetuar os pagamentos de acordo com as verbas orçamentarias e bem assim as despesas extraordinárias autorizadas pela presidencia;

IV — escriturar os livros competentes, todo o ativo e passivo da Academia e o seu movimento financeiro;

V — apresentar ao Presidente balanço anual de sua gestão, quando da renovação do mandato da Diretoria;

VI — receber quaisquer donativos ou subvenções em dinheiro titulos ou outras especies, inclusive no banco oferecido à Academia, dando recibos ou assinando documentos, termo e escrituras.

art. 11 — O tesoureiro substituirá o Presidente na falta, dos mesarios que o antecedem e será substituido, em suas faltas ou impedimentos, pelo sócio designado pelo Presidente.

Capitula II

Das Comissões

art. 12 — As comissões das contas e do orçamento e da revista e bibliografia, criadas pelo art. XIX, dos estatutos e às quais se refere o art. 2º deste Regimento, serão eleitas na mesma sessão de eleição da Diretoria, em escrutinio secreto, sendo o mandato de seus membros de dois anos e admitida a reeleição.

art. 13 — Cada comissão compor-se-á de tres membros que elegerão o seu Presieente, cabendo a este convocar as sessões sempre que julgar necessário, designar secretario e ter voto de qualidade de nas liberações.

Secção II

Da Comissão das contas e do orçamento

art.14 -- Comissão das contas e do orçamento, terá a seu cargo superintendência e fiscalização imediata dos interesses económicos da Academia, exercitando as seguintes funções:

I — organiza e submeter á aprvação da Diretoria a proposta do orçamento annual, fazendo constar sempre no capitulo de despesa a verba «Eventuais» a fim de que, por essa verba corram as despesas ocasionais, não previstas por outra, possin ser realizadas, sem prejuizo de um «superat», que o orçamento indicará e se destinará ao fundo patrimonial da Academia;

II — examinar e relatar os balanços e prestações de contas do Tesoureiro, dando parecer sobre a sua aprovação pela Diretoria;

III — organizar um arrolamento completo dos bens da Academia como sejam moveis, imovics, material de consumo, sob a responsabilidade do Tesoureiro, do bibliotecario e de outros responsaveis de maneira a facilitar em qualquer época o conhecimento do ativo e passivo.

Secção III

Das Comissão de revista e biografia

art. 15 — Caberá á Comissão de Revista e biografia:

I — redigir coletiva ou isoladamente, sendo neste caso assinado pelo reditor exclusiva, o prefacio da Revista;

II — elaborar notas informativas sobre autores desaparecidos ou sobre trabalhos inéditos;

III — organizar o plano de cada número com a conviniante disposição da matéria, o respectivo sumário, e dando antes a ordem cronologica dos trabalhos lidos nas sessões públicas da Academia;

CAPITULO III

Dos funcionarios auxiliares

SECÇÃO I

Do Bibliotecário

Art. 16 — Ao Bibliotecário compete:

I — zelar pela conservação dos livros, impressos e manuscritos da Biblioteca e catalogá-los precisa e convenientemente;

II — registrar o movimento da Biblioteca, especializando o genero das obras consultadas;

III — apresentar, semestralmente, um quadro demonstrativo do movimento da Biblioteca, ao Presidente

IV — comunicar ao Presidente a responsabilidade em que se achar qualquer sócio pelo extravio dos livros ou sua danificação, declarando o valor da obra extraviada;

V — requisitar ao Presidente os objetos necessários ao expediente da Biblioteca, mediante recibo;

VI — Ter correspondencia com as bibliotecas do país e do estrangeiro, sociedades literárias e científicas e órgãos da imprensa, solicitando-lhes a remessa de suas publicações,

VII — proibir expressamente palestras no recinto de leitura;

VIII — organizar uma sessão especial de obras de autores ou assuntos matogrossenses;

IX — ter devidamente escriturado um livro de doações e compras de obras; um livro de visitas; um livro de catalogo e um livro de carga e descarga para assinatura dos responsáveis.

art. 17 — E' direito exclusivo dos academicos a retirada de livros da Biblioteca pelo prazo de quinze dias, prorogaveis a critério do Bibliotecário, facultada às pessoas extranhas a consulta das obras na séde da Academia.

Paragrafo único — Os dicionários, as revistas de facil extravio, os jornais não encadernados e os manuscritos não poderão sair da Biblioteca;

art. 18 — A Biblioteca funcionará todos os dias uteis, das 9 às 11 horas e das 7 as 9 da noite, nos domingos e feriados, de 1 ás 4 horas da tarde.

SECÇÃO II

Do Zelador

art. 19 — Ao zelador incumbe:

I — — tratar da conservação, ordem e limpeza da sede bem como da respectiva Biblioteca;

II — conservar aberta a sede, nos dias de sessão e durante as horas destinadas à leitura e consulta na Biblioteca;

III — permanecer na sede durante as horas do expediente, dando exato cumprimento às determinações do Presidente e do Bibliotecário, no tocante ao serviço interno e externo;

IV — não permitir a entrada na sede a pessoa que não esteja convenientemente trajada, ou que, pela sua condição, não possa nela ter ingresso;

V — fazer a expedição da correspondencia, de acôrdo com o que lhe fôr determinado.

art. 20 — O zelador terá os vencimentos que forem fixados no orçamento, sendo substituído, nos seus impedimentos ou faltas, por quem a Presidencia designar.

art. 21 — Os demais funcionários auxiliares admitidos de conformidade com o paragrafo único art. 3. do Regimento, exercerão as atribuições que lhes forem admetidas pela Presidencia.

TITULO II

Dos sócios

art. 22 — Os sócios da Academia são efetivos ou correspondentes, sendo os academicos em numero de quarenta e os correspondentes em numero de cinquenta.

CAPITULO I

Dos academicos

art. 23 — Os academicos, depois de empossados, ficam sujeitos aos seguintes deveres.

I — comparecer, assiduamente, às sessões da Academia;

II — exercer todos os cargos e comissões que lhes forem delegados pela Mesa ou para os quais tenham sido eleitos;

III — satisfazer as obrigações pecuniárias constantes da joia e das mensalidades;

— V = REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

IV — comunicar á Mesa, para os efeitos dos artigos X e XI dos Estatutos, o seu afastamento temporário da sede ou a sua mudança de domicilio.

art. 24 — Incluem-se nos direitos dos sócios efetivos:

I — a colaboração na Revista da Academia e o recebimento gratuito desta;

II — a utilização da biblioteca, nos termos deste Regimento;

III — a apresentação de propostas e sugestões nas sessões da Academia;

IV — a faculdade de votar e ser votado para quaisquer cargos da Mesa e ou das Comissões.

V — os lugares especiais nas sessões solenes da Academia.

CAPÍTULO II

Dos sócios correspondentes

art. 25 — Os sócios correspondentes, depois da aceitação expressa do cargo, ficam obrigados a:

I — propugnar pelos interesses da Academia, propagando os principios contidos nos seus estatutos, pela imprensa ou pela tribuna;

II — pagar a joia estabelecida;

III — fazer propaganda da Revista e mais trabalhos editados pela Academia;

art. 26 — Os sócios correspondentes tem direito a um exemplar da Revista, na qual colaborarão e poderão, quando de passagem pela sede, tomar parte nas sessões ordinárias da Academia em ato deliberativo, cabendo-lhes nas sessões festivas lugar especial, iguais aos efetivos.

TÍTULO III

Das sessões

art. 27 — A Academia Matogrossense de Letras funcionará todo o ano, sendo as suas sessões ordinárias realizadas mensalmente em dia e hora previamente anunciados.

art. 28 — A juízo da Diretoria, para tratar de assuntos urgentes, poderá a Academia reunir-se em sessão extraordinária, em qualquer dia e hora.

art. 29 — Haverá, igualmente sessões da Diretoria, que serão convocadas pelo Presidente, para tratar de assuntos da sua competência privativa.

art. 30 — As sessões só poderão realizar-se com a presença no mínimo de tres socios, dos quais um da Diretoria, exceptuando-se as de eleição da Mesa e de sócio efetivo, as quais só poderão funcionar com a presença da maioria dos sócios residentes na séde, podendo, todavia, deliberar com qualquer numero na terceira convocação,

art. 31 — Nas sessões de eleição serão computados os votos enviados em cartas e telegramas, dirigidos ao Presidente e devidamente autenticados,

art. 32 — Para as sessões solenes, de posse ou comemoração literária, serão convidados, pessoalmente, por uma comissão, o Chefe de Estado e o Presidente de Honra, cabendo ao primeiro a presidencia da sessão e direção dos trabalhos ao Presidente da Academia.

§ 1.º — Nas sessões de posse de sócio efetivo, terá assento na Mesa o sócio incumbido de o receber.

§ 2.º — O Presidente da Academia nomeará uma comissão para introduzir na sala das sessões o novo sócio.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 33 — A Academia Matogrossense de Letras mantém, como seu *ex-libris* e brazão, uma rosa e um livro aberto, com a inscrição: "*Pulchritudinis studium habentes*", primitivamente adotada pelo Centro Matogrossense de Letras.

art. 34 — Sempre que fôr possível, a Academia promoverá, além das sessões festivas, leituras públicas de trabalhos dos socios, na sua séde social, as quais serão franqueadas a todos os que as queiram assistir

art. 35 — A Academia patrocinará a formação de sociedades musicais e teatrais, a apresentação de peças desocios ou pessoas oíxtranhas, de preferéncia os de costumes regionais e manterá na sua Revista uma sessão especial para publicar trabalhos dos novos, ao lado de outras duas em que serão reproduzirã produções de escritores desaparecidos e assuntos de atualidade.

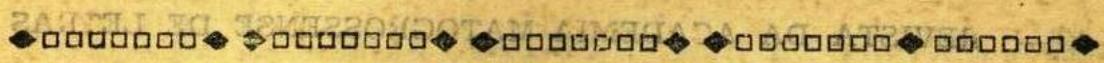
Art. 36 — Este regimento só poderá ser reformado, em todo ou em parte, mediante proposta assinada por um terço, no mínimo, dos sócios presentes na sessão inicial e aprovada, em tres discussões, pela maioria absoluta dos socios efetivos.

Cuiabá, 22 de Outubro de 1946

Luis-Philippe Pereira Leite — Relator

Gervasio Leite

Rubens de Mendonça



O acadêmico Filogonio Corrêa ofereceu, em nome do seu
deputado Ovidio Corrêa o tratado de patronos da cadeira n. 24 Adu-
lino de Amaral, e um exemplar do livro "Vozes do Coração",
em nome do autor o jovem João Antonio Neto.

O sr. presidente comunicou a casa magna da sessão que
se realizava, o falecimento do acadêmico fundador João B. de
Faria, declarando que a Academia esteve representada nos seus
funerais por uma comissão composta do presidente e dos acadê-
micos Filogonio Corrêa e João Pêgo. Depois de ler as
os altos merecimentos do extinto, pôde a inscrição de um voto
de pesar pelo seu desamento.

ATAS

Ata da trigèsima setima sessão ordinaria da Academia Ma-
togrossense de Letras.

Com a presença dos senrs. academicos José de Mesquita,
presidente, Palmiro Pimenta, Amarilio Novis, Benjamim Duarte
Monteiro, A. Cesario Neto, Oscarino Ramos, Isac Pôvoas, Filogo-
nio Corrêa, Ulysses Cuiabano e Francisco F. Mendes, ás 19 horas
do dia 17 de outubro de 1941, realizou se a trigesima setima ses-
são ordinaria da Academia Matogrossense de Letras, em sua séde
social, na casa "Barão de Melgaço".

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi dado conta do
expediente em mesa, que constou do seguintes: officios da Federa-
ção das Academias de Letras do Brasil, de 12 de Março último,
solicitando remessa de coloboração para as Revistas das Academias
de 2 de junho, acerca do 3º Congresso de Escritores Nacionais;
de 12 de julho, sôbre a criação de uma estatua, no Rio, a Tobias
Barreto, e de 19 juiho, ainda referente ao 3º Congresso de Escrito-
res Nacionais; officios da mesma Federação, das Academias Sergi-
pana de Letras, do Circulo de Estudos Bandeirantes, do Instituto
do Ceará do Centro Academico "Horacio Lone" de S. Paulo, da
Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologla, do Rio, do
Clube Esportivo - Feminino e da Associação Comercial desta Ca-
pital, comunicando a eleição e posse das suas diretorias; officios
da Federação das Academias, do Centro de Ciências, Letras e
Artes de Campinas, da Biblioteca Publica Municipal de S. Paulo
e da Universidade de Santo Domingo (Trujilo), referentes à re-
messa de publicações; do sr. Otavio Costa, diretor da Imprensa
Oficial de Estado, comunicando a sua posse; do sr. Eduardo Gon-
çalves agradecendo o carinho que dispensou ao Serviço de Recen-
seamento, respondendo com presteza ao questionario sôbre as ati-
vidades da Academia, e officio da Academia Carioca de Letras
comunicando haver prestado, em sessão, as homenagens ao acade-
mico extinto, Barbosa de Faria e apresentando condolencias pela
perda que sofreu a A. M. de Letras.

O academico Filogonio Corrêa, ofereceu, em nome do academico Ovidio Corrêa o retrato do patrona da cadeira n° 24 Aquilino de Amaral, e um exemplar do livro "Vozes do Coração", em nome do autor o jovem João Antonio Neto.

O sr. presidente, comunicou à casa naquela 10 sessão que se realizava, o falecimento do academico fundador João B. de Faria, declarando que a Academia esteve representada nos seus funerais, por uma comissão composta do presidente e dos academicos Virgilio Correia e Cesario Prado, e depois de frisar os altos merecimentos do extinto, propôs a inserção de um voto de pesar pelo seu pesamento.

Após, com a palavra o academico Oscarino Ramos, requereu tambem, em moção justificada expressivamente, um voto de pesar pela morte do correspondente da Academia em Cáceres, João de Campos Vidal. Ambas as propostas foram unanimente aprovadas.

Foi resolvido comemorar-se, com o concurso de outras sociedades o Dia da Cultura, a 5 de Novembro, e em seguida, o sr. presidente, comunicando achar-se ja no prélo a Revista dêste ano, solicitou para a mesma a colaboração dos senrs, academicos.

O academico Amarilio Novis justificou um voto de congratulações pelo regresso do presidente da Academia sr. José de Mesquita, tendo usado da palavra a seguir o academico Cesario Neto que agradeceu, em breves e significativas palavras, á Academia por ter oconvocado de novo para o seu seio.

A sessão encerrou-se ás 20 horas.

Sala das Reuniões da Academia Matogrossense de Letras, "Casa Barão de Melgaço" em Cuiabá, 2 de Dezembro de 1941.

(a. a.) José de Mesquita
Palmiro Pimenta
Filogonio Correia
Iac Povoas
Oscarino Ramos
Amarilio Novis
Cesario Neto
Ulisses Cuiabano
F. Ferreira Mendes

Ata da trigésima oitava (38ª) reunião ordinária da Academia Matogrossense de Letras.

Com a presença dos senrs. academicos José de Mesquita, presidente, Palmiro Pimenta, vice-presidente, Filogonio Correia, Isac Póvoas, Oscarino Ramos, Amarilio Novis, Cesario Neto, Ulisses Cuiabano e Francisco F. Mendes, em sua sede social, "Casa Barão de Melgaço", ás 19 horas do dia 2 de Dezembro do ano de 1941, realizou-se a trigessima oitava sessão ordinária da Academia Matogrossense de Letras.

Lida e aprovada a ata da última reunião, foi pelo 2º Secretario dado conhecimento do expediente em mesa, que constou do seguinte: officio da Federação das Academias, acusando o telegrama de comunicação de haver sido escolhido Delegado, em substituição ao saudoso João Barbosa de Faria, o academico Cesario Prado, e dêste, agradecendo sua escolha para Delegado da Academia, Junto a F. A. L. B., carta de comunicação do Instituto do Brasil, de sua inauguração e posse dos diretores; officios da União Cultura Brasil—Estado Unidos, pedindo indicação de bibliotecas que devem receber a edição brasileira do livro *Epic of America*, tradução de Monteiro Lobato; e do Consulado do Brasil em Liverpool, pedindo dados sobre a vida intelectual de Mato-Grosso, visto haver sido arrasado num ataque aéreo o edificio, perdendo-se todo o material existente; e carta da academia D. Maria de A. Muller, oferecendo Cr 20,00 para reparos da "Casa Barão de Melgaço" e encaminhando dois livros da autoria do Dr. Tavares Pinhão, para a Biblioteca. Na parte deliberativa foi eleito, para a cadeira nº. 22 (Visconde de Taunay) o correspondente Carlos Castro Brasil, por proposta do academico Ulisses Cuiabano e de acordo com critério estabelecido, de aproveitamento dos correspondentes residentes no Estado. Por indicação academico Filogonio Correia, foi nomeada uma Comissão para representar a Academas festas comemorativas do 25º aniversário do Grêmio Julia Lopes. O sr. presidente congratulou-se com a casa pela visita honrosa do Dr. Luiz de Castro Faria, representante do Serviço do Patrimonio Historico e Artístico Nacional.

A sessão encerrou-se ás 20 1/2 horas.

Sala das reuniões da Academia Matogrossense de Letras, "Casa Barão de Melgaço" em Cuiabá, 22 de Janeiro de 1942.

(a. a) José de Mesquita
 Palmiro Pimenta
 Philogonio Correia
 Isac Povoas
 A. Fernandes de Souza

Ata da trigésima nona (39ª) reunião ordinária da Academia Matogrossense de Letras.

Com a presença dos senrs. academicos José de Mesquita, presidente, Palmiro Pimenta, Philogonio Corrêia, Isac Povoas, e Antonio Fernandes de Souza, tendo-se feito representar pelo primeiro os academicos Francisco F. Mendes e Ulisses Cuiabano, realizou a Academia Matogrossense de Letras, em sua sede social Casa Barão de Melgaço, às 19,30 horas do dia 22 de Janeiro de 1942, a sua trigésima nona (39ª) reunião ordinária.

Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foi pelo 1º Secretario Philogonio Correia, dado ciência do expediente em mesa, que constou do seguinte: — carta do academico Francisco F. Mendes, justificando sua ausência à sessão; carta do sr. Augusto Carstens, agradecendo as condolencias da Academia pelo passamento do seu pai: o academico correspondente João Cristiano Carstens; carta do presidente da Federação das Academias, comunicando haver sido elevado a 3º o número dos Delegados das Academias filiadas junto ao órgão central; officio do Sr. Caçildo Hugueney, prefeito do Alto Araguaia, agradecendo a remessa de livros e revista para a biblioteca daquela Prefeitura; cartão de Boas festas Linotipo do Brasil S. A.; e officio do União Cultural Brasileira, remetendo exemplares do regulamento do concurso do melhor livro sobre os Estados Unidos.

Na ordem do dia foi eleito, por unanimidade, o academico Nilo Povoas para Delegado de A. Matogrossense de Letras junto à Federação das Academias. A Academia resolveu fazer-se representar por uma comissão composta dos academicos José de Mesquita e Palmiro Pimenta e prof. Firmo Rodrigues, pelo Instituto Histórico, à chegada do Presidente de Honra, Arcebispo D. Aquino Corrêia, devendo a mesma Comissão apresentar ao egrégio antiste, além das boas vindas dos seus confrades, as felicitações pelo triunfo que foi a sua oração na inauguração da cripta do monumento aos heróis da Laguna e Dourados a 15 de Novembro pp. no Rio.

Uou da palavra para proferir um conceituoso e brilhante elogio fúnebre do academico Cristiano Carstens, o academico Philogonio Correia, que terminou requerendo a inserção na ata dos trabalhos, de um voto de profundo pesar, pelo desaparecimento daquele membro correspondente do sodalicio. A proposta foi unanimemente aprovada, tendo o presidente José de Mesquita, solicitado que o academico Philogonio Correia fizesse um transunto do expressivo necrológio para ser para arquivado nas páginas da

Revista, ora no prélo, como um justo preito à memória do saudoso confrade recém-falecido. E nada mais havendo a tratar-se o sr. Presidente deu por encerrada a reunião às 20 1/2 horas.

Salão das Reuniões no Seminário da Conceição em Cuiabá,
8 de Abril de 1942.

(a.a.) Francisco Arcebispo de Cuiabá
 José de Mesquita
 Palmiro Pimenta
 Philogonio Corrêa
 Isac Povoas
 Oscarino Ramos
 Amarilio Novis
 Cesário Neto
 Ulisses Cuiabano
 F. Ferreira Mendes

